



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO IF
SERTÃO – UNIDADE ACADÊMICA SALGUEIRO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

CRISTÓVÃO MAIA FILHO

**NÃO SEI, SÓ SEI QUE FOI ASSIM: IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES QUE
CONTRIBUEM PARA A DISSEMINAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO ENTRE OS
DISCENTES DO CAMPUS CRATO DO IFCE**

**Salgueiro/PE
2025**

CRISTÓVÃO MAIA FILHO

NÃO SEI, SÓ SEI QUE FOI ASSIM: IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A DISSEMINAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO ENTRE OS DISCENTES DO CAMPUS CRATO DO IFCE

Dissertação apresentada para o Colegiado do Mestrado Profissional em Rede Nacional em Educação Profissional e Tecnológica, ProFepT como requisito para obtenção do título de mestre.

Aprovado em: 21/10/2025

BANCA EXAMINADORA

Francisco Kelsen de Oliveira
Coordenador adjunto do ProfEPT IFSertão-PE

Cristiane Ayala de Oliveira Leães
Presidente da Banca

Francisco Kelsen de Oliveira
Membro Interno – ProfEPT IFSertão-PE

Kelvya Freitas Abreu Membro Interno
ProfEPT IFSertão-PE

George Henrique Camelo Guimarães
Membro Externo – IFPE

**Salgueiro/PE
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F478 Filho, Cristovao Maia.

NÃO SEI, SÓ SEI QUE FOI ASSIM : IDENTIFICAÇÃO DOS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA A DISSEMINAÇÃO DA DESINFORMAÇÃO ENTRE OS DISCENTES DO CAMPUS CRATO DO IFCE / Cristovao Maia Filho. - Salgueiro, 2025.
125 f.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Salgueiro, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Cristiane Ayala de Oliveira Leães.
Coorientação: Dr. Francisco Kelsen de Oliveira.

1. Educação. I. Título.

CDD 370

DEDICATÓRIA

Antes de tudo, dedico este trabalho à Deus, que é a verdade suprema tanto no mundo espiritual, que consiste em igualar todos os homens, quanto no mundo material, que se materializa na democracia e nos direitos humanos .

Por fim, dedico a um futuro sem que a ciência seja tomada como vilã, ao contrário, seja ela a verdadeira causa da luta contra a desinformação.

Também dedico a todos os Professores, que durante os anos de vergonha do governo de extrema direita no Brasil (2019-2023) foram alvo de mentiras e de perseguições. Professores são a voz da ciência e sem eles um país não passa de uma “ruma” de conservadores hipócritas.

AGRADECIMENTOS

A todos os que lutaram e lutam pela liberdade de fazer ciência e contra a desinformação, esta que macula a democracia.

Aos meus pais, Altina e Cristóvão, que em sua simplicidade me mostraram como ser forte sem perder a ternura. Papai, sinto sua falta, falta de nossas conversas sobre o Vasco.

A minha tia-mãe Lisieux, que também já se foi, mas que deve estar no céu exercendo o que melhor soube fazer na terra, disseminar conhecimentos.

A minha grande fortaleza de vida, que apesar de dura, sempre busca crescer em comunhão com o amor que nos uniu. Thauany, te amo !!!

Aos meus filhos Yasmine e Heitor, que a vida e suas escolhas os tornem grandes.

Aos meus irmão e sobrinhos que estiveram comigo nessa luta pelo conhecimento. A minha cachorrinha, Cristhau Maria, por ter trazido muita alegria para nossas vidas.

Ao Professor João Alberto, que abriu as portas do IFCE-Crato para minha pesquisa, um grande amigo de infância no futebol e, agora, um parceiro na pesquisa.

Aos colegas e colegas de mestrado, que juntos trilharam os caminhos do conhecimento e o sofrimento da dissertação, em especial à Denise, que compartilhou muitos momentos conosco durante a construção da dissertação. Conseguimos!!!!

À minha turma de mestrado de viagem: Francisca (deixe ela!!), Djane e Regiane, muito sonhamos naquelas estradas para Salgueiro, muito concretizamos naquele futuro incerto.

A minha orientadora, Professora Doutora Christiane Ayala, que com muita paciência me conduziu ao final desta etapa.

Por fim, um agradecimento especial ao Professor Doutor Kelsen, mestre por natureza, luz que muito nos conduziu nesta fase. Paciente e dedicado, mostrou-me como ser um verdadeiro disseminador da informação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Distribuição do Gênero da Amostra	61
Figura 2: Fontes de Informação Mais Utilizadas Pelos Estudantes	62
Figura 3: Meios Virtuais Mais Utilizados Para se Informar	64
Figura 4: Frequência de Verificação das Informações	65
Figura 5: Crença nos Impactos Causados Pela Desinformação na Sociedade	67
Figura 6: Crença nos Impactos Causados Pela Desinformação no Ambientes Escolar	68
Figura 7: Principais Fatores que Contribuem para Disseminação da Desinformação ..	70
Figura 8: Medidas Para Minimizar a Disseminação da Desinformação	73
Figura 9: Avaliação da Confiança nos Meios de Informação	75
Figura 10: Temas Mais Compartilhados Frequentemente	77
Figura 11: Motivos Para Compartilhamento nas Redes Sociais	78
Figura 12: A Desinformação Pode Prejudicar na Escola?	80
Figura 13: Eixos Sugeridos Pelos Alunos Para o Combate à Desinformação	82

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

BREXIT - British (britânico) e exit (saída)

COVID – Corona Vírus Disease (Doença do Corona Vírus)

CTIEM – IFCE- Curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Ceará - Campus Crato

EPT - Educação Profissional e Tecnológica

EUA - Estados Unidos da América

FEB - Força Expedicionária Brasileira

IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Campus Crato

IFSertãoPE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano

IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

IFs – Institutos Federais

IFSC - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

USP – Universidade de São Paulo

PPC – Proposta Pedagógica Curricular

Unicamp - Universidade de Campinas

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
3 O DEBATE TEÓRICO SOBRE A DESINFORMAÇÃO	19
3.1 O Desenvolvimento do Conceito de Desinformação	23
3.2. O Processo de Credibilidade da Desinformação	24
4 ANÁLISE GERAL SOBRE A DESINFORMAÇÃO	31
4.1 Debate Sobre o Conceito de Desinformação	33
4.2 O Conceito de Desinformação	33
4.3 História da Desinformação	38
4.4 Características da Desinformação	44
4.5 Consequências da Desinformação	53
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	60
6 PRODUTO EDUCACIONAL	85
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
8 REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista	103
APÊNDICE B – Registro de assentimento livre e esclarecido para adultos não alfabetizados, crianças, adolescentes e pessoas legalmente incapazes	107
APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido (para maiores de 18 anos ou emancipados)	111
APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Para Pais ou Responsáveis Legais de adultos não alfabetizados ou juridicamente incapazes	115
APÊNDICE E – Produto Educacional	116

RESUMO

A desinformação tem-se constituído um problema na sociedade pós-moderna, afetado o processo de aprendizado em todos os níveis educacionais, inclusive no Ensino Profissional e Tecnológico. Nesse sentido, a presente pesquisa apresenta como problema identificar os fatores que contribuem para disseminação da desinformação entre os alunos dos campus Crato do IFCE. Para nortear o estudo, elegemos como hipótese que a ausência de debate sobre o tema pode ser considerado um fator que favorece a disseminação das notícias falsas. Assim, visa-se, com a pesquisa apresentar a evolução histórica e conceitual da desinformação, pesquisar os fatores que influenciam na disseminação da desinformação, categorizar os principais fatores influenciadores na disseminação da desinformação e desenvolver o produto educativo a partir das experiências teórico-práticas vivenciadas na construção do texto final. Metodologicamente, temos a pesquisa consiste em uma análise de conteúdo, de natureza exploratória, de abordagem do tipo qualitativo cuja coleta de dados foi feita por meio de entrevista semiestruturada através da aplicação de formulário e da utilização de a pesquisa documental e bibliográfica. Por fim, em relação à sua natureza, a pesquisa será do tipo aplicada, pois visa ao desenvolvimento de um produto educacional. Ao final constamos que embora os estudantes percebam a existência e os impactos da desinformação, carecem de formação crítica e metodológica para enfrentá-la de forma sistemática. A partir dos dados levantados, constatou-se haver a necessidade de inserir práticas de educação midiática no contexto dos Institutos Federais, possibilitando que os jovens desenvolvam competências para analisar criticamente as informações, reconhecer fontes confiáveis e atuar de forma ética no ambiente digital.

Palavras-chave: *Fake News, Viés de Confirmação, Pós-Modernidade, Mediadoras.*

ABSTRACT

Disinformation has become a problem in postmodern society, affecting the learning process at all educational levels, including Vocational and Technological Education. In this sense, the present research aims to analyze the factors that contribute to the dissemination of disinformation among students at the Crato campus of IFCE. To guide the study, we hypothesize that the absence of debate on the subject can be considered a factor that favors the dissemination of fake news. Thus, the research aims to present the historical and conceptual evolution of disinformation, investigate the factors that influence the dissemination of disinformation, categorize the main influencing factors in the dissemination of disinformation, and develop an educational product based on the theoretical and practical experiences lived in the construction of the final text. Methodologically, the research consists of a content analysis, of an exploratory nature, with a qualitative approach, whose data collection was carried out through semi-structured interviews using a questionnaire and the use of documentary and bibliographic research. Finally, regarding its nature, the research will be applied, as it aims at the development of an educational product. In conclusion, we found that although students perceive the existence and impacts of misinformation, they lack critical and methodological training to confront it systematically. Based on the data collected, it was found that there is a need to incorporate media literacy practices in the context of Federal Institutes, enabling young people to develop skills to critically analyze information, recognize reliable sources, and act ethically in the digital environment.

Keywords: Fake News, Confirmation Bias, Post-Modernity, Mediators.

1 INTRODUÇÃO

No romance *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, aparece a personagem Chicó, um exímio contador de “causos”, mas também um mentiroso ingênuo que para sustentar tais mentiras recorre a expressão “não sei, só sei que foi assim”, o que aparentemente resolve a questão da ausência de fundamentação de suas histórias e da dúvida sobre a veracidade do conto. Nesse sentido, a frase citada por Chicó pode simbolizar a atual condição da ausência de fundamento das informações no mundo virtual e seus impactos no mundo real. Obviamente, não estamos imputando a Ariano Suassuna a intenção de criar uma personagem que instigasse a proliferação de desinformação, pois a escolha da expressão serve-nos unicamente como uma forma pedagógica de chamar a atenção para o fato de que as pessoas propagam histórias ou fatos de forma automática sem, no entanto, preocupar-se em buscar a veracidade e os fundamentos da informação que lhes chega através dos meios virtuais.

Com a massificação do acesso aos meios digitais de comunicação, as formas de produção e de disseminação da informação passaram de um modelo concentrado, quando eram monopolizadas pelos grandes conglomerados de empresas jornalísticas, para um modelo difuso em que os conteúdos podem ser produzidos tanto por empresas que não são necessariamente de comunicação, como por indivíduos, bastando ter um *smartfone*. Esse processo de massificação das tecnologias e da elaboração dos conteúdos dificultou o seu controle qualitativo, no sentido de que os fundamentos dos conteúdos e as suas fontes deixaram de ser precisos passando a ser baseados na subjetividade dos indivíduos. Assim, a chamada sociedade da informação foi sendo redimensionada para um modelo de sociedade de desinformação ou pelo menos uma sociedade de desconfiança na comunicação.

Nessa seara, foi relevante para o processo de fortalecimento da desinformação a implosão da confiança nas explicações provenientes do conhecimento acadêmico, fato este que deflagrou a possibilidade da pulverização de opiniões desprovidas de fundamentos científicos, sendo sedimentadas no apelo ao sentimentalismo e na crença personalizada na figura de uma pessoa com muitos seguidores nas redes sociais. Dessa forma, passou-se a dar credibilidade e atenção não ao conteúdo da informação em si, mas à figura do interlocutor cujo lastro se baseia na quantidade de seguidores nas redes sociais, uma verdadeira personificação da ciência.

Por outro lado, essa pulverização da informação trouxe outro fato relevante para a disseminação da desinformação, seu uso como instrumento político. Apesar de se reconhecer que o uso da desinformação não é algo novo nos meios políticos, conforme D'Ancona (2018, p. 09), essa instrumentalização ficou mais patente a partir de meados de 2016, “sobretudo depois do chamado “Brexit” (British (britânico) e exit (saída)) e da vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais estadunidenses para seu primeiro mandato. Dois anos depois, em 2018, nas eleições presidenciais do Brasil em um contexto de um país muito polarizado, a desinformação tomou proporções muito grandes, tanto que a pesquisadora Tatiana Dourado (2020, p.134) registrou a circulação de 346 notícias falsas no período eleitoral daquele ano, compilando só os desmentidos publicados pelas cinco principais agências de checagem do Brasil. A avalanche de mentiras, conforme a citada autoria, começou com 56 casos em agosto, passou para 100 em setembro e atingiu um pico de 190 em outubro. Dessa forma, a desinformação passou a fazer parte dos instrumentos de influência política, mesmo que de forma negativa.

A consequência disso foi o esvaziamento dos debates a respeito dos perigos que as informações falsas provocam não só na esfera política, mas também atingiu a esfera educacional através do processo de desvalorização da educação e dos docentes como profissionais mediadores do conhecimento por meio do ensino-aprendizado e da informação. A partir disso, surgiram propostas de ensino alternativo como o *homeschooling* (educação em casa). Ao lado do *homeschooling*, também vieram ideias de ensino híbrido ou do ensino totalmente remoto, práticas que relativizam e deixam de lado o papel social da educação por meio da convivência entre os estudantes nas instituições educacionais, num verdadeiro movimento de relativização do conhecimento científico, jurídico e educacional.

O fomento da relativização da produção e divulgação do conhecimento como um processo social e científico produzido pelas relações desenvolvidas nos ambientes educacionais e no cotidiano, tomou corpo a partir da contestação das formas oficiais de educação e foi reforçado por meio da desvalorização da ciência. Esse processo se deu por meio do constante “bombardeamento” de informações falsas através de *fake news*, que consiste em uma forma de se disseminar a desinformação com objetivos escusos e determinados (sejam econômicos ou políticos).

Diante desse desnorteamento dos campos político e educacional, esta enquanto instrumento de combate aos preconceitos e de fomento ao desenvolvimento da ciência, os estudantes são afetados diretamente pelas fábrica de desinformação que se disseminou

mundialmente. Nesse sentido, quais são os principais fatores que influenciam a disseminação da desinformação entre os estudantes do IFCE-Campus Crato (Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Ceará, Campus Crato)?

Creamos que uma hipótese para solucionar o problema acima citado encontra-se na ausência de debate sobre o tema, fator este que pode favorecer a disseminação das notícias falsas, principalmente quanto temos em conta que os professores e pais estão sendo constantemente substituídos pela presença dos chamados *influencers*, pessoas comuns que atingem um determinado alcance nas redes sociais e, com isso, passam a adquirir nesse meio uma credibilidade devido à quantidade de “seguidores” e de anunciantes que agregam em torno de si.

O tema apresenta relevância acadêmica, pois diagnosticou os principais fatores que suportam a disseminação da desinformação entre os jovens estudantes do Ensino Profissional e Tecnológico. Nesse sentido, podemos ter que a relação entre a desinformação e o ensino técnico pode ser abordada de várias maneiras, como no plano didático, quando inclui a noção de currículo enquanto instrumento ideológico, uma vez que a disseminação de informações incorretas ou enganosas pode afetar negativamente a educação técnica, tendo em vista que essa modalidade educativa visa a preparar estudantes com habilidades específicas necessárias para suas carreiras, tais como lhe dar com problemas práticos ou propor novas soluções para os problemas que surgem, muitas vezes em áreas de tecnologia, ciência e inovação. Portanto, informações enganosas podem ter consequências prejudiciais não só que se refere ao conteúdo discutido nas salas de aulas, como também em relação às habilidades e competências profissionais a serem desenvolvidas.

Outro impacto é de porte instrumental e impacta nas formas de mediação da informação, e diz respeito ao descrédito que as *fake news* promovem e fomentam em relação às instituições de ensino, aos professores e aos pesquisadores que se tornaram frequentemente alvos. Isso pode prejudicar sua reputação e credibilidade, afetando a confiança dos estudantes em relação às fontes de conhecimento e suas relações com os profissionais da educação como mediadores do conhecimento. Finalmente, sobre a própria existência da educação presencial enquanto instrumento de sociabilização, disseminando ideia de que são onerosas, tanto em relação ao tempo gasto com o deslocamento quanto pela ideia de oneração do Estado para manter a sua estrutura.

Dessa forma, as notícias falsas podem afastar os estudantes das instituições de ensino quando fomentam o seu individualismo e descaracterizam o processo de

sociabilidade como sendo essencial para o desenvolvimento de sua intelectualidade. Ao mesmo tempo, a desinformação torna o aluno dependente do mundo virtual e o afasta do mundo social, dessensibilizando as relações pessoais e distanciando-o dos espaços de construção humana e cultural.

Dessa forma, combater a desqualificação profissional envolve promover a justiça e a equidade nas carreiras das pessoas, enquanto combater as *fake news* requer educação e vigilância para identificar e desmentir informações falsas. Ambos são essenciais para promover um ambiente de informação confiável e um mundo mais justo e de proteção e fomento aos pilares da EPT que são o trabalho como princípio educativo, a formação humana integral e a politecnia. Esses pilares orientam a EPT como uma formação emancipadora que integra educação, prática social e setores produtivos, articulando o trabalho como base para a aprendizagem e preparando o indivíduo de forma completa.

De forma geral, o estudo se torna relevante e se justifica devido à necessidade de desenvolver novas formas de discutir o tema como meio de resistência ao uso abusivo dos instrumentos de comunicação, ampliando-se as fontes bibliográficas sobre o assunto a partir de uma nova reflexão sobre a necessidade de se regulamentar o acesso às variadas mídias, principalmente quando observamos a desinformação permeando o campo educacional e despromovendo a ciência e o conhecimento tradicional em favor de conteúdos desprovidos de consistência intelectual, sem fundamentos técnicos e proferidos por pessoas sem a qualificação acadêmica necessária para promover a educação. É nesse sentido que a pesquisa dialoga com a linha de pesquisa Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

Em síntese, a presente dissertação buscou evidenciar como a instituições educacionais , especialmente no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, pode se posicionar como um espaço estratégico de resistência à desinformação. A partir da escuta ativa dos estudantes, da sistematização teórica e da produção de um material educativo, espera-se contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais críticas, reflexivas e comprometidas com a formação cidadã em tempos de incerteza informacional.

Por fim, o estudo apresenta como objetivo geral o de identificar os fatores que mais influenciam na disseminação da desinformação entre os alunos do IFCE-Crato. Para dar mais robustez e direcionamento à pesquisa, temos como Objetivos Específicos: apresentar a evolução histórica e conceitual da desinformação, pesquisar os fatores que influenciam na disseminação da Desinformação; categorizar os principais fatores

influenciadores na disseminação da Desinformação e desenvolver o produto educativo a partir das experiências teórico-práticas vivenciadas na construção do texto final.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como pressuposto de abordagem, a pesquisa tem como base filosófica o estudo crítico e analítico do objeto. Assim, para instrumentalizar a pesquisa procedeu-se a um estudo baseado no método de análise de conteúdo, tendo em vista a necessidade da construção de um texto reflexivo e não apenas conceitual, principalmente quando tratamos de um tema que interessa não somente à comunidade escolar, mas a toda a sociedade que sofre os impactos das notícias falsas. Atente-se para o fato de que a Pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Plataforma Brasil e recebeu autorização sob parecer de número 7.456.698.

Quanto aos métodos temos uma Pesquisa Exploratória, pois por meio dela visamos a nos aproximar do objeto proposto para melhor conhecê-lo, tendo em vista a necessidade de nos familiarizar melhor com seus pressupostos por meio do contato com a literatura da área, através de entrevistas com pessoas que intervém diretamente com o objeto e com o problema do estudo. A partir disso, podemos analisar os pontos principais e propor discussões que possam auxiliar na construção de soluções para a problemática, além de poder analisar as fontes primárias como fundamento para conhecer melhor o objeto.

Em relação à abordagem, a pesquisa se identifica com o Tipo Qualitativo, por expressar melhor a natureza do estudo, pois torna-se mais adequada para compreender os discursos dos entrevistados. Nesse sentido, a partir da utilização de pesquisa semiestruturada, com questões objetivas e subjetivas que abordaram os conceitos de desinformação, de confiabilidade nas informações, de fontes de informação e nos meios de comunicação em quais estas sejam vinculadas a que tem acesso, busca-se subsídios para construção do texto final.

A coleta de dados foi feita através da aplicação de questionário, por ser uma das técnicas mais aceitas em pesquisas sociais tendo em vista sua praticidade e pela simplicidade de seu manuseio, tendo como vantagens sua maior abrangência, eficiência na obtenção dos dados, classificação e interpretação. A estratégia de investigação selecionada foi a dos métodos simultâneos por meio questões semiestruturada e aplicação de questionário. Também foi utilizada a pesquisa documental que, conforme Lakatos e Marconi (2001, p.193), consiste na coleta de dados em fontes primárias, como documentos escritos ou não pertencentes a arquivos públicos ou a arquivos particulares de instituições e domicílios, e fontes estatísticas.

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa é de cunho Bibliográfico, que se debruçou sobre o estudo de obras literárias, de artigos (físicos ou virtuais) nas áreas de educação, métodos pedagógicos, ciências sociais, entre outros.

Como abordamos pessoas diretamente relacionadas no processo ensino-aprendizado, no caso os Estudantes do Curso Técnico Integrado em Informática para Internet, coletando dados e opiniões para compor a análise do objeto e a construção do texto, temos uma Pesquisa Levantamento.

Por fim, em relação à sua natureza, a pesquisa é do Tipo Aplicada, pois visou ao desenvolvimento de um produto educacional a partir dos dados e entrevistas colhidos para, com isso, poder intervir sobre o problema específico.

A população, no momento da construção da pesquisa, consistia em um número 170 alunos computados todos os semestres do curso de Curso Técnico em Informática para Internet do Campus Crato do Instituto Federal do Ceará, conforme dados que nos foram fornecidos pela administração do curso.

Na escolha da amostra, utilizamos o modelo Representativo, ou seja, aquela que se refere a todos os membros de um grupo de pessoas que tenham as mesmas oportunidades de participar da pesquisa. Nesse sentido, optou-se pela amostra Probabilística com amostragem aleatória simples, para que todos os alunos, independente do gênero ou de qualquer outra variável pudesse participar. É importante destacar que a faixa-etária da amostra é de pessoas bem jovens, variando entre 15 e 17 anos, sendo que apenas uma pessoa se apresentou como adulta de 18 anos.

No que diz respeito à amostra, para termos um nível de confiança de 90%, de uma população de 170 alunos, com uma margem de erro de até 7%, o tamanho ideal da amostra foi calculada em 30 alunos. Essa amostra foi elaborada com o uso da ferramenta digital Calculadora Digital, obtida a partir do site <https://pt.surveymonkey.com/mp/sample-size-calculator/>

Quanto ao percurso metodológico, após coletar os dados, fizemos o confronto entre a abordagem teórica e a abordagem de campo num movimento de análise e de interpretação em busca de significados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo, que consiste em um instrumento que possibilita que o pesquisador investigue de forma detalhada o comportamento humano, seja ele expresso por meio oral, escrito ou ainda visual. Para arrecadação dos dados, no 1º momento fez-se a explicação do objeto e do objetivo da pesquisa e das regras de proteção aos dados dos participantes. Em seguida o Professor João Alberto, titular do curso pesquisado fez escolha dos participantes de forma

aleatória e aplicação dos questionários. Depois de ter acesso aos dados, procedemos às seguintes etapas:

- a) Categorizar os dados – a partir de características comuns aos dados foram classificados em grupos criados a partir desses achados, incluindo os dados nos grupos correspondentes.
- b) Identificar padrões – após a categorização dos dados, é a hora de buscar os padrões que apareceram nas respostas, observações e descobertas.
- c) Cruzamento de dados – muito importante, tendo em vista que a associação entre os dados trazem os elementos mais relevantes da entrevistas para sustentar os argumentos.

Como critério de inclusão para fazer parte da amostra, foi necessário que o pesquisado estivesse matriculado e frequentando o Curso Técnico em Informática para Internet do Instituto Federal do Ceará, campus Crato.

Quanto ao *locus* de pesquisa, o campus Crato é formado por uma diversidade de cursos, seja de nível médio ou superior, abrangendo áreas de Agropecuária, Lazer, Agroindústria e Informática Para Internet, no nível médio; e nos cursos técnicos subsequentes aparecem Zootecnia, Letras Português-Espanhol e Sistema de Informação. Nosso foco de pesquisa foi o Curso Técnico em Informática para Internet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Campus Crato - IFCE Crato, cuja modalidade é a integrada ao ensino médio e funciona em regime de tempo integral (manhã e tarde). Tem como área de estudo a Informática na modalidade Integrado e sua duração é de 6 semestres (3 anos). A coleta foi feita no segundo semestre do ano de 2024, mais precisamente nos meses de julho a novembro.

O Curso de Informática Para Internet foi escolhido por conta de sua proximidade com o mundo virtual e por conta dessa proximidade, intentamos pesquisar se as pessoas que lidam com a internet diuturnamente estão preparadas para as armadilhas que existem na disseminação da notícias falsas, pois, como a própria apresentação do curso no site IFCE Campus Crato coloca que o curso de Informática para Internet busca formar profissionais com responsabilidade social por meio da consolidação de um perfil baseado no saber fazer da transição de dados mas com base na ética e respeito aos direitos humanos.

A análise do Referencial Teórico fez-se pertinente aos assuntos, mas que não inviabiliza a utilização de referências ligadas às demais áreas das Ciências Sociais

(Sociologia, Filosofia, Antropologia e Ciência Política:- livros, artigos científicos, PDFs, sites, documentários, vídeos e demais referenciais sobre o tema.

O instrumento de coleta de dado foi um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas abordando pontos pertinentes à desinformação, tais como o conhecimento a respeito da existência do objeto de pesquisa, se o entrevistado busca saber da veracidade da informação antes de repassá-la, entre outros elementos que favorecem a disseminação da desinformação. Tais entrevistas foram norteadas pelo termo de esclarecimento de livre consentimento, enfatizando o uso das informações apenas para os efeitos da pesquisa e da total sigilosidade.

Saliente-se que toda a pesquisa, no que diz respeito ao trato com pessoas, foi sustentada pelo consentimento informado (com todas as minúcias e detalhes) da confidencialidade dos dados e da submissão do projeto aos comitê de ética em pesquisa. Nesse sentido, os nomes dos entrevistados não apareceram no formulário, apenas se identificando pelo número de telefone, lhes dando uma maior proteção e sigilo, além da segurança nas respostas. Assim, os dados apostos nos formulário são de uso exclusivo na pesquisa, não podendo ser fornecidos a qualquer título para outros fins, salvo o previsto em lei. Com isso se garante a privacidade, o sigilo e confidencialidade e o modo de efetivação. Protocolos específicos da área de ciências humanas que, por sua natureza, possibilitam a revelação da identidade dos seus participantes de pesquisa, poderão estar isentos da obrigatoriedade da garantia de sigilo e confidencialidade, desde que o participante seja devidamente informados e dê o seu consentimento.

A pesquisa não ofereceu riscos aos entrevistados nem à instituição a qual estão atrelados, pois não afetava a relação trabalhista nem qualquer outro tipo de relação existente. Mesmo assim, asseguramos os necessários cuidados no caso de danos aos indivíduo e os possíveis benefícios, diretos ou indiretos, para a população estudada e a sociedade, principalmente por meio da garantia de sua imagem.

Conforme resolução 466/12, os riscos podem ser “possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente” e que é de responsabilidade do pesquisador, patrocinador e das instituições e/ou organizações envolvidas nas diferentes fases da pesquisa “proporcionar assistência imediata, nos termos do item II.3, bem como responsabilizar-se pela assistência integral aos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa”.

Como benefício, a pesquisa gerou um debate em torno dos principais fatores que geram a disseminação da desinformação entre os alunos do Campus do Crato do IFCE. Diante disso, será possível orientar os alunos do Instituto a respeito dos cuidados que devem ter ao receber e repassar uma informação que lhes seja dirigida pelos meios virtuais.

3 O DEBATE TEÓRICO SOBRE A DESINFORMAÇÃO

Antes de iniciarmos o debate sobre os aspectos relacionados diretamente com a questão da desinformação, é necessário atentar para o fato de que a informação se converteu em um produto como qualquer outro. Se é um produto, tem valor de comércio e pode ser negociado conforme a necessidade do mercado.

Nesse sentido, temos que destacar a influência das chamadas *big-techs*, grandes empresas de tecnologias e informações presentes no mercado que coletam e processam dados (informações) para desenvolver produtos ou serviços para os consumidores. Assim, a informação passa a ser concebida e processada conforme o interesse e o gosto do mercado. Nesse sentido, ao se referir ao interesses das *big-techs*, Santin e Dai Pra (2022) enfatizam que

Assim, as empresas de tecnologia que dominam as redes sociais possuem um poder invisível e sem precedentes sobre bilhões de pessoas em todo o mundo, difundindo uma cultura de exaltação à popularidade digital que se dá a partir das interações entre os usuários, premiando os que recebem mais “curtidas” e “seguidores”. Assim, nesse valioso mercado de dados, o grau máximo de sucesso on-line é obter a condição de influenciador digital. Protagonizar e ditar tendências aos seus “seguidores”, satisfazendo-se assim em ser o centro momentâneo das atenções. Porém, para as *big-techs*, o que interessa é manter o indivíduo conectado e consumindo bens, serviços, informação e conteúdo, nem que para isso seja necessário restringir o seu acesso a uma pluralidade de ideias que, por talvez não se enquadarem com as suas preferências, podem vir a fazer com que o indivíduo desvie sua atenção para outra coisa que não aquela rede social.

A partir da transformação da informação em produto de consumo, passamos a compreender que há uma necessidade de se desenvolver consumidores e isso somente foi possível a partir da relativização do conceito de verdade científica. Nesse sentido, quando discutimos desinformação se faz necessário entender o contexto histórico no qual se situa, tendo em conta que sua disseminação está ligada principalmente ao conceito de Pós-Verdade que, conforme D'Ancona (2018, p. 10) se encaixa no que hoje é considerada uma era do “colapso da confiança” que permite sua ascensão e concretização, não por acaso, contendo interesses ideológicos.

A Pós-Verdade é um fenômeno de interpretação da realidade que vem se concretizando com o escalonamento de uma sociedade informacional. Sua base de sustentação se finca sobre o negativismo da ciência, normalmente promovido por pessoas sem a devida formação científica para discussão de temas específicos. Outro fator de sustentação é o denominado viés cognitivo, baseado em crenças pessoais (individuais ou coletivas) que confrontam os pressupostos da ciência fundados em argumentos

teológicos. O terceiro fator, conforme nos informa Ávila Araújo (2020, p.38), está ligado ao desprestígio que os meios de comunicação tradicionais tiveram com a ascensão dos meios digitais, o que gerou a chamada desintermediação, ou seja, quando as pessoas passaram a obter informações diretamente de meios alternativos às mídias de massa tradicionais (rádio, tv), o que possibilitou a infiltração de conteúdos produzidos por fontes variadas e, muitas vezes, sem qualquer fundamento científico.

Dessa forma, a Pós-verdade é produto de uma evolução teórico-ideológica que, conforme D'Ancona (2018), se iniciara com as ideias iluministas de descrença no absolutismo. Por outro lado, essa crescente ideológica se fundiu com a mídia política e construiu uma retórica emocional do conceito de verdade. Segundo Siebert (2020, p.243) a expressão pós-verdade teria sido cunhada em 1992 pelo novelista Steve Tesich direcionado ao comportamento do povo estadunidense em relação ao caso Watergate (escândalo político nos Estados Unidos que levou a renúncia do Presidente Richard Nixon em 1974, após a descoberta de uma rede de espionagem e sabotagem envolvendo a sua administração), assim

A definição de pós-verdade nasce atrelada ao gesto político, significando uma sociedade que se importa mais com seu bem-estar diante das informações do que com a qualidade delas ou sua ligação com o real. Guiado pela ideologia, o sujeito é inclinado a ser seletivo no que toca a suas crenças, admitindo como verdadeiras as informações que conferirem reforço discursivo à sua posição ideológico-histórica.

Observe-se que a informação deixou de ter sentido ou conteúdo em si mesma para adquirir um significado pessoal atrelado às crenças pessoais do indivíduo, obstando assim a dimensão da realidade que determinado tema quer debater com o sujeito receptor da mensagem. Todos os fatores acima fortaleceram as redes sociais como instrumento propulsor da pós-verdade. Nesses espaços virtuais as pessoas passaram a produzir conteúdo de forma aleatória, sem lastro referencial sério ou, pelo menos, com um fundamento teórico indeterminado. Estava criado o colapso da confiança que, conforme D'Ancona (2018, p.10) se constitui como a base social da era da pós-verdade.

Esse movimento forneceu as bases filosóficas para a Pós-Verdade ao sustentar que não existe uma verdade absoluta, única, pregando que não há uma resposta correta para as questões propostas pela realidade. Assim, conforme afirma Ávila Araújo (2020, p. 6)

A denúncia de qualquer declaração de verdade seria um ato autoritário, porque sempre ideológico, acabou sendo uma crítica sequestrada por movimentos políticos para dizer que tudo seria ideológico, e, portanto, não haveria “verdade”, apenas “fatos alternativos”.

O que era tido como seguro, provado e confiável transformou-se em algo contestável, a informação passou a ser relativa ao gosto daquele que a avalia. Desta feita, a Era da Pós-Verdade se configura como uma fase da história da humanidade em que a discussão com bases científicas é desestimulada, relativizada e menosprezada e que acaba se configurando como uma cultura de reforço dos preconceitos sociais por meio da desvalorização da educação e da deturpação de conceitos cientificamente verificados. Assim, conforme Silva (2018, p. 2) “a pós-verdade não se insurge propriamente como um conceito, mas com a capacidade de deturpação dos conceitos para promoção de uma luxúria semântica”.

Ademais, como consequência de um processo histórico, o conceito de comunicação é carregado de sentidos não só do ponto de vista semântico como também ideológico e que variou conforme mudou a sua utilização dentro de um determinado modo de produção. Machlup (1983, p.149) defende que a informação é processo de característica humana, que engloba uma constante transmissão e recepção de mensagens por parte dos sujeitos do processo. Capurro (1996, p.161) vai entender a informação como um processo antropológico, que ocorre entre interações humanas. Ambos os autores têm a informação como um processo racional, que se utiliza de códigos predefinidos em uma comunidade para que se possa ordenar a compreensão do discurso.

Por outro lado, McGarry (1999, p. 6) entende o conceito de informação atrelado a uma ideia de ordem, Para ele “informações são dados postos em ordem (como retirar letras de uma pilha, no jogo de anagramas, e arranjá-las em sequências ordenadas para formar palavras reconhecíveis)”. É graças a esse sentido que os sujeitos se percebem ajustados ao ambiente em que estão incluídos, e é justamente nessa medida do que é ordem e desordem que a informação atua no processo de formação do inconsciente coletivo. Tais padrões são desenvolvidos durante toda a formação social do indivíduo envolvendo a família, os IFs e demais espaços de convivência, nos moldando dentro do que se considera mais apropriado para se viver em sociedade. Nesse sentido, Luana Maia Woida e Amanda Vitória de Assis Silva (2022, p. 11,12)

Assim, a informação tem um significado, que visa dar um sentido para aquele que se apropria e constrói seu próprio conhecimento, nesse sentido, para que chegue a ser internalizada por alguém, precisa ter sentido. Desse modo, mesmo que uma informação seja falsa, mas apresente sentido para um indivíduo, esta será incorporada e usada como verdadeira, na medida em que possui sentido e ordem.

Diante dos vários sentidos debatidos acima sobre o conceito de informação, podemos ter que ela se constitui como um processo de divulgação de uma realidade sentida e apreendida pelos indivíduos como um padrão de comportamento. Assim, a informação se constitui como um elemento de construção da personalidade individual e coletiva ao fazer com que os sujeitos se percebam participantes do corpo social e se comportem de forma similar.

Atente-se para o fato de que informação e comunicação não querem dizer a mesma coisa: a comunicação necessita de um retorno, uma resposta para ser concretizada, enquanto a informação se perfaz de forma unilateral e é justamente este fato da unilateralidade que vai fazer sentido na desinformação, que não requer necessariamente uma resposta do receptor da mensagem para que haja efetividade no que ser quer disseminar. Assim, conforme afirma Pereira (2013, p. 8)

Na comunicação, enquanto processo prático de interação e experiência os modos de subjetivação exercem forte presença – precisamente práticas de constituição do sujeito. É muito comum que ao se comunicarem os sujeitos assimilarem e adquirirem conhecimentos em suas relações com o Outro, proporcionando atividades sobre si mesmos que oferecem a possibilidade de transformar seu próprio ser.

Por outro lado, ao contrário da informação, podemos entender a desinformação como produto de uma ação deliberada e consciente para desvirtuar o objeto da informação original e que se baseia nos seguintes pressupostos: a intencionalidade, ou seja, a consciência clara e objetiva de que a mensagem porta elementos que não condizem com a realidade; e a finalidade, ou seja, a intenção de desconstruir o conteúdo de uma determinada informação para reconstruí-la de acordo com interesses predeterminados, sejam eles políticos, sociais ou de qualquer outra monta. Bezerra (2018, p.188), ao citar as conclusões do Grupo Europeu de Especialistas em *Fake News* e Desinformação, amplia o conceito em debate ao dizer que

A desinformação é um fenômeno que vai além das discussões sobre fake news, incluindo todas as formas de informações falsas, imprecisas ou enganosas, formuladas, apresentadas e divulgadas com o objetivo de causar intencionalmente danos públicos ou com fins lucrativos.

Por outro lado, há autores que vinculam o conceito de desinformação a aspectos ideológico-políticos, ou seja, como um instrumento de construção do discurso dos interesses da classe dominante “[...] em que tanto as redes digitais, quanto veículos de

comunicação tradicionais seriam empregados para difundir prioritariamente tudo àquilo que confunde e desarma.” (Pinheiro; Brito, 2014, p. 2).

3.1. O Desenvolvimento do Conceito de Desinformação

Por conta dessa amplitude terminológica, Wardle e Derakhshan (2017, s.p), após constar que a expressão *fake news* seria insuficiente para abranger todas as dimensões da desordem informacional que os meios digitais favorecem, propuseram uma nova análise terminológica para avaliar os sentidos da expressão da seguinte forma:

- a) Má informação (mis-information) – quando ocorre o compartilhamento de informação falsa, mas os danos provocados não são significativos. Nesse sentido, por haver uma distorção dos fatos acaba se assemelhando a boatos, pois não tem um direcionamento específico. São disseminadas por pessoas comuns que muitas vezes a fazem por inocência.
- b) Desinformação (desinformation) – nesse caso, as notícias falsas são compartilhadas com constância e objetivam causar danos por meio da distorção de fatos cujo objetivo é prejudicar uma ou várias pessoas.
- c) Mal informação (mal-information) – a informação compartilhada é verdadeira, mas é compartilhada com o intuito de causar danos. Assim, há uma distorção dos fatos com o intuito de vingança, geralmente divulgando conteúdo íntimo que cause constrangimento e humilhação.

Assim, a partir dos conceitos acima analisados, constata-se que a base fundamental da desinformação é a ausência de uma visão crítica da sociedade em torno da comunicação. Jardim e Zaidan (2018, p.11) afirmam que “a população, inerte perante conteúdo informativo que recebe e consome, adota as ideologias que lhe são transmitidas e não verificam sua procedência antes de repassá-las”. Essa visão é corroborada por Brisola e Romero (2018, p.79) quando sustentam que os sujeitos, por não terem desenvolvido um senso crítico, se apegam àquilo que a informação traz de conteúdo de seu interesse pessoal, o que facilita a apreensão de informação distorcida e sua proliferação.

Temos, finalmente, que a desinformação consiste em um instrumento de projeção social das *fake news* que transforma seus pressupostos teóricos em elementos fáticos, ou seja, a notícia se consubstancia como a construção da ideia de informação falsa nos

sujeitos por ela alcançados que a tem como verdade e, por via de consequência, não a contestam e simplesmente a reproduzem.

Como é possível haver uma disseminação tão indiscriminada da desinformação sem que se perceba sua dissociação com os fatos reais? Podemos encontrar a resposta no processo de alienação dos indivíduos. Para Guiddens e Sutton (2016, p. 73), alienação corresponde a separação ou dissociação dos seres humanos de algum aspecto essencial de sua natureza ou da sociedade, muitas vezes resultando em sentimento de impotência e de desamparo. Em relação ao processo de reprodução da desinformação, essa dissociação com a realidade é a ausência de senso crítico e o fomento à individualidade como medida do certo e do errado, pensamento este corroborado pelo Pedro Menezes (s.p) quando aduz que a ideia-chave no conceito de alienação é o fato do indivíduo perder o contato com a totalidade das estruturas. Sua visão parcial faz com que ele não compreenda as forças que atuam no contexto. Isto acarreta uma mistificação da realidade.

Portanto, quando contextualizamos o conceito de alienação acima descrito com os pressupostos do instrumento de desinformação, observamos que há a necessidade de que os interlocutores tenham seu senso crítico bloqueado, diminuído ou eliminado, pois não devem perceber as finalidades intrínsecas ao conteúdo da informação, mas apenas se afeiçoar a ela no sentido de representarem a externalização do seu ponto de vista. Nesse sentido, Silva (2018, p. 3) aduz que

A pós-verdade implica, sobretudo, na transmutação acrítica do sujeito que ressignifica a realidade, conforme o conjunto de conveniências ideológicas que se estabelecem no cotidiano dos sujeitos. Essa ressignificação desvirtua a centralidade da verdade como objeto de elucidação e construção de sentidos, tornando-a secundária e promovendo azo a apelos emocionais possivelmente falsificacionistas da realidade. Compreendendo a pós-verdade como uma excrescência de sentidos e significados, é possível afirmar que está presente nos mais diversos segmentos da humanidade.

3.2. O Processo de Credibilidade da Desinformação

Para que a desinformação tenha credibilidade é necessário escamotear sua natureza falsa para que se garanta a reprodução indiscriminada e ilimitada da ideia intrínseca em seu conteúdo. Como citado *alhures*, Guiddens e Sutton (2016, p.73) entendem que a alienação separa o sujeito de uma realidade palpável, e desenvolve uma realidade paralela ao inibir suas capacidades intelectivas, no caso em análise, o ser humano fica desprovido de sua capacidade intelectivo-crítica, totalmente dependente das tendências modistas para poder se ver enquadrado nos grupos sociais.

Ademais, se faz relevante levar em conta que muitas das mensagens também são desenvolvidas ou repassadas por pessoas que têm influência junto aos frequentadores de redes sociais: *influencers*, *youtubers*, blogueiros que por meio de seus canais na internet desenvolvem comunicação direta com seus “seguidores”, sem a necessidade de serem especializados em comunicação.

A quantidade de seguidores, por si só, seria uma forma de legitimar seus discursos, tendo em vista que seu selo de qualidade é auferido pela quantidade de “likes” ou de “seguidores” que tem em suas redes sociais. Partindo-se desse princípio, desloca-se a credibilidade do conteúdo da informação para o pseudo-informante, que geralmente não é um especialista ou um profissional da educação, mas qualquer um que possa ser a personificação da mensagem.

De forma sub-reptícia, o processo de desinformação toma corpo e começa a se apresentar normalizado como algo que faz parte da evolução da sociedade, um processo que torna a informação fundamentada em uma ameaça para aqueles que acreditam que esta deve ser construída a partir da visão do indivíduo, ou seja, a informação como meio de propagar a verdade científica se concentra na percepção do que o sujeito considera como importante para sua vida, uma espécie de relativismo digital. Assim, conforme D’Ancona (2018, P. 88) “a tecnologia das comunicações subverteria nossas noções herdadas do real” e que “como profetizado por Baudrillard, a mídia social se tornaria tanto uma medida de pertencimento como fonte de desinformação”.

Dessa forma, as mudanças de paradigmas instituídos durante os anos no processo educacional foram responsáveis por descentralizar o debate sobre o conhecimento e trazer o estudante para o campo ativo da formação: o sujeito ativo não é somente o professor, mas tudo aquilo que possa contribuir para o crescimento intelectual do aluno, inclusive a sua própria experiência sociocultural, é o que afirma Schmidt *et. al.* (2004, p. 89-110)

as transformações ocorridas com a pedagogia da Nova Escola mudaram a forma de usar os documentos históricos em sala de aula. O aluno passou a ser considerado o centro do processo ensino-aprendizagem e o professor tornou-se um orientador. O documento ainda continua sendo a prova do real, mas foi com a nova forma historiográfica do século XX que houve uma renovação da concepção de documento histórico que agora vai desde o cinema, a literatura, os relatos orais e os meios de comunicação em geral.

As novas formas de comunicação e os novos processos virtuais de socialização transformam os espaços educacionais em um complemento de seu aprendizado no sentido de que os indivíduos estão prematuramente tendo contato com a informação por meio de

seus aparelhos conectados em rede, e assim antecipam o conhecimento sem necessidade de estar nas salas de aulas. Nesse sentido, Chassot defende que a globalização foi responsável por inverter o fluxo de aprendizado nas escolas, pois “se antes o sentido era da escola para a comunidade, hoje é o mundo exterior que invade a escola” (Chassot, 2003, p.90).

Por conta disso, os professores necessitaram desenvolver novas habilidades de matrizes tecnológicas, não somente a de manusear os programas presentes em computadores, mas acompanhar os sites, grupos de whatsapp, Instagram entre outros, que podem servir de apoio didático. No entanto, há professores que não abandonam a metodologia tradicional, centralizando-se como fonte do conhecimento, o que o distancia do uso das tecnologias como instrumento auxiliar em sua didática; por outro lado, há professores que concentram todos seu método de aula no uso exclusivo de canais virtuais (seja dando aula on-line, gravada, uso de plataformas ou de *extremes*, entre outros). Para Jawsnicker (2008, s.p)

os professores não estão preparados para lidar com as mídias em sala de aula. A insegurança deles em relação ao uso pedagógico dos meios de comunicação se dá pelo fato de que muitas vezes a escola considera contraditória essa relação. De um lado, a mídia é criticada por estimular um consumo alienante, de outro, os professores reconhecem que elas são muito mais atraentes que a escola. Não é difícil encontrar educadores que tenham dificuldades de acessar um computador, de criar uma rede social ou um Blog, de produzir um jornal em sala de aula, que saiba operar uma máquina fotográfica, ou até mesmo de montar um grupo de pesquisa pelo celular.

O uso das novas tecnologias em sala de aula foi sendo normatizado através dos debates feitos em palestras, seminários e em semanas pedagógicas, fortalecendo o uso das tecnologias e dos novos meios de comunicação como instrumento auxiliar no processo educacional. O auge do uso desses instrumentos ocorreu no período iniciado no final de 2021, quando ocorreu a crise sanitária mundial do COVID-19, assim, por conta da necessidade do isolamento social as aulas passaram a ser feitas integralmente de forma remota. Esse período coincide com o crescimento da disseminação da desinformação que se fortaleceu com o processo eleitoral para Presidente do Brasil, no ano de 2022 e se estende até os dias atuais.

Por outro lado, mesmo com o desenvolvimento das redes sociais, os estudantes ainda veem no professor um intermediário seguro no processo ensino-aprendizado e mais, de forma conexa, os espaços educacionais tornam-se locais de socialização, de desenvolvimento de laços de amizades e de relações duradouras, onde pessoas que não

se conhecem e são originárias de várias realidades sociais se encontram: situações e sensações que o mundo virtual não tem como proporcionar ainda.

Por outro viés, as instituições de ensino são locais de realizações intelectuais, sensoriais, sociais e afetivas onde são estimulados sonhos e desenvolvidos instrumentos para a realização desses projetos de futuro. Assim, o espaço físico também se constitui como um instrumento de relação entre famílias e de diálogo com a comunidade no sentido de entender o que ocorre em suas relações familiares e sociais. Por isso, é necessário que os alunos sejam os intermediários entre instituições de ensino/professores e a comunidade, isso depende muito de como será construída a confiabilidade. Essa relação pode ser um forte instrumento de resistência contra negativismos, fascismos, contra o racismo e o machismo, ideias que ainda preponderam em nossa sociedade, podendo este se constituir como um elemento que leva a pouca valorização dos professores em nossa sociedade. Para Hollauer (2022, p.281)

Parte deste negacionismo parece ser causado pela dificuldade dos cientistas em levar o conhecimento acadêmico para a população, para que ela perceba a importância da ciência em nosso cotidiano, e possua um letramento científico que permita discernir entre notícias falsas e verdadeiras. A escola, como um espaço de formação de cidadãos, tem um papel importante nesse processo, com os professores atuando na ligação entre o conhecimento produzido na academia e a população.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), considerada o regramento mais importante sobre educação do país, desde 1996 já traz a previsão da educação tecnológica e midiática, mas o processo aparenta ser lento e inexpressivo, sem, no entanto, se capilarizar como um instrumento de transformação efetiva do modelo pedagógico, se convertendo em mais uma “matéria” para os alunos. Iamarino (2017, s.p) afirma que

as escolas não consideram essa mudança de fluxo, provocada pela Internet, ao organizarem suas propostas de ensino e, nesse sentido, diz que o papel do professor é mais significativo ao auxiliar no desenvolvimento de buscar informações com qualidade e interpretá-las do que simplesmente ensinar conteúdo, afinal, isso eles encontram facilmente sozinhos ao navegar, no entanto não há ninguém que os ensine algo como o que é uma fonte ou um site confiável.

A regulamentação do estudo das tecnologias demonstra que existe muita distância entre o que prenuncia a legislação e sua efetiva aplicação como instrumento educacional. Ao levar o estudo das tecnologias para o ambiente educacional oficial é necessário atentar para o fato que pode ser desenvolvida para potencializar meios sociais de proteção ao mal uso das tecnologias, é o que nos apresenta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC,

2017-2018) ao enfatizar que o estudo das tecnologias é uma habilidade que visa a identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável, sendo competência estimulada pela educação

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (...) Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BNCC, BRASIL, 2018)

Atente-se que a BNCC enfatiza a necessidade de se refletir sobre os usos da internet e sobre critérios de uso, optando por fontes confiáveis, para que se desenvolva o uso ético de tais instrumentos, é o que nos ensina Marchiorato (2018, p. 85-99) ao afirmar que

É preciso então ter cautela ao buscar informações na Internet, como a “superficialização do saber” pelo não aprofundamento dos temas e o fenômeno das fake news. É necessário cuidado ao utilizá-la na educação, principalmente pelos discentes que precisam estar com seu senso crítico apurado, e os docentes que devem atuar no papel de auxiliar no desenvolvimento do mesmo.

Tudo isso para evitar que o “pitaco” vire opinião e que não evolua para um discurso de autoridade e, por consequência não tenha a pretensão de se constituir como uma ciência. Dessa forma, podemos ver que o problema não está somente fora dos Institutos, mas também se encontra nos modelos de ensino ainda com caráter ortodoxo, onde não são discutidos direitos, debilitando a noção de cidadania que os alunos têm, isso leva a interpretações erradas a respeito da liberdade de expressão, local onde se escoram os defensores da desinformação. Por outro lado, observa-se que os estudantes têm dificuldade de interpretar textos, abrindo-se as portas para que a desinformação faça essa interpretação por eles, que podem até saber que se trata de uma informação de caráter errado, mas não medem as consequências que pode gerar.

Na prática já existem experiências educacionais que tentam desenvolver instrumentos de combate à desinformação, como um projeto desenvolvido em Pelotas – RS pelo jornalista Luís Gustavo de Azevedo. O projeto teve como proposta capacitar durante três dias os estudantes a respeito das noções básicas de como identificar notícias

falsas para que levassem o debate para as comunidades, no caso, um grupo de idosos de um bairro da cidade. O resultado foi narrado pelo próprio Azevedo (2020, s.p)

Quando ouvimos de uma senhora que agora ela não ia mais compartilhar uma postagem sem antes conferir sua veracidade, nossa missão, naquele dia, estava realizada. Vencer a onda da desinformação ainda é algo intangível, uma verdade inquietante. Mas se a gente pudesse repetir ações como as que Pelotas fez? Todos os dias, em todos os lugares, para milhares?

O poder que a desinformação tem para se proliferar pode ser contido pela educação, é o que nos ensina a pesquisa acima narrada, desde que tenha continuidade e seja focada no problema, assim como desenvolva estratégias de disseminação para toda a sociedade a partir da formação de multiplicadores sociais de tais instrumentos, pois a foco principal no combate às notícias falsas deve ser a comunidade com o intuito de, a partir da instituições educacionais, tais como os IFs, desnaturalizar o hábito já arraigado de repassar tudo que chega às suas redes sociais ou, pelo menos, desconfiar de sua veracidade.

Nesse sentido, algumas iniciativas educacionais têm sido desenvolvidas pelos Institutos Federais (IFs) como o Checker News, projeto criado por Rafaelle Souza, professora do Campus Seabra do IFBA (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia), que surgiu durante a Pandemia para filtrar notícias da Internet sobre a Covid-19. O grupo, que agregou estudantes, desenvolveu vídeos e guias educativos de combate às notícias falsas e os divulgou por meio do seu perfil do Instagram (@fisica_contextualizada).

Já o Campus Florianópolis-Continente IFSC (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina) desenvolveu um mapeamento a respeito do grau e conhecimento a respeito das *fake news* e da desinformação entre os estudantes dos primeiros anos dos cursos técnicos e constatou que “70% desses jovens que chegam na primeira fase dos nossos cursos [técnicos] integrados não sabem identificar uma *fake news* sobre ciência e tecnologia”, dados esse fornecidos pelas jornalistas do IFSC, Ana Paula Lückman e Sabrina d’Aquino (2023, s.p).

Importante é que os Institutos Federais já deram início a esta luta e que tais iniciativas sirvam de motivação para que toda a rede se integre por meio de instrumentos que combatam as notícias falsas tendo como base o estudo integrado das *fakes news* e da aplicação prática do resultado de tais estudos.

4 ANÁLISE GERAL SOBRE A DESINFORMAÇÃO

O desenvolvimento da humanidade se deve, essencialmente, a capacidade de o ser humano se comunicar com seus pares, pois essa comunicação coloca em movimento e pluraliza a sociabilidade como meio de inclusão dos vários indivíduos que dela fazem parte, ou seja, a comunicação é essencialmente democrática pois traz consigo a liberdade de se manifestar, de ouvir e de ser ouvido.

Por outro lado, além de levar o indivíduo a participar da coletividade, a capacidade de se comunicar se transforma num instrumento de informação pois, ao democratizar a participação dos sujeitos, também lhes dá acesso aos conhecimentos produzidos nesta mesma coletividade. Assim, a comunicação se converte em um instrumento de informação e que tem como finalidade fazer com que o conhecimento seja disseminado, coletivizado.

Por outro lado, a informação se consubstancia como um discurso de poder e como tal carrega concepções ideológicas, pois por meio dela se constrói a noção e o conceito de verdade ínsita a uma determinada classe social. Dessa forma, temos então que a informação é manipulada para construir uma realidade de acordo com os interesses de uma classe social e submete a sua essência econômica. Assim, com o passar do tempo a informação foi transformada em mercadoria na sociedade capitalista, monopolizada pelos conglomerados e pelos especialistas que fizeram dela um instrumento de concentração de riqueza intelectual por meio da monopolização do conhecimento, um verdadeiro capital socioeconômico.

Com o advento e desenvolvimento das tecnologias de comunicação e com a implantação e desenvolvimento da Internet e das redes sociais esse monopólio da informação foi quebrado, pulverizando as produções dos conteúdos e transformando o conceito de informação. Por conta disso, passou-se a haver uma via de mão-dupla, as informações circulam das mídias para a comunidade e da comunidade para os veículos de comunicação num intenso movimento de criação e “descrição”, ou seja, não há conteúdo informativo, mas apenas uma maquiagem de conteúdo.

Por via de consequência, a Era da Pós-Verdade colocou em xeque o conceito de informação e se consubstanciou como uma era da desinformação quando há apenas uma certeza: o que importa não são os fatos, mas sua interpretação e da aceitabilidade e amplitude dos seus mediadores: *influencers*, *youtubers*, entre outros.

A presente seção tem como objeto o estudo do conceito de desinformação, a análise de sua formação e do desenvolvimento histórico, suas características e seus impactos sociais.

4.1 Debate Sobre o Conceito de Desinformação

Quando nos deparamos com o vocábulo desinformação logo nos vem à tona a relação com algo que seria contrário à informação, ou seja, aquilo que está em desacordo ou desalinhado ao processo de comunicação com o sentido de informar a respeito de algum fato, de forma direta e sem interesses desviados. Nesse sentido, temos que ao conceituar desinformação, ao mesmo tempo conceituamos informação, em um movimento contraposto e simbiótico no qual um depende do conhecimento do outro.

Para podermos nos apropriar de uma delimitação consistente sobre desinformação, precisamos entender os contornos do conceito de informação. Para Capurro e Hjorland (2007, p. 155) a informação consiste naquilo que é informativo para uma pessoa. Ou seja, nesse sentido, qualquer coisa pode ser considerada informação para quem dela se interessa ou se apropria. Nesse caso, a informação pode ser assim considerada por um grupo e desconsiderada como tal por outro, pois o cerne desse conceito está na simbologia que o conteúdo carrega em um determinado momento para um determinado grupo e qual o valor semântico que o conteúdo carrega para o interior de tal coletividade.

Um dos grandes representantes da Ciência da Informação, Belkin (1918, p. 55-85), assevera que informação é aquilo que pode ser capaz de transformar, modificar a estrutura mental do sujeito por meio da agregação de conhecimento e que pode levar esse sujeito a provocar transformações em seu meio social. Nesse caso, vemos que a conceituação de informação tem efeito prático, ou seja, mexe com as estruturas intelectuais do sujeito e faz reflexo na comunidade a qual ele está incluído.

Diante de um amplo debate a respeito do conceito de informação, que vai desde sua concepção antropológica – como instrumento inerente aos seres humanos, passando por ser ela um processo, e ainda a relatando como decodificação de signos, Silva e Gomes (2015, p.150) definiram a informação como um conceito semântico geral, ao afirmarem que

Informação é uma produção fenomenicamente social que tem por finalidade dinamizar a inter-comunicação humana e promover exposições e descobertas para construção do conhecimento através de interações entre sujeito/autor e

sujeito/usuário por meio de dados (plano físico e histórico social dos sujeitos da informação), mensagens (no plano abstrativo) e atividades documentais (plano material), que favorecem predicativos hermenêuticos aos sujeitos da informação e resultam na apreensão e apropriação pelo sujeito/usuário efetivando um caráter de compreensão.

Observa-se como este é um conceito amplo, pois perpassa por todos os elementos identificados nas outras autorias, mas que se caracteriza pelo fato de que no conceito supra as autorias enfatizam que a informação é muito clara e de fácil apropriação por parte de seu receptor. Dessa forma, a compreensão de seu conteúdo faz com que o sujeito/usuário modifique sua compreensão de mundo, sendo que a informação provoca transformações positivas nele.

Assim, a informação seria um elemento da comunicação cujo intuito seria o de transformar positivamente os sujeitos para, com isso, promover uma disseminação da ideia em todo o grupo em que ele faz parte, deixando esse conceito o polo abstrato para o polo concreto das relações humanas. Nesse sentido, Weizsacker (1974, p. 351) vem dizer que “informação é apenas o que gera informação”, ou seja, a informação é parte de um processo geracional, que tende a se qualificar e a se especializar de acordo com as transformações sociais.

Por fim, Buckland (1991, p. 351-360) engloba a maioria dos sentidos no seu conceito de informação ao propor que esta pode ser vista ou enquadrada em três categorias: a primeira seria a informação como processo, que nada mais seria do que o simples ato de informar, com o único intuito de comunicar algum fato; já num segundo sentido, a informação seria vista como conhecimento e teria como finalidade dirimir incertezas, gerando mais conhecimento; finalmente, a informação enquanto “coisa”, que seriam todos os suportes que serviriam para girar a informação no sentido de gerar conhecimento.

Assim, temos que a informação consiste em um instrumento ou conjunto de ideias que visam a orientar o sujeito para a vertente ideológica que se pretende defender, ou seja, a informação é um instrumento da racionalidade humana mas com interesses de classe, sendo assim, define o que é verdade e o que não pode assim ser considerada.

4.2 O Conceito de Desinformação

Pedro Demo (2000, p. 39) defende que não há como fragmentar ou dissociar a desinformação da informação, tendo em vista que ambas são manifestações humanas e se representam a partir dos interesses de sentido que cada pessoa deseja obter daquele

enunciado. Demo ainda aduz que são faces do mesmo fenômeno, e que “[...] desinformar faz parte da informação, assim como a sombra faz parte da luz. Trata-se do mesmo fenômeno, apenas com sinais inversos.”

Atente-se para a nuança da condição conceitual dada por Demo, pois para essa autoria a desinformação pode ser considerada informação e se condicionam a própria condição natural humana e de suas interações com o meio, ou seja, os aspectos simbólico-ideológicos influenciam no processo de formação do discurso do indivíduo.

Essa introdução que mostra a dicotomia do conceito de informação na atualidade, nos serve para contextualizar o debate sobre o conceito de desinformação tendo em vista que tal conceito somente irá se aperfeiçoar com a consolidação da chamada Era da Pós-Verdade e seus reflexos sobre a definição de informação.

A Era da Pós-Verdade se constitui num período histórico que se caracteriza pela descontextualização do discurso no sentido de levar em conta apenas a narrativa pura sem, no entanto, dar relevância aos fatos. Dessa forma, a narrativa se constitui em um discurso puramente emocional ou metafísico, centrado no sujeito e se distanciando das instituições. Nesse sentido, a Pós-Verdade se caracteriza pelo que D’Ancona (2018, p. 41) chamou de colapso da confiança, ou seja, um abandono das instituições como mediadoras do processo de conhecimento, “esse colapso da confiança é a base social da era da pós-verdade: todo o resto flui dessa fonte única e deletéria”.

Percebe-se, então, que conceituar desinformação vai além de analisar a ausência da veracidade na informação, deve ser buscado, também, para se concretizar tal conceito a questão da fundamentação do seu conteúdo, da análise da fonte de produção do conteúdo e de sua relação com o processo de mediação da informação por parte das instituições tradicionalmente responsáveis por elas, por exemplo, o ambiente educacional.

Em relação à questão da fundamentação dos conteúdos produzidos na era da pós-verdade a pulverização da produção da informação faz com que seus fundamentos, em termos de confiabilidade e lastro de veracidade não sejam aferidos devido a aparente seriedade do conteúdo que dissemina, pois está lastreada na quantidade de “seguidores” que os mediadores têm nas suas redes sociais. Nesse caso, há uma verdadeira personificação da mensagem, deslocando para o mediador da desinformação (*youtubers*, *tik-tokers*, *blogueiros*, entre outros) a confiabilidade de tal conteúdo.

Assim, a fonte de produção não interessa para aquele que recebe o conteúdo, pois ela já está aferida a partir do momento que um mediador a repassa, não precisando mais de qualquer análise a respeito: ora, se ele tem muitos milhares de “seguidores” é porque

existe uma confiança e verdade coletiva no que fala e no que faz. Nesse sentido, a opção pelo apelo de uma lado nos faz estar alinhados a uma perspectiva que se assemelha à nossa, ou seja, tendemos a associar o conteúdo de uma discurso àquele que queremos ver, e isso nos faz bem pois nos traz a sensação de estarmos sendo acolhido por aquele líder, é o que D'Ancona (2018, p. 53) denomina de triagem homofílica, ou seja, uma espécie de sociabilidade homogênea, na qual procuramos nos comunicar e nos aproximar daqueles que em ideias afins, e continua o citado autor: “a mídia social e os mecanismos de busca, com seus algoritmos e *hashtags* tendem a nos direcionar para o conteúdo de que vamos gostar e para as pessoas que concordam conosco”.

Por fim, e como consequência da descentralização da produção e da não preocupação com os fundamentos do conteúdo, temos que há uma incursão sobre a desqualificação dos fundamentos científicos das informações, o que torna a desinformação um fim em si mesma. Conforme D'Ancona (2018, p.57), a questão não diz respeito a determinar o que é verdade na informação através da aferição racional, o que está em jogo é a escolha que o receptor da mensagem faz ao produzir sua própria realidade. Assim, da mesma forma que escolhe o que irá jantar ou almoçar, também seleciona sua própria mentira.

A partir daí surge o negacionismo da ciência e o deslocamento da crença em algo nas próprias convicções pessoais e o fortalecimento do carisma das celebridades como substitutas do discurso científico. É nesse sentido que instituições mediadoras da informação científica caem na descredibilidade e dão espaço para as pseudociências que são disseminadas por meio da internet e produzem reflexos nas possibilidade da explicação científica dos fatos relativizando tudo e colocando a explicação dos fatos – uma espécie de verdade - nas mãos do que D'Ancona (2018, p.111) denominou de “líderes carismáticos cientificamente confiáveis.”

Destarte, simplesmente conceituar desinformação pelo viés tradicional não mostra a totalidade e a historicidade do seu conteúdo. Isso ocorre devido a existência de várias linhas doutrinárias para a conceituação que, conforme Araújo (2021, p. 1-15), na literatura científica

a desinformação vem sendo trabalhada tanto como a articulação de informações falsas para enganar as pessoas, como também o efeito causado pelo acesso a informações falsas. Ao mesmo tempo, ao recorrer a autores como Wardle e Derakhshan (2017) e Fallis (2015), a definição que teremos sobre desinformação é sobre uma informação falsa compartilhada intencionalmente para enganar. Com essa pluralidade, surge uma problemática sobre

compreender se desinformação é uma informação falsa, um efeito, uma articulação estratégica ou, de alguma forma, tudo isso ao mesmo tempo.

Por um viés mais semântico, Araújo (2018, p. 45) identifica o conceito de desinformação atrelado ao desapego das pessoas com a verdade e o consequente apego com conceitos formulados e disseminados por uma grande quantidade de pessoas, principalmente pelos instrumentos da internet. Nesse sentido, a desinformação está associada à falta de interesse do indivíduo em reclamar sua veracidade e que apresentam a finalidade de propagar um conteúdo para apenas estar “antenado” com o que há de mais recente nos debates virtuais.

Por outro lado, focando no conteúdo ideológico da desinformação e no interesse de classe que se esconde por trás da propagação desse instrumento por meio da manipulação, Santos e Pajeú (2024, p. 15) a conceituam como

(...) um fenômeno material constituído pela manipulação e cooptação de sujeitos mediante o uso de informações falsas em um nível de complexidade estratégica com o objetivo de manter uma situação de poder; ela ocorre tanto em níveis de menor instância de relações pessoais do cotidiano, quanto em níveis perigosos de maior instância, na qual servem para reproduzir e manter relações de dominação de classe, levando seus alvos a defenderem interesses que, em essência, favorecem apenas o grupo dominante.

Assim, poderíamos inferir que a desinformação poderia ser vista como mais um aparelho ideológico, não necessariamente do Estado ao modelo de Althusser, mas em direção a proteção e fomento da legitimação de vários interesses de classe, independentemente de estarem ou não associados ao Estado.

Nesse momento, é importante atentar para existência de autores que diferenciam *fake news* de desinformação. Segundo o professor da Escola de Comunicação e Artes da USP, Eugênio Bucci (2023, s.p), as *fake news* seriam uma falsificação na forma da notícia e não de seu conteúdo, ou seja, parecem notícia, mas não o são. Para eles, estas são produto de uma sociedade informatizada, não existem desde sempre, ou seja, mesmo que pudéssemos dizer que são mentiras, seriam mentira relativas apenas ao período da era da informação. Já a desinformação seria a consequência das *fake news*.

Segundo Santos e Pajeú (2024, p.15), a desinformação comporta três formas: a Desinformação Objetiva, que seriam os materiais nos quais estavam apostos o conteúdo informativo negativo pelos quais são divulgados e disseminados; a Desinformação Condicionante, que seria nada mais do que os interesses por trás do conteúdo da desinformação, ou seja, aquilo que determinado grupo político almeja com ela; e, por fim, a Desinformação Subjetivada, as consequências das ações feitas pelos sujeitos que

tiveram contanto com o conteúdo veiculado, ou seja, as consequências práticas geradas pelo contato com o conteúdo.

Por fim, vimos que delimitar desinformação é uma tarefa árdua, pois temos que levar em conta toda uma formação histórico-política do vocabulário para compreender seu sentido que ora transita pelo conteúdo que carrega – conteúdo falso, ora faz parte de um processo de luta de classe – ideologia de classe. De outro lado, apresenta-se como uma consequência da disseminação das *fake news* e, por isso, se consagra como um fenômeno relativo a um período de tempo curto, este relativo à sociedade virtual. Assim, vemos na desinformação bem mais que um simples conceito, consiste em uma construção semântica retórica que impacta a sociedade e passa a delimitar o processo de formação da consciência de seus membros, ao mesmo tempo que aliena sua capacidade reflexiva e naturalizada sua inação.

4.3 História da Desinformação

No curso de uma investigação de um crime, certa vez, Watson e Sherlock Holmes liam os diversos jornais britânicos – The Daily Telegraph, Daily News e Standard – e perceberam que todos narravam uma versão própria – e falsa – do crime em apreço. Tais narrativas apresentavam como plano do fundo motivos políticos: uma parte culpava os europeus, a outra parte imputava a culpa aos estrangeiros ou aos liberais. Na verdade, nenhum dos periódicos citava uma fonte confiável para sustentar seus argumentos.

A ficção acima, narrada no romance de Sir Arthur Conan Doyle em que pela primeira vez aparece o detetive Sherlock Holmes, em 1887, intitulado Um Estudo em Vermelho, pode ser perfeitamente confundido com os tempos pós-modernos, das relações virtuais, por apresentarem um fato em comum, a ausência de confiabilidade e estabilidade da fonte da informação.

A narrativa transcrita nos leva a inferir que a desinformação, seja qual for seu conceito ou denominação, é parte constante da história da humanidade e não um instrumento exclusivo dos tempos da internet, apesar de que com a revolução informational nela tomou corpo, desenvolveu características próprias e atingiu mais pessoas em curto espaço de tempo, provocando efeitos mais devastadores.

Muitos meios interessantes de proliferação da desinformação foram utilizados na história, como na Idade Média quando as ordens mendicantes foram importantes para a

proliferação das notícias falsas pois percorriam longas distâncias em pouco tempo, conforme nos leciona Gillermo Altares (2018, s.p.).

A Inquisição também apelou para a desinformação e teve muito sucesso, principalmente porque nesse período as pessoas não eram alfabetizadas o que facilitou muito o processo de disseminação. Um fato que ilustra a eficiência da disseminação nos é narrado por Altares (2018, s.p)

Outro exemplo da eficácia da Inquisição na disseminação de histórias falsas é o caso do Santo Menino da Guarda, ocorrido em Toledo. Vários judeus e convertidos foram acusados de assassinar um menino que nunca existiu (e que, apesar disso, continua sendo venerado atualmente). Politicamente esse fato inventado em 1490 teve um impacto formidável: foi um dos pretextos para a expulsão dos judeus em 1492. “Nunca ninguém deu pela falta de menino nenhum, nem se encontrou qualquer corpo”, conta a historiadora Mercedes García-Arenal, do Conselho Superior de Pesquisas Científicas da Espanha (CSIC). “Mas montou-se um processo com confissões sob tortura, e vários judeus e judeus convertidos foram queimados. Este fato serviu para sossegar as vozes rebeladas contra a Inquisição e para decretar a expulsão dos judeus.”

Assim, uma informação falsa foi usada para disseminar o ódio a um grupo de pessoas tida como inimigas e para fomentar o medo a uma instituição (a Inquisição) que aparentemente se constituía como defensora dos valores coletivos. Os motivos apresentados se comungam com os pressupostos atuais para a construção da desinformação que fomenta o ódio e desconstrói instituições consagradas como a ciência, em prol de novas formas de pensar a verdade, como as pseudociências.

Em Roma, por conta de as pessoas não serem letradas massivamente, as informações tendiam a ser transmitidas por imagens, assim, os líderes políticos conscientes da importância da informação tratavam de tornar a imagem um instrumento de comunicação compatível com seus interesses, tanto que ao surgir um novo líder político, como um imperador, logo se cunhava sua imagem e *slogan* nas moedas, pois era um meio rápido de se difundir as ideias dos novos mandatários.

As fofocas, os boatos e as mentiras sempre alimentaram os vários meios de comunicação no transcurso histórico das várias épocas e foram responsáveis pela construção do imaginário o que fez surgir a expressão “imprensa amarela”. Esse termo traz o sentido de uma pálida informação, ou seja, sem muita credibilidade, vazia de sentido e de conteúdo que se pauta pelo sensacionalismo. O termo surgiu nos Estados Unidos nos anos de 1890, a partir da disputa mercadológica entre o New York World, editado por Joseph Pulitzer e o The New York Journal, editado por William Randolph Hearst. Conforme Coutinho (2015, s.p)

A disputa entre os dois jornais pelo personagem de quadrinhos, e principalmente pela liderança nas vendas, foi tão marcante que os críticos ao estilo sensacionalista do “World” e do “Journal” começaram a utilizar o termo “yellow press” (imprensa amarela) para jornais que tinham uma linha editorial baseada no sensacionalismo e abusavam de manchetes em letras garrafais, grandes ilustrações e exploração de dramas pessoais.

Assim, vemos que o sensacionalismo era voltado diretamente para a questão mercadológica, do lucro, que não levava em conta a qualidade do serviço fornecido. Se verdadeira ou falsa a informação, o que interessava era como atrair o cliente para a esfera de influência da empresa, e como bem asseverou Marcondes Filho (1986, p. 66) com palavras que bem se amoldariam ao pós-modernismo o “sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação”.

No entanto, apesar do termo ser relativamente novo a desinformação historicamente precede essa disputa jornalística e se insere nas tramas sociais já em tença idade dos meios de informação, patrocinando muitas vezes interesses político-ideológicos e que deram origem a instrumentos mediadores da informação. Nesse sentido, na disputa pelo papado no ano de 1552, Pietro Aretino tentou influenciar as eleições ao escrever sonetos que depreciavam os candidatos opositos ao dos Médicis, seus patronos, afixando-os no busto de estátua chamada de Il Pasquini, disso surgiram os Pasquins, instrumentos habituais que depreciavam personagens públicos a partir de informações falsas.

Já em Paris surgiram os *canards*, uma espécie de gazeta de notícias em tamanho grande cheia de informações falsas ou mesmo sensacionalistas, cujo objetivo seria atrair um público cada vez mais tendente a gostar desse tipo de notícia

Um dos mais bem-sucedidos, na década de 1780, anunciou a captura no Chile de um monstro que, aparentemente, estava sendo transferido de barco para a Espanha. Tinha cabeça de fúria, asas de morcego, corpo gigantesco coberto de escamas e rabo de dragão. (Darnton, 2017, s.p.)

Observe-se que as notícias falsas, sensacionalistas ou semiverdadeiras tinham como objetivos ou angariar mais lucro pela elevação do número de consumidores do produto, ou mesmo influenciar a política local. Foi assim que o século XVII, em Londres, houve um aumento substancial das vendas dos periódicos, isso se deveu a uma forma peculiar de produzir a informação que era construída em apenas um único parágrafo. Assim vários temas descontinuados eram apresentados de forma curta e direta, o mais interessante é que o conteúdo para a produção desses parágrafos era retirada do cotidiano londrino, assim, conforme Darnton (2017, s.p.)

Os “homens do parágrafo” se inteiravam das fofocas nos cafés, escreviam algumas frases em um papel e o levavam aos impressores, que eram também editores e que normalmente o incluíam no primeiro buraco que tivessem disponível em alguma coluna da pedra litográfica. Alguns gazeteiros recebiam dinheiro pelos parágrafos; outros se conformavam em manipular a opinião pública a favor ou contra uma personalidade, uma obra de teatro ou um livro.

O que interessava não era a veracidade ou a fidedignidade da fonte, mas o efeitos que conteúdo vazio da notícia produzia nos leitores, tanto que a forma como era construída – apenas um parágrafo – facilitava a leitura ao não se prolongar em detalhes, e que, por ser ladeada por diversos outros assuntos desconexos, não permitia ao leitor fazer uma análise crítica do que lhes era repassado. Nesse sentido, podemos encontrar nesses instrumentos estratégias muitos parecidas com as atualmente usadas no processo de desinformação: textos curtos, de leitura rápida e sem muitos dados, com vários assuntos diferenciados, desconexos e que possam abranger o máximo possível de temas variados. O objetivo central era apenas entreter o leitor sem o levar a meditar sobre os fundamentos da informação em si.

Num recorte histórico mais alongado, o século XX foi uma fase da história caracterizada pela mentira em massa, isso se deveu a propagação dos jornais em grande quantidade o que favoreceu a disseminação da desinformação, ao mesmo tempo em que se disseminava um certo ceticismo em relação ao conteúdos que eles divulgavam.

É nessa sequência de acontecimentos e sentimentos em relação aos jornais e a seus conteúdos que os regimes totalitaristas do século XX, como o nazismo, se aproveitaram das inovações tecnológicas – o linotipo para imprensa e o telégrafo – e fabricaram não somente notícias falsas, como também fatos paralelos totalmente desvinculados da realidade fazendo com que a ficção e a realidade não mais tivessem limites e a verdade começava a ser relativizada a partida da utilização da propaganda como instrumento de construção-manipulação dos fatos.

Mas não foram somente os nazistas e os demais sistemas totalitários que se usufruíram das notícias falsas, os aliados durante a I Guerra Mundial (entre 1914 e 1918) se utilizaram da propaganda para disseminar inverdades – ou pelo menos exagerar na inverdade – a respeito das ações dos soldados alemães. Isso causou um reflexo reverso na II Guerra Mundial (entre 1939 e 1945), pois de tanto disseminarem desinformações, no momento em que a informação verídica chegou ao conhecimento das tropas antitotalitárias seus generais não acreditaram na veracidade das narrativas, afetando a

percepção dos fatos ocorridos nesse período histórico. Guillermo Altares (2018, s.p.) a respeito desse efeito inverso, reforça que

Um exemplo disso foi a descrença que recaiu sobre os primeiros agentes poloneses que trouxeram a notícia do extermínio de judeus por parte dos nazistas. Em seu livro *Messagers du Désastre* (“mensageiros do desastre”, Fayard), que acaba de sair na França, Becker relata a história do Jan Karski, um herói polonês que arriscou a vida para levar a notícia do Holocausto a Londres. Não acreditaram nele quando informou aos aliados sobre o que ocorria. Um alto oficial britânico lhe explicou: “Senhor, durante a Primeira Guerra Mundial difundimos a propaganda de que soldados alemães esmagavam crianças belgas contra os muros. Acredito que fizemos bem. Isso nos ajudou a debilitar o moral do inimigo, a aumentar o ódio contra os alemães. Precisamos de relatos como o seu”. Karski acrescentou: “Notava-se claramente que ele não acreditava em mim”. De novo, uma notícia verdadeira era percebida como falsa.

Observa-se, então, que a mesma percepção que o produtor da desinformação procura causar na sociedade ao criar a notícia falsa, com o passar do tempo, esse efeito acaba refletindo em si mesmo ao não saber mais distinguir o que seria verdade ou fato criado artificialmente: o feitiço vira contra o feiticeiro.

Nesse processo de formação do imaginário social a partir da manipulação dos fatos e da construção de uma verdade paralela, e ainda na esteira da construção das ideologias nazistas antisemitas conforme nos informa Gulliermo Altares (2018, s.p), um escritor de nome Quevedo, no ano de 1650, teria escrito a obra La Isla de Los Monopontos onde pela primeira vez na história se aborda a questão de um complô dos judeus para dominar o mundo. Esse livro teria influenciado a obra Os Protocolos dos Sábios de Sião, de Gustavo Barroso, apesar da obscuridade das origens de tais protocolos, mas que detalhariam um plano judaico para a dominação material e ideológica mundial. O livro de Gustavo foi fortemente contestado e investigações posteriores demonstraram a inveracidade de suas narrativas, uma falsificação que envolvia trechos copiados de outros documentos e até mesmo de obras de ficção.

Observe-se que no caso dos Protocolos dos Sábios de Sião, uma forma literária de desinformação, sua disseminação deu-se mais por conta do impacto causado nos leitores por conta do seu conteúdo e que não tinham como identificar a inveracidade do conteúdo por não ter acesso às fontes, uma característica muito presente na era da informação mas que se distingue daquele tempo, pois atualmente as pessoas têm como aferir as informações mas são inibidas pela alienação a que são levadas.

Uma forma de disseminação da desinformação que é muito conhecida é a da propaganda política nazista comandada pelo ministro da propaganda, Joseph Goebbels,

que obetivava fazer uma “lavagem cerebral” e implantar inverdades a respeito da legitimidade do regime nazista. Todos os meios de comunicação estavam sob a administração de Goebbels que atuava através da censura aos meios de comunicação antirregime e pela exploração da propaganda com a glorificação de Hitler por meio da impressão de cartões com a imagem do seu líder, via transmissão de discursos ao vivo, assim como pela produção de livros acadêmicos com conteúdo de idolatria ao sistema e perseguição aos judeus.

Um exemplo interessante da desinformação propagada pelo ministério da propaganda foi apresentada por Fábio Previdelli (2024, s.p) no site Aventura na História em 2024 em que a Rádio Berlim anunciou para os soldados alemães e chegada da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para combater na Europa da seguinte forma: “Atenção! Soldados do Terceiro Reich. Acaba de desembarcar em Nápoles um exército de sifilíticos. Os brasileiros vêm aí. São negros que andam nus, usam argolas no nariz, nas orelhas e comem crianças vivas.” Além de reforçar o estereótipo dos povos colonizados junto aos soldados alemães ainda fortalecia o racismo já inherente aos combates e ainda ironizava o exército do Brasil ao comparar com poderoso exército nazista.

Outro momento importante para a solidificação da desinformação ocorreu durante o período Pós-II Guerra denominado de Guerra Fria. Sem dúvidas, foi um período muito conturbado e cheio de temor pela possibilidade do uso de armas atômicas por parte das duas potências que polarizavam o mundo político: Estados Unidos da América (EUA) e União da Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O uso da desinformação era uma das principais estratégias dos russos, tanto que Stálin criou o termo “dezinformatsiya” (desinformação em russo).

Como durante a Guerra Fria o embate armado entre as duas potências ocorria de forma indireta, por meio das nações aliadas, a disseminação se dava em relação a estes campos de luta, como no caso da Guerra do Vietnã (1959-1975) em que a desinformação foi responsável pelo início e pelo fim dos combates. A desinformação que deu impulso aos conflitos bélicos tem relação com o incidente do Golfo de Tonkin, no qual a razão para a entrada dos EUA na guerra seria devido a um segundo ataque norte-vietnamita, o que nunca ocorreu. Quanto ao final da guerra, havia uma crença que os EUA se retiraram dos combates por conta da implantação na mídia estadunidense de propagandas focadas na carnificina a que os soldados daquele país estavam sendo submetidos, o que teria colocado a opinião pública contra a intervenção estadunidense nos combates.

Mais uma vez a desinformação se transformara em arma e estratégia de guerra, agora com uma diferença, os combates terminaram de uma forma ou de outra, mas as consequências da desinformação continuaram e perverteram muitas mentes, hipertrofiando ódios e disseminando divergências, além de criar nas mentes das pessoas realidades que, na maioria das vezes, não condizem com os fatos.

Ainda no contexto da Guerra Fria mas num polo diferente, o econômico, o American Way of Life (ou Estilo de Vida Americana) foi uma forma de propagar os ideias capitalistas, um instrumento que visava demonstrar que o estilo de vida propagado pelos estadunidenses era melhor do que a opção socialistas defendida pela URSS, mais uma forma de guerra de desinformação veiculada por meio dos instrumentos de comunicação de massa: o cinema, a televisão e o rádio. Basicamente, o estilo de vida apresentado era fundado no consumismo como um meio para se alcançar a felicidade, incentivando o consumo desenfreado de bens. Na verdade, essa estratégia serviu para o expansionismo estadunidense na Europa após a II Guerra Mundial com a desculpa de atuarem para reconstruir o continente devastado pelos combates e, ao mesmo tempo, conter o crescimento da esfera de influência dos soviéticos e convencer a população dos países do bloco socialista que seu estilo de vida era pobre e sem liberdade, conforme nos leciona Ganzert Afonso (2015, p. 243)

Os encantos que a população de uma nação jovem como os Estados Unidos exerciam influência e atratividade da população que era regida por uma ditadura enquanto a outra via a glória em seus ideais de liberdade. Nação esta que não conhecera um passado feudal ou absolutista e já nasceram Estado Nacional. Enquanto os europeus viram o expansionismo de seus Estados, os estadunidenses propagavam que eram livres e que seu expansionismo territorial era originado pela divulgação de ideais de liberdade.

Assim, a desinformação sob forma de pseudo-informação trouxe a ilusão de que os EUA seriam uma nação que valorizava a liberdade individual e coletiva, que o capitalismo liberal construiu uma sociedade igualitária e que incentivava a aquisição de bens como meio de alcançar a felicidade: a desinformação se tornou instrumento do capital.

Mas, como todo fato social, o século das guerras, assim denominado o século XX, chegou ao seu final e com uma modificação filosófica importante, a afirmação da Pós-Modernidade em relação ao pensamento filosófico da Modernidade Iluminista. Apesar de não haver consenso a respeito de seu conceito ou mesmo se a Pós-Modernidade pode ser considerada como uma escola do pensamento, o mais importante é que essa nova

“doutrina do pensamento” trouxe importantes impactos na forma de pensar a realidade e, por via de consequência na forma de compreender a construção social destes mesmos fatos, imputando ao ponto de vista do indivíduo a percepção do que seja real ou não, o que levou a repensar o conceito de informação dando espaço para o relativismo e para o negativismo.

Nesse sentido, por ser um movimento que tem características individualistas e subjetivistas, o pós-modernismo fomentou a polarização do discurso sobre a veracidade da ciência (as metanarrativas ou “narrativas mestras”) ao mesmo tempo em que consolidou a forma difusa e simbólica de produzir conteúdo, é o que nos afirma Harvey (1989, p. 347) ao aduzir que “as imagens dominam a narrativa”. Baseado nessa superficialidade imagética, Bonnici (1999, p.29) aduz que

A sociedade pós-moderna consome as imagens e os signos por serem imagens e sinais e não por sua utilidade ou por seus valores intrínsecos. Na cultura popular, a superfície, o estilo e a aparência parecem rejeitar o conteúdo e o significado íntimo. Portanto, as qualidades da autenticidade, da integridade, da profundidade são descartadas. Com sua realidade virtual, o computador confirma a superficialidade das aparências.

Nessa fala do citado autor, começamos a entender a relação da pós-modernidade com a desinformação, principalmente no que diz respeito à questão da prevalência da imagem sobre o conteúdo, da superficialidade e da realidade virtual que predomina nas relações sociais desse período, uma relação verdadeiramente fluída. A imagem substitui o escrito pois aquela proporciona aspectos tanto sensoriais quanto de sentido visual deixando ao indivíduo a interpretatividade de acordo com os interesses do sujeito.

O consumo das imagens e dos signos, tais como os memes, se tornou aprazível para os sujeitos devido à possibilidade de imputar uma carga de sentido a partir de suas próprias concepções que não são aferíveis cientificamente. Dito de outra forma, o conteúdo dos argumentos não possuem fundamentação ou validação científico-metodológica, elas se ancoram em preceitos metafísicos – as pseudociências - ou mesmo de cunho teológico, além de trazerem uma carga emocional que impede uma maior análise racional dos enunciados levando à crença que “o que importa não é a ponderação racional, mas a convicção arraigada” (D’Ancona, 2018, p. 36).

. Dessa forma o sentido que dão aos fatos tem validade a partir da interpretação individual e opinativa sem fundamentos, ou seja, carregam as informações de simbolismos coletados de forma difusa e creem nessa forma interpretativa como se fosse parte de um processo de pluralização de vozes, uma forma de inclusão dos indivíduos.

Ao analisar a questão da superação da validação científica dos fatos – a metanarrativa, Bonicci (1999, p 30) aduz que a universalização tende a dar espaço à heterogeneidade, às individualidades

As metanarrativas são forças homogeneizadoras que, através do mecanismo da inclusão/exclusão, transformam a heterogeneidade em ordem e silenciam ou excluem os discursos em nome de princípios e objetivos gerais. O pós-modernismo testemunha o colapso dessas metanarrativas com sua pretensão de pregar a verdade. Ademais, ele mostra o caminho da pluralidade de vozes oriundas das margens com suas diferenças, diversidade cultural e suas exigências para que haja a prevalência da heterogeneidade sobre a homogeneidade.

Assim, conforme um dos grandes teóricos da pós-modernidade Jean Baudrillard (1982, s.p), uma das grandes essências do pós-modernismo seria destruir a certeza e a eliminação da metanarrativa da verdade científica por meio da exaltação do relativismo, da heterogeneidade e das formas pessoais e subjetivas de narrar os fatos. Essa heterogeneidade, necessariamente, não quer dizer individualismo, mas se refere também ao deslocamento da produção do conhecimento para fontes-lugares alternativos aos tradicionais meios de mediação da informação.

De certa forma há uma certa ilusão de inclusão daqueles que proliferam a desinformação pois fazem parte de grupos que compartilham notícias falsas. Tais grupos são denominados de “bolhas” que tendem a congregar as pessoas que produzem, testam, compartilham ou mesmo acreditam piamente nas interpretações que dão aos fatos. D’Ancona (2018, p. 53) chama essa união de indivíduos de triagem homofílica, ou seja, uma tendência que trazemos conosco de nos unir àqueles que compartilham ideias semelhantes entre si, ou seja, aquilo que te agrada tende a te envolver e te chamar a atenção, congregando as pessoas em torno desse evento.

Essas bolhas ou grupos sempre existiram na história, o que se diferencia atualmente é a forma como eles se unem e compartilham as informações produzidas. A pós-modernidade trouxe consigo a revolução informática, uma grande transformação nos meios de comunicação que impactaram nas formas de criação e disseminação da informação, no tratamento da informação e na crença na veracidade desses enunciados.

A virtualização da relações sociais foi uma das grandes revoluções da humanidade, seja para proporcionar um instrumento que minimize as distâncias e que proporcione mais rapidez nas comunicações; seja para se tornar um instrumento de disseminação de novas formas de construção da realidade por meio da desinformação.

Assim, as redes sociais como um todo se converteram em instrumento eficaz para a disseminação da desinformação.

Nesse sentido, as redes sociais, através da virtualização das relações humanas se converteu em terreno fértil para a disseminação da desinformação devido ao descrédito a que foram levadas os tradicionais instrumentos de mediação da informação: as instituições de ensino, a imprensa e até mesmo a memória. Em seu lugar, os conteúdos passaram a ser produzidos de forma difusa, ou seja, qualquer pessoa se torna um “influencer”, conferindo credibilidade ao conteúdo produzido a partir da quantidade de “seguidores” que tem.

Nesse sentido, os produtores desenvolvem conteúdos baseados nos interesses do seu público independentemente da veracidade daquele material. Isso ocorre por conta do chamado Viés de Confirmação que consiste na influência da crença ou ideia preconcebida dos indivíduos em suas decisões. Assim, o indivíduo tende a selecionar, dentro de todas as informações disponíveis, apenas aquelas que sustentam ou confirmam suas expectativas estabelecidas anteriormente.

Dessa forma, a disseminação da desinformação torna-se facilitada a partir do momento em que as pessoas compartilham histórias que se alinharam com suas opiniões ou com suas ideologias sem, no entanto, aferir sua veracidade. Isso se dá porque a convivência nas redes sociais se tornou também significativa para as pessoas, tendo em vista ser um espaço que todos têm acesso de forma barata e simples, assim como atrai os olhares para pessoas que, na vida cotidiana, passam desapercebidas. Esse engajamento leva os sujeitos a se sentirem importantes a partir do compartilhamento das ideias e, dessa forma, ainda lhes proporciona a falsa impressão de que são pessoas “antenadas” com as mudanças.

Por conta dessa falsa sensação de importância, as bolhas são formadas. Também conhecidas como bolhas de filtro, podem criar ambientes onde as pessoas são expostas principalmente a informações que reforçam suas visões. Para D'Ancona (2018, p.55), o engajamento ocorre a partir da pseudo compatibilidade da audiência com a informação veiculadas pelas notícias falsas, ou seja, consumimos o que já gostamos e evitamos o não familiar. É aquilo que os algoritmos se destinam a fazer: conectar-nos com as coisas que gostamos, ou podemos vir a gostar. Trata-se de algo bastante responsável ao gosto pessoal e – até agora – bastante cego à veracidade. A web é o vetor definitivo da pós-verdade, exatamente porque é indiferente à mentira, à honestidade e à diferença entre os dois. Tudo que importa é que as histórias pareçam verdadeiras, que elas repercutam.

Nesse sentido, convida-se a uma verdadeira reprogramação de conceitos, falando de outra forma, há uma lavagem cerebral e a reconceitualização de antigos temas com uma nova roupagem pseudointelectual e, assim, a História passa a ser ressignificada e se tornar um verdadeiro conto de fadas.

4.4 Características da Desinformação

O presente subtítulo tem como objetivo apresentar a discussão a respeito das principais características da desinformação, elevando seus pontos principais e suas fundamentações. De início é relevante destacar que o que trazemos aqui não é um rol definitivo, pois há uma diversidade de elementos que formam o conteúdo da desinformação e que podem variar de acordo com a autoria que aborda o tema. Muitas destes elementos caracterizadores podem dizer respeito simultaneamente a outros instrumentos, tal como as *fake news*.

Por outro lado, podemos categorizar essas características em Personalíssimas, ou seja, aquelas que centralizam a desinformação a partir da figura de uma pessoa baseada na idolatria a um líder ou na afeição a um “influencer”; outras tem relação com a Necessidade de Pertencimento, ou seja, o sujeito se identifica com um grupo a partir do seu discurso; outra categoria diz respeito ao Interesse na Propagação de Desinformação, que pode ser ideológico-político, por vingança ou mesmo para gerar engajamento; por outro lado, há aquela desinformação que apela para o Discurso Sensacionalista (alarmante, conspiracionista, não-científicos) seja para gerar pânico ou mesmo engajamento.

As categorias acima delimitadas são uma forma pedagógica de agrupar os discursos para melhor visualizar seus objetivos. Tal delimitação não tem a pretensão de ser definitiva ou mesmo servir de padrão para uma formatação final. A seguir, seguem-se as principais características da Desinformação:

- I. Fontes Inseguras, Suspeitas ou Ausência de Fontes – geralmente a desinformação propaga conteúdos destituídos de rigor científico, ou mesmo sem qualquer base séria de estudos. Isso ocorre pois o objetivo é construir mensagens curtas e que foquem em situações que poderíamos denominar de “modísticas”, ou seja, que tenham uma dinâmica passageira e populista.

Para D'Ancona (2018, p. 45), esse populismo tem como tarefa simplificar ao máximo os fatos, tendendo a excluir do debate aquelas informações que não interessam ao criador do conteúdo. Assim, a fonte não se faz necessariamente fiadora da verdade, tendo em vista que a intenção é justamente causar a dúvida. A estratégia usada para lograr sucesso, segundo D'Ancona (2018, p.47) é “propiciar entretenimento disruptivo como distração da ciência laboriosa”, ou seja, cria-se a dúvida e não se aprofunda no debate mantendo a discussão sem conclusão e o audiência sempre “antenada” no canal disseminador.

Com a evolução tecnológica relativa ao mundo virtual, buscar as fontes dos conteúdos da desinformação fica cada vez mais complexo, pois o surgimento e o desenvolvimento da AI (Inteligência Artificial) e seu uso indiscriminados pelas pessoas tende a tornar o conteúdo mais atrativo e menos verdadeiro , é o que sugere García (2020, s.p) ao revelar que

Juan Gómez, integrante da equipe de pesquisa e professor de Ciências da Computação na Universidade de Granada, reconhece que a complexidade das mensagens dificulta encontrar estas estruturas de veracidade e falsidade. “Há recursos visuais simples e chamativos, como os emoticons e as letras maiúsculas, que são pistas relevantes para identificar as fake news; mas sua engenharia também evolui. Ou seja, os dados de treinamento que usamos em um determinado contexto agora já não podem mais ser aplicados.” Assim como as capacidades da inteligência artificial evoluem, o maquinário dos boatos e mentiras evolui inclusive mais rapidamente.

Quando falamos em personalização nos referimos ao processo de desqualificação dos métodos científicos de produção e de divulgação do conhecimento (cientistas, professores e jornalistas) que centravam no conteúdo da informação sua aferição de confiabilidade. Por outro lado, com a personalização há o deslocamento do conteúdo para a pessoa que divulga a desinformação, ou seja, a fonte da desinformação e a confiança na veracidade do informado está nos *influencers*, *tik-tokers*, *youtubers* ou mesmo nos líderes carismáticos que permeiam de fantasia as mentes menos preparadas para realidade.

II. Intenções Ideológicas, Econômicas ou Revanchistas – nem todo conteúdo da desinformação é vazio, aleatório e destituído de sentido. Muitos usam a desinformação com o objetivo de gerar dinheiro para quem manipula os fatos. O texto de Serrano (2023, s.p) ao citar a CEO da Agência Lupa, Natália Leal, traz uma situação que emblematiza o uso da desinformação para monetizar redes sociais se aproveitando de eventos que despertam o interesse do público

Na cidade de Veles, na Macedônia, dezenas de jovens criaram uma fábrica de fake news e conteúdo sensacionalista para ganhar dinheiro com a monetização de tráfego e anúncios nas redes sociais. Muitas das fake news contra Hillary Clinton, que ajudaram a eleger Donald Trump presidente dos EUA em 2016, por exemplo, vieram de lá, da Macedônia.

Os meninos não tinham nenhum interesse político na vitória de Trump, apenas perceberam que havia um nicho para ganhar dinheiro com isso, divulgando fake news sobre Hillary Clinton. Se deram conta que qualquer coisa que eles dissessem sobre o Trump gerava muito engajamento, então começaram a criar um monte de coisas extremamente fantasiosas, e isso teve uma baita repercussão. Ganham muito dinheiro fazendo isso.

Assim, a desinformação acabou sendo usada como produto para gerar capital para quem as manipulava, se transformando em mercadoria e fazendo com que as pessoas consumissem de forma indiscriminada os conteúdos da desinformação.

Por outro lado, pode até haver a veiculação de um conteúdo verdadeiro, mas o que a transforma em desinformação é o fato de ser usada para macular a imagem de alguém – pessoa física ou jurídica. Dessa forma, o conteúdo não se torna arma exclusivamente contra a reputação de uma pessoa, também visa manipular a opinião pública e alterar sua percepção de mundo conforme afirmado por Escobar (2023, s.p). Nesse sentido, há uma acumulação de objetivos: o econômico, o ideológico e o revanchista, tudo numa perspectiva, de disseminar a desinformação de forma a não fazer com que o sujeito leitor da mensagem perceba as relações de poder existentes no discurso.

III. Intencionalidade – a desinformação é criada com a intenção direta e deliberada de propagar conteúdos falsos, deturpados ou verdadeiros mas com finalidades obscuras.

Segundo Eagleton (1997, p. 177) “todo discurso tem como objetivo a produção de certos efeitos em seus receptores e é emitido a partir de uma “posição subjetiva tendenciosa”. Isso ocorre porque a maioria das pessoas que apenas repostam a desinformação acreditam que estas são reais.

Dessa forma, vemos que a intencionalidade está presente na criação do conteúdo, a propagação é um meio de disseminar os objetivos inicialmente construídos seja por meio de sujeitos conscientes da inveracidade do conteúdo, seja aqueles que apenas repostam as mensagens de forma mecânica, sem se preocupar com as origens e finalidades do conteúdo.

IV. Apelo Para o Sentimentalismo – quando usamos a palavra sentimentalismo com ela queremos abranger qualquer forma de manifestação que coloque o racionalismo em segundo plano e ceda espaço para estratégias que fomentem as emoções como forma de explicar os fatos, eclipsando assim a ciência como instrumento de constatação dos fatos,

ou seja, “o que importa não é a ponderação racional, mas a convicção arraigada” conforme afirma D’Ancona (2018, p. 36)

Assim, explicações baseadas em crenças teológicas, em emanações sentimentais, em teorias conspiracionistas e até mesmo em convicções subjetivas e pessoais – para não dizer “achismos” – preponderam tanto para a construção da desinformação quanto para sua disseminação. Para corroborar com isso, D’Ancona (2018, p.36) ao citar o cientista político Alexander Dugin, afirma que esse estudioso entende que os fatos são superados pela crença, fazendo com que aqueles não existam por si só, mas a partir da representação que o sujeito dá a eles – os fatos – a partir de sua própria convicção. Esse cientista influenciou a chamada direita alternativa nos Estados Unidos e, como ele, dividiram a crença de que a verdade é aquilo o que você entende dela.

Esse sentimentalismo – em todas as suas convicções – age de forma a impedir os julgamentos (críticas racionais) e fazem com que os indivíduos fiquem atrelados a convicções pré-concebidas dais quais não fez parte em sua concepção, assim, conforme D’Ancona (2018, p. 39) “a necessidade emocional sobrepuja a adesão estrita à verdade”. Por conta disso, o senso de criatividade e de astúcia são atrofiados e, por via de consequência, a capacidade racional perde amplitude fazendo com que aqueles que se veem diante de uma notícia falsa não tenham a capacidade de perceber a inveracidade de seus argumentos.

Toda essa engenharia dá espaço para o apelo aos discursos conspiracionistas, fazendo emergir teses já superadas no passado mas que se apresentam como atuais e que relegam as explicações científicas a um segundo plano. Isso é facilitado pelo ampliação do acesso aos meios virtuais, um campo fértil para a disseminação de desinformação e de fortalecimento de conspirações teóricas.

Mas, qual o papel das emoções nesse processo de disseminação da desinformação? A principal forma de expressão do discurso emocional, já que ele é subjetivo, é a relativização da ciência e de suas descobertas. Em contrapartida, esse sentimentalismo também se expressa por meio do absolutismo, se constituindo na outra ponta que tensiona o discurso científico. Conforme Geertz (s.p.), “o primeiro movimento é de estranhamento, mas não há desligamento do envolvimento emocional ou do julgamento de maneira total. Geertz escreveu que o relativismo “desativa o julgamento”, enquanto o absolutismo “o remove da história.”

Assim, as emoções exercem o papel de fomentar o extremismo não propondo nem meios alternativos para a interpretação dos fatos e nem permite que a ciência seja a única

alternativa de explicações dos fatos. Na prática, as pessoas que são submetidas aos conteúdos da desinformação agem de forma extremista, no sentido de não ter condições suficientes para agir criticamente por não terem o seu desenvolvimento intelectual preparado. Por via de consequência, esse relativismo leva ao esquecimento dos preceitos científicos e à negação da história e sua substituição por impressões pessoais dotadas de conteúdo não aferível objetivamente.

V. Discurso ou Argumento de Autoridade – com a supressão dos preceitos históricos a partir das convicções pessoais e com a ascensão das emoções enquanto estratégia de interpretação dos fatos cria-se um vácuo no processo informacional. Assim, é necessário que haja uma supressão desse vácuo e ela é feita através da linguagem, do discurso e do impacto simbólico que esses dois elementos podem provocar no indivíduo ao se deparar com uma informação falsa.

A linguagem deve ser direta e acessível de acordo com o efeito que se quer provocar nos indivíduos. Ao mesmo tempo, ela – a linguagem – não pode deixar frestas para que os indivíduos percebam as relações de poder que se escondem por trás do discurso. Portanto, o discurso se torna um canalizador da ideologia que se apresenta por trás da linguagem, se constituindo em um instrumento político e de poder.

Segundo Walton (2012, s.p), argumento de autoridade é aquele no qual recorremos à opinião de um especialista para concretizar nosso ponto de vista. Nesse caso, especialista aqui pode ser uma pessoa física (cientista, professor, político) ou mesmo uma pessoa jurídica (organizações científicas, políticas ou educacionais), ou seja, a autoridade não tem ligação direta com o poder de coerção, de dar ordens, mas está ligada ao conhecimento de mérito que ela apresenta, cujo objetivo é levar o público a se alinhar e a aceitar as conclusões defendidas, cuja credibilidade está alinhada à autoridade que a emanou. Assim, o objetivo principal do discurso de autoridade é influenciar as opiniões, decisões ou comportamentos do público. Ele orienta, informa ou convence com base em argumentos que parecem indiscutíveis, dado o peso da autoridade envolvida.

A relação entre discurso de autoridade e desinformação é potencializada no ambiente digital, onde redes sociais e algoritmos favorecem a disseminação de conteúdos polarizadores ou sensacionalistas, muitas vezes sem uma análise crítica de sua veracidade. A confiança automática em fontes de “autoridade” pode levar as pessoas a aceitar informações incorretas sem questioná-las, reforçando os erros e dificultando o diálogo baseado em fatos.

Assim, o discurso de autoridade é uma forma de comunicação que se baseia no reconhecimento de substituição, perícia ou poder de quem o emite, procurando persuadir, informar ou orientar os receptores. Ele se manifesta em diversos contextos, como o acadêmico, o jurídico, o científico, o político e o religioso, apresentando características específicas que conferem legitimidade e força.

Por fim, o discurso de autoridade é uma ferramenta poderosa que combina renovação e persuasão. No entanto, a sua eficácia depende não apenas da competência do emissor, mas também da capacidade do receptor de avaliar criticamente as informações apresentadas. Quando bem empregado, pode enriquecer debates e nortear decisões; mal utilizado, pode ser um instrumento de manipulação.

Desta feita, há uma relação bivalente entre a capacidade argumentativa e a empatia do público e a própria incapacidade do público receptor de reconhecer as tramas e ideologias subjacentes ao discurso, o que facilita a propagação da desinformação.

4.5 Consequências da Desinformação

Não há que se questionar mais que as relações sociais foram virtualizadas ao ponto de influenciar as formas de perceber a realidade social, de se comunicar e até mesmo de agir das pessoas, chegando ao ponto de as pessoas se escusarem das relações sociais presenciais e materiais, se isolando do mundo real e provocando transtornos para sua saúde física e mental. É o que nos informa Primak *et. al* (2017, s.p)

O uso de mídias sociais, como Instagram, Facebook®, Twitter e YouTube, é um的习惯 relativamente recente, de modo que ainda tenta-se compreender os efeitos desta nova forma de interação social em diferentes populações. O aumento no tempo dispensado utilizando as redes sociais relaciona-se ao sentimento de isolamento do mundo real, o que pode contribuir para o desenvolvimento de transtornos mentais.

Infere-se que a conjugação de dispêndio de tempo, conteúdos difusos e falta de finalidade social do indivíduo são elementos que contribuem para que o sujeito se isole e passe a viver cada vez mais um mundo virtual, fugindo das regras e das responsabilidades que o mundo real traz. Com isso, passam a viver em um mundo isolado e se transformam em alvos perfeitos para as desinformações.

É importante demarcar que o uso indiscriminado das redes sociais e o compartilhamento são fatores essenciais para que a desinformação se torne viral, mas como afirmado alhures, esse processo se concretiza pela ausência de leitura prévia do

conteúdo. Assim, a desinformação é construída como uma realidade presente e constante, se transformando numa verdade em si, pois a falta de leitura do conteúdo demonstra que os leitores ficam restritos apenas às manchetes e que estas, em sua maioria, trazem conteúdos alinhados ao pensamento político do sujeito-emissor, é o que confirma uma pesquisa feita pelo professor Shyam Sundar *et.al*, da Universidade Estadual da Pensilvânia, publicada em 2024

Quanto mais próximo o alinhamento político do conteúdo estiver do usuário, mais ele será compartilhado sem cliques”, disse Eugene Cho Snyder, professor de humanidades e ciências sociais no Instituto de Tecnologia de Nova Jersey. “Eles estão simplesmente transmitindo coisas que parecem concordar com sua ideologia política, sem perceber que às vezes podem estar compartilhando informações falsas”, disse.

Em sua análise, os pesquisadores da Universidade Estadual da Pensilvânia descobriram que esses links foram compartilhados 41 milhões de vezes sem que ninguém clicasse. Tanto os utilizadores conservadores como os liberais foram cúmplices disto, mas 76,94% dos utilizadores conservadores envolveram-se neste comportamento, enquanto pouco mais de 14% dos usuários liberais fizeram o mesmo.

Assim, percebemos que uma das consequências mais explícitas é o compartilhamento indiscriminado de notícias falsas, o que leva a uma disseminação da desinformação. Dessa forma, a desinformação apresenta várias consequências e que atinge todas as camadas sociais, assim como atinge a credibilidade das pessoas e das instituições e se constitui como um perigo para a manutenção da democracia. Eis alguns dos impactos e consequências da desinformação:

I. Impacto na Área da Saúde – como um instrumento que tem como uma das finalidades disseminar informações erradas, a desinformação coloca em xeque a confiança na produção científica e fortalece a crença nos mitos. Dessa forma, faz com que aqueles menos informados renunciem a tratamentos cientificamente comprovados e passam a fazer uso de terapias sem efeitos ou de medicamentos paliativos.

Um grande exemplo da proliferação de informações falsas se deu durante a campanha de vacinação contra a COVID-19, em que se disseminou que a vacinação era ineficaz ou mesmo responsável por ampliar o quadro de infecção daquela doença respiratória, o que resultou no aumento de caso e complicou o controle da pandemia.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que dissemina inverdades sobre os tratamentos científicos das doenças se fortalecem os negacionismos, muitas vezes associando a vacinação ao desenvolvimento de outras doenças e, por via de consequência,

inocula nas pessoas o “vírus do medo”. D’Ancona (2018, p. 68) mostra como um artigo científico publicado por um dr. Andrew Wakefield associava um vínculo entre a vacina contra o sarampo, caxumba e rubéola e o crescimento da incidência de diagnósticos de autismo no Reino Unido cuja consequência foi que

Conforme as afirmações ganhavam circulação na mídia, as taxas de imunização caíam muito em todo Reino Unido, de 92% para 73% (e perto de 50% em certas áreas de Londres), o que resultou em surtos de sarampo e casos de morte. Em julho de 2008, a doença tinha uma vez mais se tornado endêmica na Grã-Bretanha – catorze anos após sua quase erradicação.

Dessa forma, além do prejuízo para a manutenção do controle das doenças, a desinformação ainda provoca nas pessoas uma aversão aos médicos e cientistas que apresentem discurso diferente do esperado pelo grupo a que pertence e passam a ser vistos como indutores e causadores de doenças, invertendo assim a ordem dos fatores. Por outro lado, a disseminação de informações falsas pode causar impactos diretos na saúde ao provocar o retorno de doenças já erradicadas e a baixa vacinação, o que pode sobrecarregar o sistema e provocar danos maiores à população.

Interessante destacar que o impacto das falsas informações além de provocar transtornos no âmbito da saúde, por via de consequência, provoca reflexos em questões mais amplas a ela ligadas tais como a econômica e a social, conforme nos demonstram Vijaykumar, Jin e Samantha Vanderslott (2021, p.213-2014)

Por exemplo, a desinformação sobre o fato de a covid-19 ser originada da carne de frango causou à indústria avícola Indiana e aos produtores membros uma perda de aproximadamente US\$ 182 milhões (receita). A violência desencadeada pela teoria da conspiração 5G, que também costumava estar frequentemente associada à disseminação da covid-19, impactou diretamente a vida profissional dos trabalhadores de telecomunicações no Reino Unido (ocupação). Atribuir a culpa da covid-19 aos asiático--americanos que residem nos EUA fez com que vários deles enfrentassem o ostracismo social por suas comunidades, a estigmatização e o assédio verbal, levando a quase 1.700 incidentes registrados de março a maio de 2020 (raça e etnia).

Portanto, o reflexo da desinformação em relação à questão de saúde se estende a outras searas como reflexo natural do fomento ao não tratamento e mesmo à gênese de determinadas doenças, provocando estigmas e violência em relação aos sujeitos e fatos envolvidos no conteúdo da informação falsa.

II. Erosão da Confiança nas Instituições – tradicionalmente, a construção e divulgação do conhecimento tem sido mediada por instituições públicas ou privadas. Tais instituições podem ser as empresas jornalísticas, por meio de periódicos impressos ou virtuais, assim como as instituições científicas (órgãos de pesquisa, de fomento à ciência) e as educacionais (escolas, Institutos Federais, universidades).

A função de tais instituições é a de formar especialistas para que possam analisar, fomentar e produzir o conhecimento de um ponto de vista metodológico-científico, ou seja, submetido a um rígido processo de investigação. Nesse sentido, a ciência – ou conhecimento – produzido tem como característica a revisionabilidade, ou seja, a possibilidade de ser reanalizado quantos vezes for necessária para ter validade, e isso gera a confiabilidade nas instituições tradicionais: o conhecimento é formado, reformado e publicizado a partir de instrumentos aferidos rigidamente, tendo a transitoriedade do conhecimento como uma de suas bases, se diferenciando da interpretação mitológica ou “achista” dos fatos.

A partir do momento em que as pessoas passam a acreditar em informações cujas fontes não são aferíveis cientificamente abre-se um espaço para as pseudociências, ou seja, um conjunto de informações ou métodos de explicação dos fatos que se dá a aparência de científica, mas que tem como base premissas distantes dos métodos rigorosos da ciência para a aferição de sua validade ou aceitabilidade. Mesmo assim, a desinformação generaliza a pseudociência e devido ao compartilhamento indiscriminado de seu conteúdo torna-se uma forte aliado contra a credibilidade vindo a influenciar negativamente sobre as instituições da democracia, conforme defendido por Amaral (2022, p. 5)

Ainda que constitua fenômeno relativamente novo, já podemos notar que as campanhas de desinformação são plenamente capazes de interferir no grau de credibilidade/legitimidade que as pessoas depositam em instituições basilares da democracia como imprensa, ciência, escola, universidade, justiça, sistema eleitoral, entre outras. Se entendermos a política como a esfera da vida coletiva onde decidimos acerca de nosso destino comum, a desinformação – potencializada pela escala e pela lógica comunicacional reticular e horizontalizada desses tempos digitais – já tem se mostrado capaz de moldar o destino de nossas sociedades.

Observe-se que os impactos da proliferação da desinformação também afetam os integrantes de tais instituições quando professores passam a ser contestados como mediadores do conhecimentos, quando repórteres passam a ser agredidos por populares ou impedidos de cobrirem eventos, ou mesmo quando os cientistas passam a ser

ridicularizados em programas de televisão ou na internet. Em contrapartida, “gurus” da redes sociais passam a ditar o que deve ou não deve ser aceito pelas pessoas, prescrevendo tratamentos para doenças que não são adequados ou mesmo não tem efeitos, como no caso do uso da cloroquina no Brasil durante a pandemia do COVID.

Esse espaço para a proliferação das pseudociências e das teorias das conspirações somente foi possível graças à descentralização da produção dos conteúdos que antes estava centralizada em instituições tradicionais de mediação da informação. Essa descentralização ocorreu a partir do momento em que foi possível produzir conteúdo nos celulares ou mesmo em pequenos estúdios para serem veiculados por meio do Instagram, do Youtube ou por outros canais, é o que afirma Faria (2023, s.p) quando enfatiza que a democratização do acesso à informação trouxe consigo o paradoxo da informação, assim

Há mais de 20 anos, a chegada da era digital e das plataformas de comunicação foi recebida como uma grande oportunidade para aprofundar a democracia na transição do século 20 para o século 21. A ideia era que quanto mais os cidadãos recebessem informações e tivessem capacidade de ouvir, menos vozes marginalizadas ou ignoradas haveria. Em pouco tempo, porém, ficou claro que a democratização do acesso à informação abriu caminho para o paradoxo da desinformação, para a manipulação e para o engodo, tanto em decorrência dos abusos cometidos em nome da liberdade de expressão quanto pela própria natureza dos novos espaços públicos.

Assim, o abuso da democracia levou à contestação da ciência, das instituições de da produção metodológica do conhecimento dando espaço para manipulação da informação e, por via de consequência, o adoecimento da verdade levando ao que D’Ancona (2018, p.42) de colapso da confiança.

Por fim, a desinformação direcionada a governos, instituições científicas e organizações internacionais pode corroer a confiança pública nessas entidades. Isso dificulta a implementação de políticas públicas, a liberdade de consensos científicos e o fortalecimento de ações coletivas em defesa da democracia e do acesso coletivo aos bens e serviços públicos.

III. Enfraquecimento da Democracia – como visto, a desinformação atinge frontalmente as instituições o que coloca em xeque a democracia. Isso ocorre, entre outras coisas, devido a polarização política o que, por sua vez, leva a ataques dirigidos aos meios de exercício das liberdades democráticas.

Os discursos contra a liberdade de imprensa, contra a lícitude dos pleitos eleitorais contestando seus resultados devido ao uso das urnas eletrônicas, o uso abusivo do direito

como instrumento de revanche pessoal, o chamado *lawfare*, entre outras, vão enfraquecendo as instituições protetoras dos direitos e da democracia e concretizam a ideia de que uma ditadura teria melhores condições de exercer um governo mais próximo dos anseios dos cidadãos, é o que evidencia Carlos Estênio Brasilino (2024, p. 35) ao mostrar dados os quais demonstram que “o apoio ao autoritarismo cresceu: 17% entre os latino-americanos que apoiam que “um governo autoritário pode ser melhor”. Há 13 anos, esse percentual era de 15%.”

Por outro lado, os partidários do uso indiscriminado das informações falsas defendem-se dizendo que apenas estão exercendo a sua liberdade de expressão constitucionalmente protegida. A liberdade de expressão é um direito fundamental universalmente consagrado, protegido pelos estados democráticos e que fazem parte do patrimônio jurídico dos cidadãos, mas isso não quer dizer que esta liberdade alberga a prerrogativa de se fomentar a violência contra a democracia. Esse direito tem como objetivo principal promover e fomentar a participação dos indivíduos nos assuntos mais caros à democracia e não sustentar pontos de vista que fomentem a derrocada dos instrumentos de fortalecimento dessa mesma democracia, como a censura; assim como não é um instrumento que sirva de escudo para atividades criminosas, conforme defendido no voto do Ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Edson Fachin na ADPF 572 (2020, s.p.)

(...) combater a desinformação é garantir o direito à informação, ao conhecimento, ao pensamento livre, dos quais depende o exercício pleno da liberdade de expressão. No entanto, a liberdade de expressão não respalda a alimentação do ódio, da intolerância e da desinformação.

Note-se que a desinformação se consubstancia como um perigo para o exercício da democracia pois, além de colocar em xeque direitos caros ao exercício da democracia, também fomenta a polarização política como consequência do processo de desconstrução das instituições. Assim, aqueles que buscam desconstruir a continuidade do processo democrático se fecham em “bolhas” cujos discursos lhes atraem por serem similares aos seus preceitos políticos, conforme nos afirma Sustein (2019, p. 9) quando diz que “os enclaves de discussão entre pessoas que pensam de modo semelhante muitas vezes são solo fértil para movimentos extremistas”, resultando na redução do pluralismo social.

Nesse sentido, a rede mundial de computadores se tornou um campo profícuo para disseminação de ilegalidades, a ela associadas a política armamentista dos últimos anos e os movimentos antidemocráticos fomentados por políticos de extrema direita. As ideias

ultraconservadoras se tornaram cada vez mais crescentes no Brasil, por exemplo, como no discurso proferido pelo então secretário de cultura Roberto Alvim em janeiro de 2020 quando parafraseou Goebbels, ministro da propaganda nazista, associando a sua imagem com a do compositor favorito de Adolf Hitler, Richard Wagner (1813-1883).

A consequência dessas atitudes contra o Estado Democrático de Direito apareceram em uma pesquisa divulgada pelo site do El País Brasil em julho de 2020, cujo artigo foi escrito pelos jornalistas Gil Alessi e Nara Hofmeister. A pesquisa é da lavra da professora Adriana Dias, da Unicamp (Universidade de Campinas), nela demonstra que

Existem pelo menos 530 núcleos extremistas, um universo que pode chegar a 10 mil pessoas. Isso representa um crescimento de 270,6% de janeiro de 2019 a maio de 2021.

Eles começam sempre com o masculinismo, ou seja, eles têm um ódio ao feminino e por isso uma masculinidade tóxica. Eles têm antissemitismo, eles têm ódio a negro, eles têm ódio a LGBTQIAP+, ódio a nordestinos, ódio a imigrantes, negação do holocausto.

Dessa forma, vemos como a desinformação se prolifera pelas redes sociais de forma livre, arregimentando seguidores cujo discurso se alinha propositadamente a eles e se constrói uma rede antidemocrática, não só em relação às instituições de construção da democracia, mas também em relação aos próprios direitos conquistados nesse processo de concretização das liberdades sociais, fomentando ódios, racismo e negações de fatos históricos.

Por fim, elencamos acima algumas consequências que reputamos, neste momento, as que mais efeitos negativos provocam, seja de forma direta ou indireta. Nesse sentido, a desinformação provoca efeitos profundos e multifacetados, impactando qualidades individuais, comunidades e sistemas democráticos. Ela fomenta a polarização social, compromete a confiança nas instituições e dificulta a tomada de decisões racionais. Além disso, pode gerar danos tangíveis por meio da propagação de tratamentos médicos ineficazes ou perigosos, o aumento de prejuízos sociais e a manipulação política da população.

Para mitigar esses impactos, é essencial investir em educação midiática, promover o pensamento crítico e fortalecer a transparência das plataformas digitais. Também é crucial que governos, empresas e cidadãos trabalhem juntos para identificar e combater a desinformação, ao mesmo tempo se que protege a liberdade de expressão.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente capítulo objetiva analisar conjunta e qualitativamente os dados coletados junto aos estudantes do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio do Curso de Informática Para Internet do Campus de Crato-CE do Instituto Federal de Educação do Ceará. O foco aqui está nas percepções, significados, padrões de comportamentos e discursos manifestados pelos pesquisados, ou seja, como eles pensam e se posicionam diante da desinformação.

A pesquisa se constituiu de um questionário com 16 perguntas objetivas e subjetivas, abordando questões demográficas, temas sobre o usos das mídias e as fontes de informações usadas pelos pesquisados, itens a respeito da percepção dos alunos sobre a desinformação (impactos e soluções). Foi aplicado a uma amostra de 10 alunos por série, num total global de 30 pesquisados. A coleta ainda considerou múltiplas variáveis tais como nível de escolaridade, idade e gênero.

De forma preambular, como meio de informação principal utilizado pelos alunos para se informar predominou as redes sociais. A televisão e os sites de notícias ainda aparecem, mas rádio e jornal impresso são praticamente nulos, o que pode indicar a existência de uma ruptura geracional no consumo e tratamento da informação. O Instagram, o TikTok e o YouTube aparecem como meios favoritos de acesso à informação por parte dos estudantes; já o Facebook e o Twitter quase desaparecem, podendo significar que houve uma migração para os instrumentos em alta em determinado momento, se conformando como uma espécie de modismo digital.

Quanto ao nível de alfabetização midiática através da verificação dos dados, todos os alunos informaram que já identificaram *fake news*. No entanto, e de forma paradoxal, nem todos têm o hábito de verificar os conteúdos, sendo que a maioria afirma checar "frequentemente" ou "às vezes", mas poucos fazem isso "sempre". Por outro lado e de forma interessante, a maioria reconhece que a desinformação tem impacto social e educacional, demonstrando um paradoxo: desconfiam das redes, mas dependem delas.

Para conter a disseminação das *fake news* os estudantes reconhecem a importância do papel da mídia e das penalidades, mas subvalorizam a educação midiática e o pensamento crítico, o que sugere pouca percepção do papel formativo das instituições de ensino, as colocando como instrumento secundário de combate à desinformação.

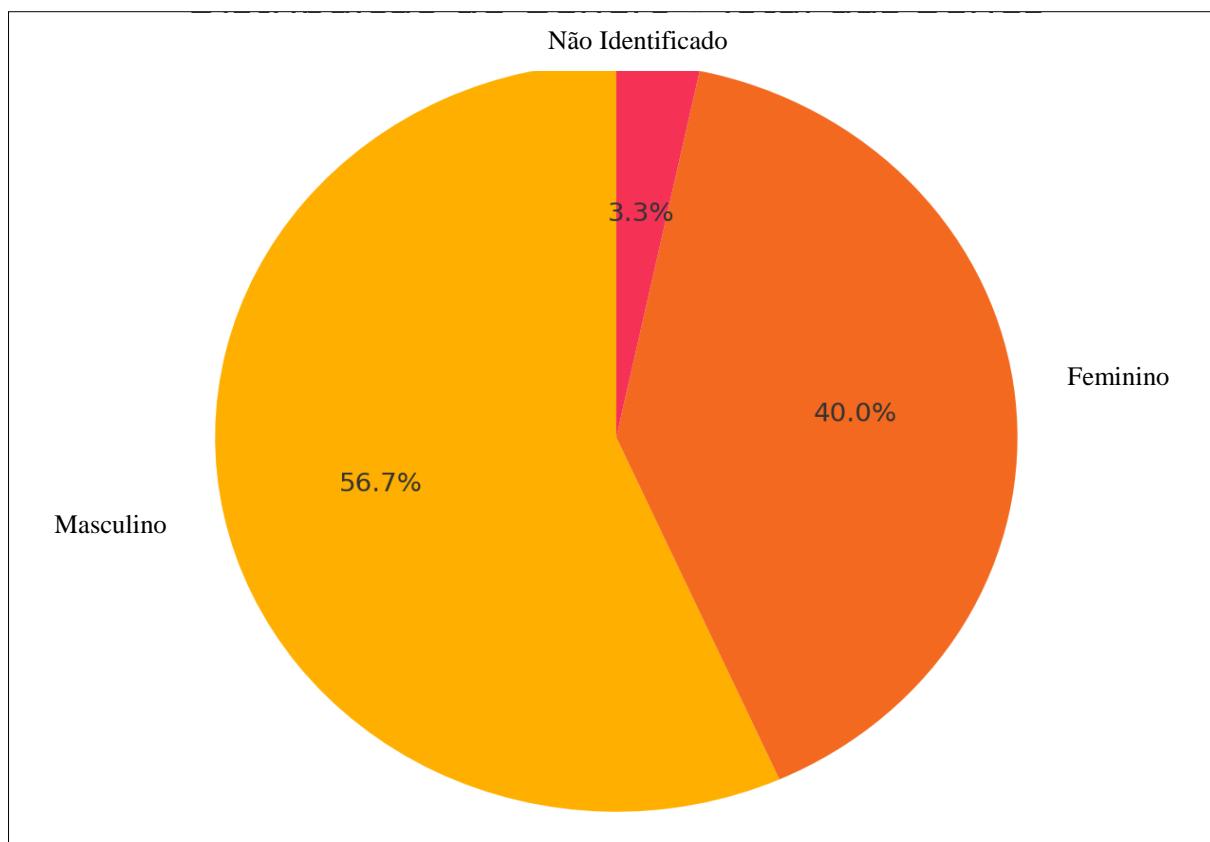
Quanto aos conteúdos compartilhados e motivações para tal compartilhamento, os pesquisados apresentaram um caráter emocional, humorístico e de entretenimento, o que

facilita a disseminação de *fake news* justamente por apresentarem ter função lúdica. Podemos constar o que foi citado ao analisar que houve pouca menção a conteúdos educativos, sociais ou científicos, o que pode revelar uma tendência para o consumo superficial de informação, assim como nos mostra que o compartilhamento é feito de forma impulsiva, baseada na emoção, no desejo de engajamento e de pertencimento e na curiosidade, mais do que na responsabilidade informativa.

5.1 Análise Comparativa dos Dados Entre as Séries

No presente subcapítulo, analisamos de forma comparativa os dados colhidos em dada série. O presente item se torna relevante por fazer um cruzamento dos dados obtidos a partir da visão individualizada de cada série. Assim, poderemos ter noção de como a amostra total se posiciona em relação ao tema Disseminação da Informação.

Figura 01 – Distribuição do Gênero da Amostra



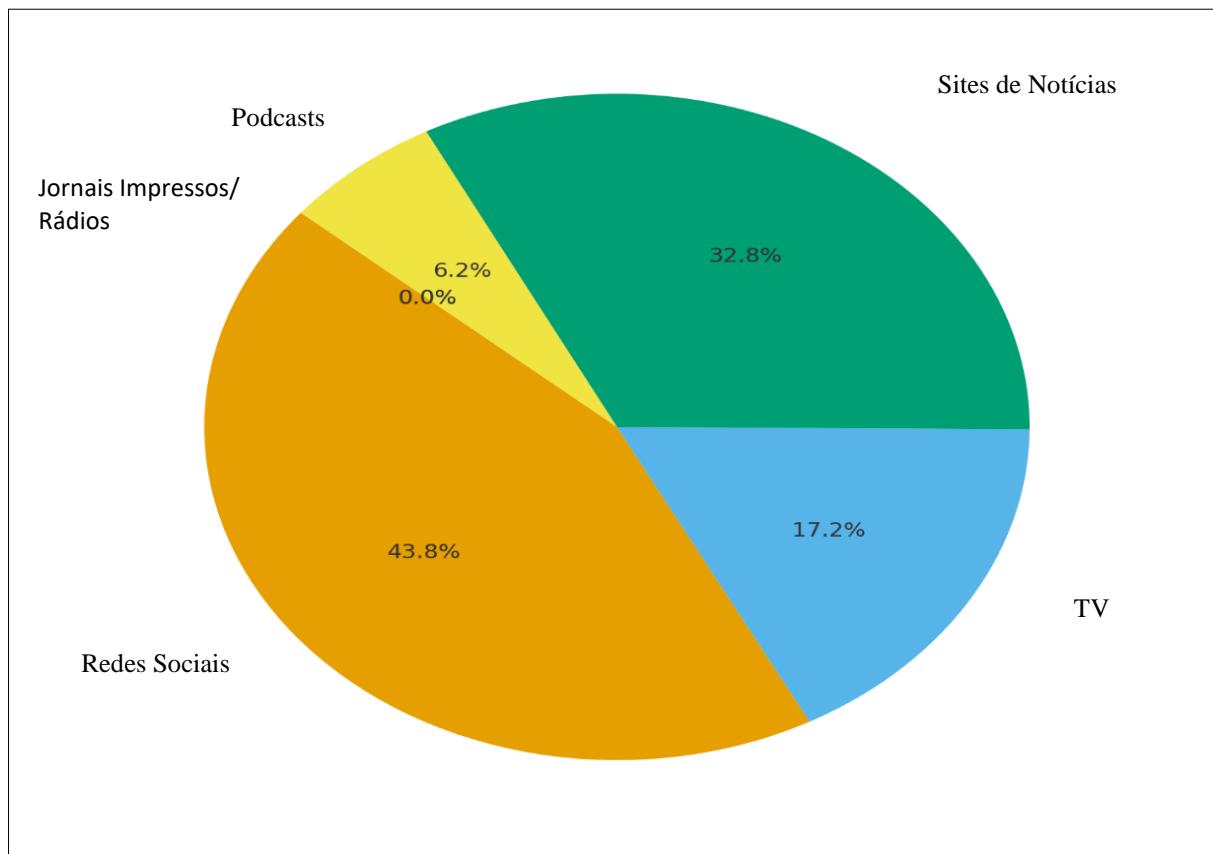
Fonte: pesquisa direta, 2025.

A amostra total contemplou 30 alunos distribuídos igualmente entre os três anos de formação do curso de Informática para Internet do IFCE campus Crato. Predominou estudantes com idade inferior a 18 anos, com apenas 01 estudante se declarando como

maior de idade. Deu-se ênfase ao equilíbrio de gênero entre os pesquisados tendo em vista analisar se os impactos causados pela desinformação atingiam de forma igual os pesquisados, independentemente do gênero.

Nesse sentido, a amostra foi composta por uma pequena maioria do gênero masculino, 56,7%, sendo que esta maioria provém do 2º ano com um percentual de 80% de homens. Já as mulheres participantes da pesquisa perfizeram um total de 40 % de pesquisadas, sendo elas maioria no 3º ano, com um percentual de 50%.

Figura 2: Fontes de Informações Mais Utilizadas Pelos Estudantes (Total Por Canal)



Fonte: pesquisa direta, 2025.

Quanto às fontes de informação mais utilizadas, as redes sociais se destacaram, o que não causa surpresa pois a amostra é composta unicamente por pesquisados que fazem parte de uma geração que nasceu tendo como fonte de comunicação os meios virtuais. Esse fenômeno é entendido por Gonçalves (2008, p. 22) como sendo um instrumento agregador de pessoas em torno de interesses pessoais ou, até mesmo, a partir de interesses contrários, que por serem polêmicos provocam aproximações, ultrapassando do âmbito acadêmico e científico e ganhando espaço em outras esferas, chegando à

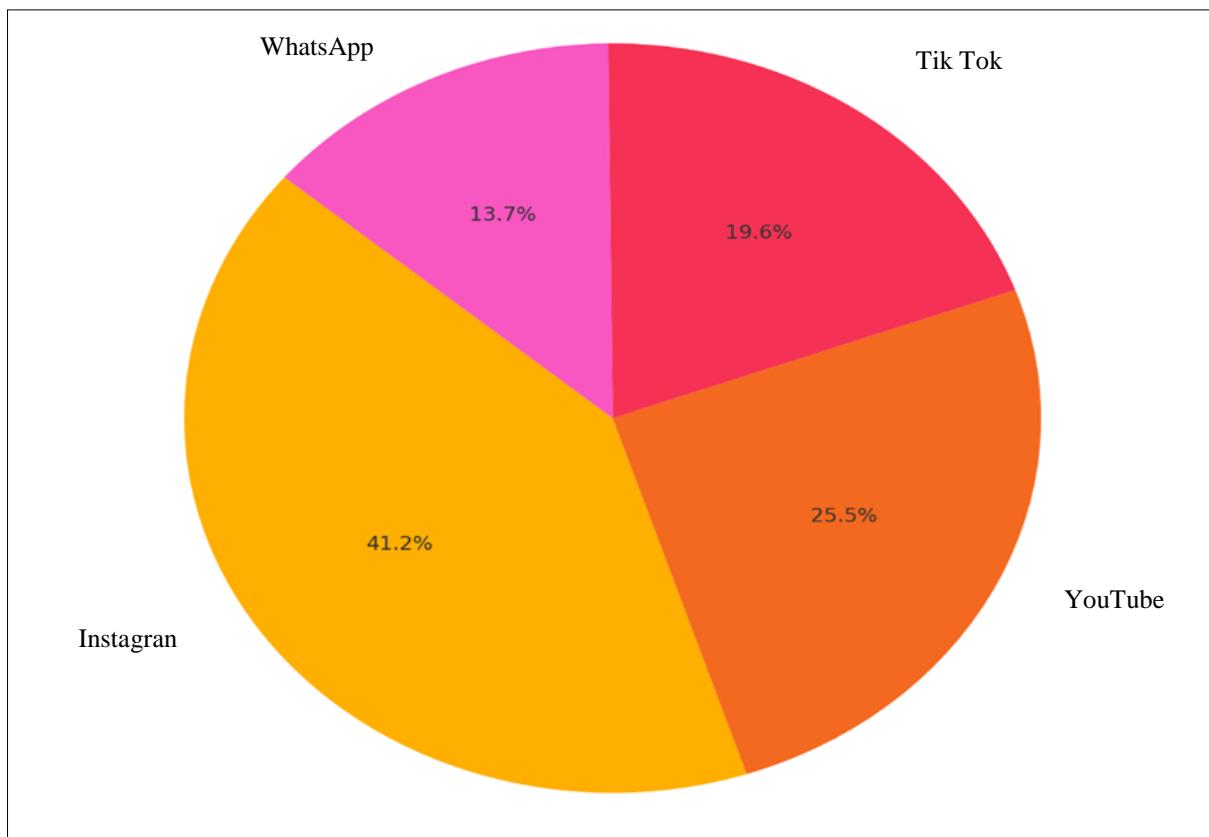
internet e conquistando cada vez mais adeptos, aglutinando pessoas com interesses em conteúdos específicos, ou mesmo para estabelecer relacionamentos. O uso desses recursos gera uma rede em que os membros convidam seus amigos, conhecidos, sócios, clientes, fornecedores, e outras contatos para participarem dela, desenvolvendo uma rede de contatos profissional e pessoal que certamente terá pontos de contatos com outras redes. Enfim, são ambientes que possibilitam a formação de grupos de interesse que interagem por meio de relacionamentos comuns.

Se levarmos em conta que os sites de notícias também são virtuais, temos que majoritariamente os pesquisados se informam pelos meios virtuais, perfazendo um total de 79,6 % dos alunos indicando os citados canais como meios de informação. A sala apresentou maior índice de busca de informações pelas redes sociais foi o 2º, com 100% indicando nesse sentido.

Fora do ambiente virtual, a TV é a mais utilizada pelos pesquisados, superando os jornais impressos e os podcasts. Por outro lado, Rádio e Jornais Impressos não atraem a audiência do público pesquisado, tendo em vista que nenhum aluno das três séries indicou utilizar tais meios. Portanto, os meio tradicionais como jornais impressos, rádio e podcasts são pouco utilizados ou mesmo não utilizados pelos estudantes, sendo corriqueiro o uso exclusivo de uma única rede social, o que eleva o risco de exposição às bolhas informacionais.

Interessante destacar que os sites de notícias têm nos voluntários do 3º ano uma grande audiência, pois 70% informaram que busca nela informações, isso pode ser devido a uma maior maturidade ou mesmo devido à necessidade de se manter informado por conta das exigências do anos em que estão cursando.

Figura 03: Meios Virtuais Mais Utilizados Para se Informar



Fonte: pesquisa direta, 2025.

As redes sociais foram apontadas como o principal meio virtual de informação mais utilizado entre os três grupos com 41,2% de indicações para o Instagram, sendo que no 2º ano 20% dos alunos o tem como único canal de informação, e no 3º ano 70% o tem como meio principal de informação. Esses dados fortalecem a ideia de que os pesquisados confiam nas informações que lhes são fornecidas pelos meios virtuais, o que colabora para a disseminação da desinformação pelo fato de uma adesão acrítica ao que lhes é dado acesso.

Outro canal de informação que é muito visitado é o YouTube, com uma grande adesão pelos pesquisados do 2º ano: 70% sendo que 30% exclusivamente se informam por este instrumento.

No entanto, e de forma surpreendente, o WhatsApp apresentou baixa adesão com 13,7%, a menor de todos os canais disponibilizados na pesquisa. Um fato interessante em relação ao WhatsApp, segundo Gragnani (2018) é que ele é visto como um dos canais mais vulneráveis à difusão da desinformação e, por ter um caráter privado, segundo o pesquisador, torna-se ainda mais difícil rastrear a mensagem falsa e avaliar seus impactos.

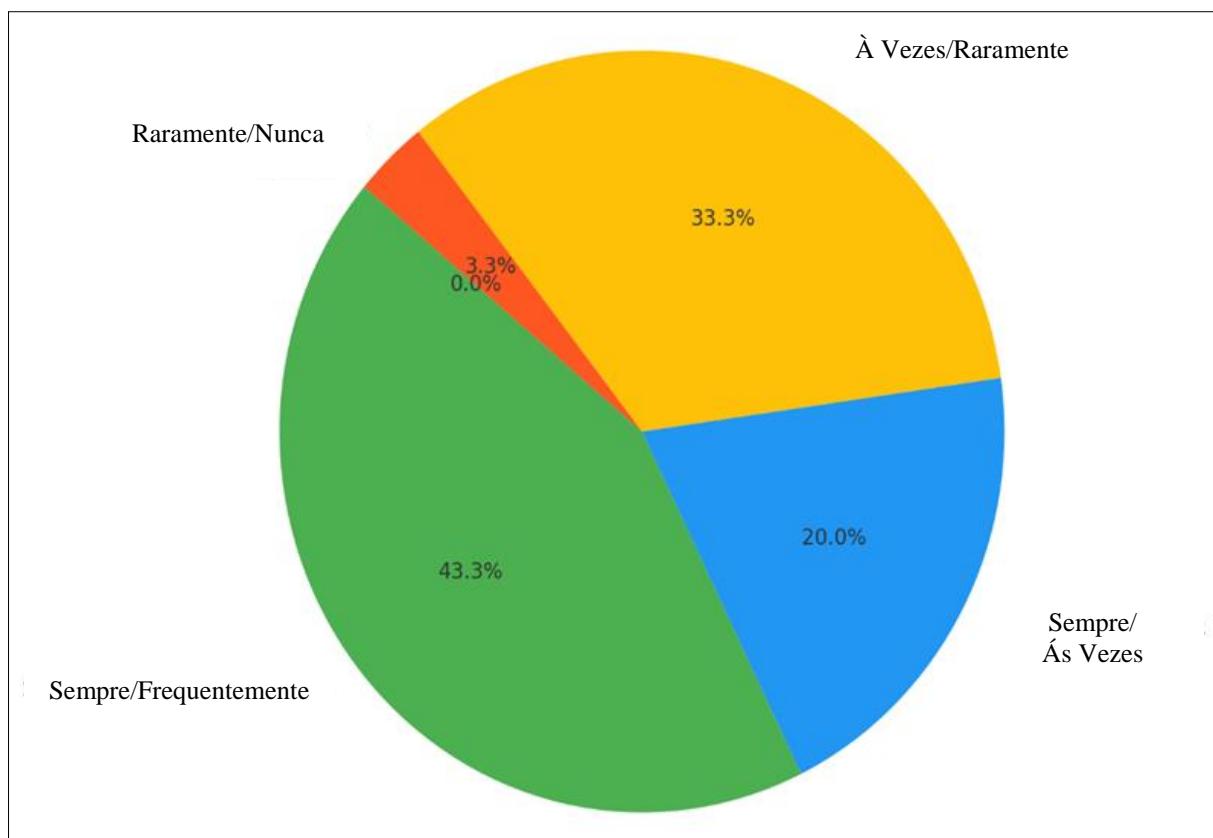
Para corroborar o peso do WhatsApp como instrumento facilitador da propagação da desinformação, e confirmando que quanto mais pessoas a elas são expostas mais ela se propaga sem o mínimo de verificação, as pesquisadoras Ariadne Furnival e Tabita Santos (2019, p.99), em artigo publicado no periódico da Universidade de Caxias do Sul, afirmaram que

O peso do papel do aplicativo de mensagens por celular, o WhatsApp, neste cenário, não pode ser subestimado. Uma pesquisa feita pelo Monitor do Debate Político no Meio Digital, da Universidade de São Paulo, averiguou que os grupos de família do WhatsApp são os maiores propagadores de desinformação e notícias falsas.

Assim, mesmo diante do surgimento de novas tecnologias e de novos canais de comunicação, principalmente ligados aos meios virtuais, o WhatsApp ainda tem um papel relevante na propagação de informações de conteúdo e com fontes duvidosas, principalmente quando compartilhado em grupos numerosos.

Já quanto ao Facebook e o Twitter, nenhum participante indicou uso para se informar, indicando que são canais que não mais atrai o público, seja para se informar ou até mesmo como entretenimento.

Figura 4: Frequência da Verificação das Informações



Fonte: pesquisa direta, 2025.

Todos os participantes (100%) relataram já terem se deparado com desinformação nas redes sociais, o que demonstra um grau de consciência generalizada da existência da desinformação. Contudo, essa percepção varia em profundidade, tendo em vista que o hábito de checagem das informações antes do compartilhamento é inconsistente: nos 1º e 2º anos a maioria afirma verificar sempre ou frequentemente, sendo que no 1º ano 60% dos pesquisados verificam sempre ou frequentemente, 40% verificam às vezes ou raramente e 0% nunca verifica; já no 2º ano os pesquisados afirmaram que 40% frequentemente verificam a veracidade dos dados, 60% se apresentam divididos entre sempre/às vezes/raramente e nenhum; 0%, nunca faz a verificação.

Por outro lado, o 3º ano nos surpreende, pois por ser uma turma que naturalmente tem maior vivência tanto pessoal quanto escolar, esperava-se maior cuidado no tratamento dos dados, assim: 0% dos alunos afirmou que verifica sempre, 30% faz a checagem frequentemente, mais da metade, 60%, às vezes faz esse controle, 10% raramente e 0% nunca. Veja-se que 70% dos pesquisados no terceiro ano não têm o hábito de controlar a qualidade do conteúdo o qual tem acesso, se configurando como um fator de facilidade na propagação das *fake news*.

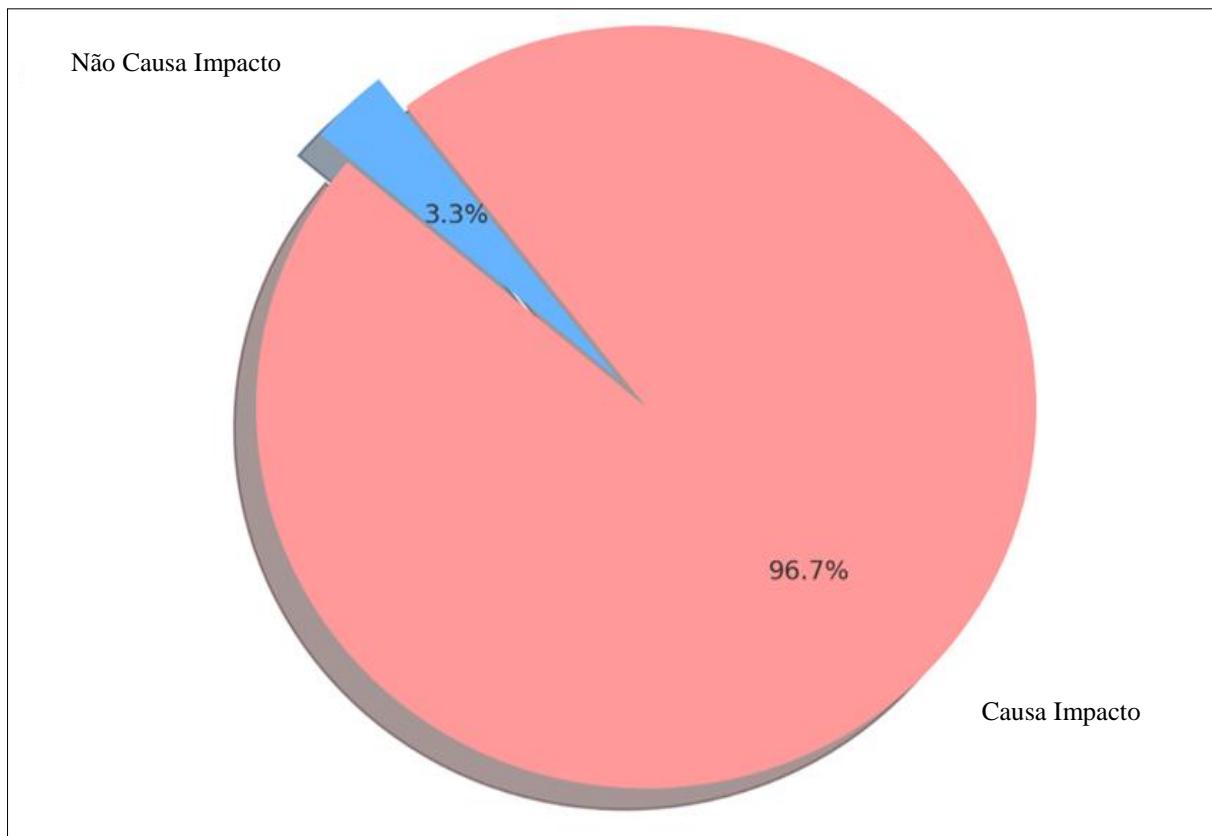
Em relação à disposição para checagem e pensamento crítico, embora muitos afirmem que verificam as informações “frequentemente”, apenas uma minoria relata verificação sistemática ou sempre verificam, a maioria checa “às vezes” ou “raramente”. Nenhum estudante afirma “nunca” verificar. Isso nos revela que existe uma disposição discursiva para a verificação, mas o comportamento real pode estar mais alinhado à impulsividade e hábito de compartilhamento automático. A ausência de respostas do tipo “nunca verifico” pode indicar viés de desejabilidade social, os alunos sabem o que é socialmente esperado, mas nem sempre o praticam.

Esses dados podem esconder uma outra realidade que não está ligada à vontade ou ao interesse de analisar a veracidade do conteúdo que lhes são encaminhados, mas pode ter ligação com a incapacidade de reconhecer essa condição da informação, sendo que isto leva à naturalização da não-checagem e à consolidação da informação como verídica em si mesma. Em relação à esta incapacidade, Valois Cardoso (2021, p.618) anota essa visão ao analisar aspectos de uma pesquisa da Tik Kids sobre a verificação que apontou que

O impacto das fake news para as crianças ganhou mais evidência depois da publicação do relatório da pesquisa Tic Kids Online Brasil: Pesquisa

Sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil (2017), que mostrou que 24,3 milhões de crianças e adolescentes são usuários de internet, sendo que desse, 31% disseram que não são capazes de verificar se uma informação encontrada na rede é correta ou não. É, pois neste cenário preocupante que tem surgido diversos estudos mostrando algumas estratégias pedagógicas para diminuir o impacto das fake news sobre as crianças.

Figura 5: Crença nos Impactos Causados Pela Desinformação na Sociedade



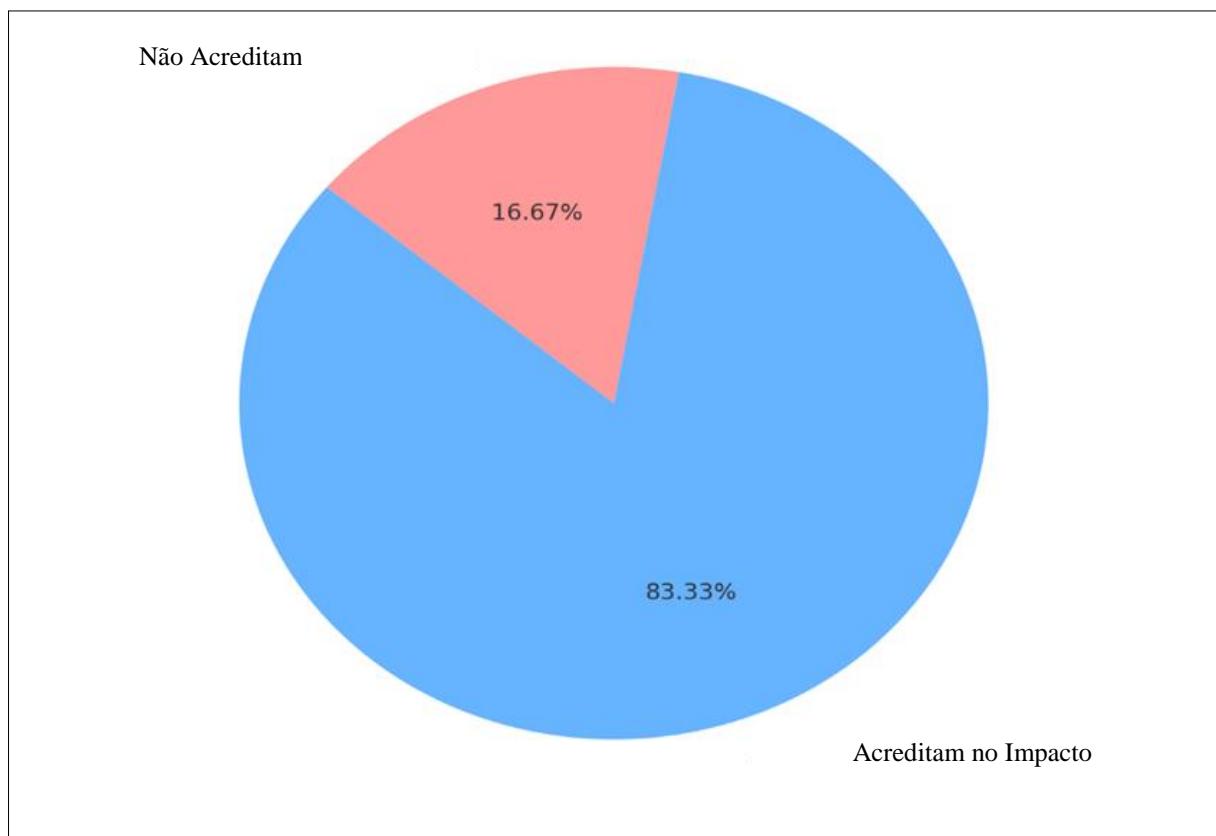
Fonte: pesquisa direta, 2025.

Em relação a opinião dos pesquisados sobre sua crença de que desinformação tem impacto na sociedade há um consenso quase total entre os alunos de todos os anos de que a desinformação afeta a sociedade. Nesse sentido, os pesquisados do 1º e do 2º ano foram quase unâimes com 90%. Assim, a alta porcentagem já nos anos iniciais (90%) pode indicar que o tema da desinformação é percebido como relevante desde cedo, possivelmente por influência da mídia, da educação formal ou de vivências familiares. O dado de 100% no 3º ano indica um amadurecimento ou maior consciência crítica conforme os alunos avançam nos estudos. Por outro lado, todos os dados podem refletir também uma maior exposição a conteúdos jornalísticos, debates sociais ou ao uso mais intenso de redes sociais com senso crítico mais desenvolvido, o que pode levar a uma

consciência plena de que a disseminação de conteúdo falso pode implicar em consequências significativas e distorções da realidade, favorecendo a grupos interessados na consagração e naturalização de doutrinas extremistas, desvalorizando o debate multilateral em favor de uma visão unilateral, como nos informa Gonçalves Gomes (2024, p.08)

Essa disseminação de informações falsas, também, tem um impacto significativo no debate público e no processo político. A desinformação e a notícia falsa podem distorcer percepções sobre questões cruciais, minar a confiança nas instituições e nas eleições e prejudicar a capacidade da sociedade de tomar decisões informadas. Tem sido enormemente utilizada no Brasil a propagação de discursos de ódio e de intolerância racial, étnica, de gênero e outras formas de discriminação. Através da tecnologia, mensagens carregadas de preconceitos são disseminadas, alimentando conflitos e prejudicando a coexistência pacífica entre os diversos grupos da sociedade brasileira.

Figura 6: Crença nos Impactos da Desinformação no Ambiente Escolar



Fonte: pesquisa direta, 2025.

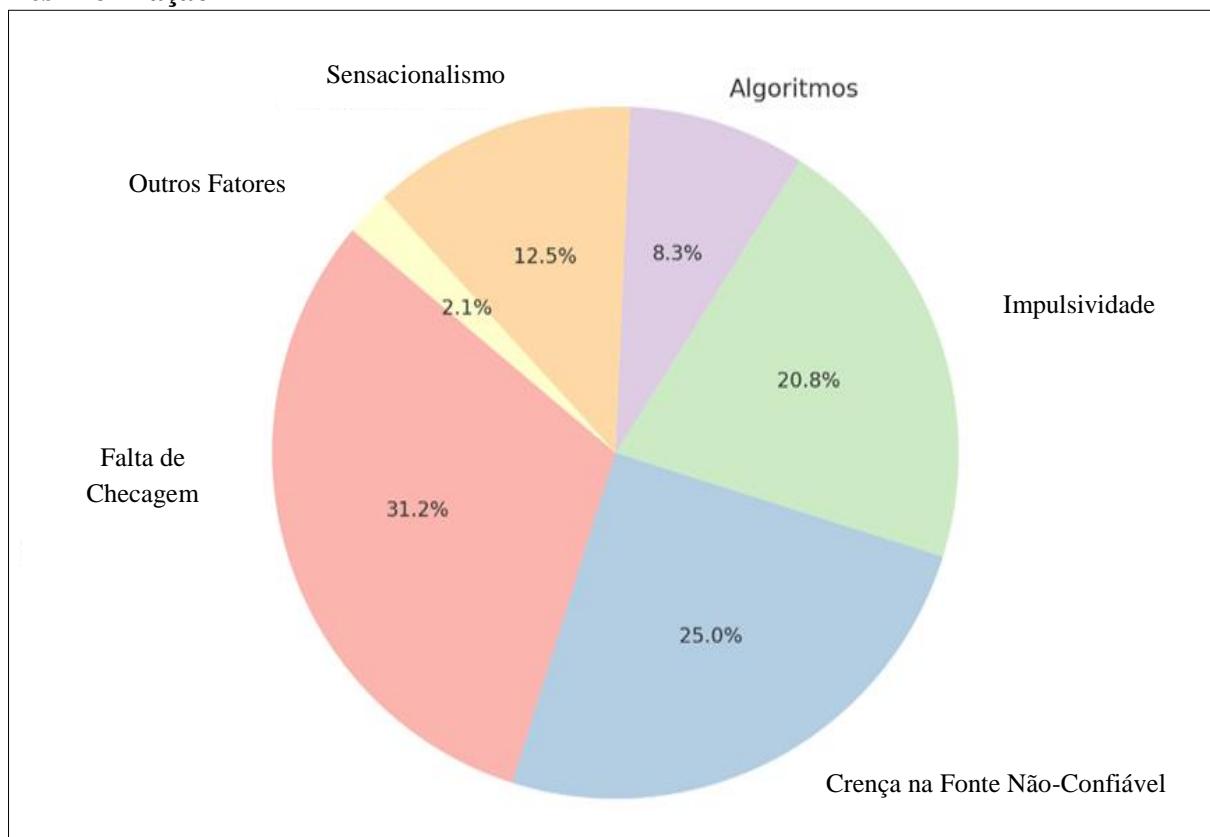
Seguindo uma certa linearidade com o tema acima apresentado, a percepção do impacto da desinformação dentro do ambiente educacional cresce progressivamente. No 3º ano, há um entendimento total (100%) de que a desinformação prejudica o ambiente da instituição de educação, o que pode estar ligado a experiências diretas (boatos, *fake*

news sobre colegas, professores ou regras escolares). Já os percentuais do 1º ano: 70% e do 2º ano: 80% mantém uma certa percepção do impacto. A diferença entre os anos sugere uma ampliação da percepção crítica com o tempo e maior capacidade de relacionar fenômenos externos com o cotidiano das instituições educacionais. Por outro lado, a escalada dos números pode indicar que os alunos mais velhos estão mais conscientes dos efeitos concretos da desinformação, como conflitos interpessoais, queda de confiança ou dificuldade em aprender. Desta feita, os dados demonstram uma consciência crescente sobre os danos da desinformação, tanto no macro (sociedade) quanto no micro (instituições educacionais) e, por via de consequência, que o espaço educacional aparece como um local relevante para desenvolver educação midiática e letramento digital.

Observe-se que o ambiente escolar, além de ser um espaço de sociabilização, é um local onde as pessoas têm contato com o fazer científico, onde podem aprender a construir conhecimentos baseados nos saberes metodológicos e objetivos da ciência. E é principalmente nesse aspecto onde a desinformação mais atinge os espaços educacionais, propagando teorias conspiratórias, pseudociências e desestimula a construção técnico-científica da informação. Assim, segundo Leandra Martins (2018, *on line*)

a ciência, mais que outros assuntos, é amplamente atingidas pelas fake news, pois é de grande interesse público, principalmente o público político, pois por depender de teses e análises científicas, as ciências acabam sofrendo maior impacto das notícias que são imediatas e apresentam resultados rápidos para problemas que estão acontecendo agora. Isso pode ser verificado em relação à pandemia do novo coronavírus, enquanto cientistas do mundo todo trabalham à procura de uma cura, milhares de fake news circulam apresentando a suposta cura e tratamentos para a doença.

Figura 7: Principais Fatores que Contribuem Para a Disseminação da Desinformação



Fonte: pesquisa direta, 2025.

Alguns estudantes reconhecem sinais básicos de alerta, tais como manchetes exageradas, erros ortográficos ou fontes desconhecidas. No entanto, outros apresentam critérios frágeis ou vagos, como “não gostei do jeito que foi escrito” ou “não conheço o site”. Poucos alunos mencionam técnicas sistemáticas de verificação, como checagem em agências de *fact-checking* ou busca por fontes confiáveis o que demonstra que há um nível inicial de alfabetização midiática, mas ainda superficial. Os alunos reconhecem o problema, mas carecem de instrumentos técnicos e cognitivos para enfrentá-lo de forma crítica.

Pode-se perceber que há um certo padrão de consumo de informação que se corporifica pelo uso das redes sociais como principal (e às vezes única) fonte de informação que é recorrente, como o Instagram, YouTube e TikTok que dominam, enquanto o Facebook e Twitter aparecem como ultrapassados ou irrelevantes. Blogs, rádios e jornais impressos são praticamente inexistentes como fontes informativas. Isso demonstra que os pesquisados mantêm forte apego a plataformas visuais e rápidas, reforçando um consumo de informação centrado no entretenimento e no imediatismo, o

que favorece a uma experiência fragmentada e personalizada, que dificulta o contato com visões divergentes e aprofunda as chamadas bolhas informativas.

De acordo com os dados fornecidos pelos pesquisados, os fatores principais para a disseminação da desinformação foram a falta de checagem dos fatos, que se apresenta como um sintoma de ausência de auto responsabilidade. Assim, em termos percentuais, esse item aparece como o mais indicado, tendo em vista que 80% dos pesquisados do 2º ano apontou esse fator, e 70% dos alunos do 1º e do 3º anos, cada, entende que não checar os dados eleva a capacidade de disseminação das *fake news*. Talvez a causa da falta de checagem esteja presente no fato de que, conforme os voluntários da pesquisa, as pessoas têm uma certa confiança em fontes não confiáveis, configurando-as como a existência de uma autoridade nata do local de busca da informação.

Assim, a confiança em fonte não confiável teve 80% de marcações no 1º ano, 40% no 2º e 70% no 3º. Veja-se que há uma certa sequencialidade em relação a reconhecer que esses fatores facilitam a disseminação, pois se não há checagem e há uma certo reconhecimento de uma presunção de veracidade em relação às fontes, também há uma certa pressa em compartilhar as informações, isso pode ocorrer devido a uma certa impulsividade inerente à própria dinâmica do mundo moderno que requer velocidade nas respostas e, por via de consequência, é transmitida e naturalizada no mundo virtual. Esse fator “pressa” foi reconhecido por 60% dos alunos do 1º ano, por metade (50%) dos pesquisados do 3º ano e por 40% dos voluntários do 2º.

Por outro lado, poucas foram as menções aos algoritmos das redes sociais (citados com baixa frequência, 10% no 1º ano, 30% tanto no 2º quanto no 3º ano) e a baixa educação midiática que, mesmo sendo um fator estrutural, foi pouco reconhecida, com 10% tanto no 1º quanto no 2º ano, e 30% no 3º ano. Esses dados apontam para um foco maior em causas individuais e comportamentais, com menor compreensão dos fatores estruturais do problema, como a própria falha no processo educacional. Assim, os alunos tendem a ver a desinformação como problema comportamental individual, e não fenômeno sistêmico e tecnológico. Há pouca percepção crítica sobre o papel das redes, das plataformas ou da lógica algorítmica. No entanto, podemos dizer que o sensacionalismo se apresentou como um instrumento de média influência entre os alunos, pois 40% dos alunos do 1º ano apresenta este item como fator de fluidez da desinformação, enquanto somente 20% dos pesquisados do 2º ano reconheceu esta influência, e para 30% dos alunos do 3º o sensacionalismo importa como fator de

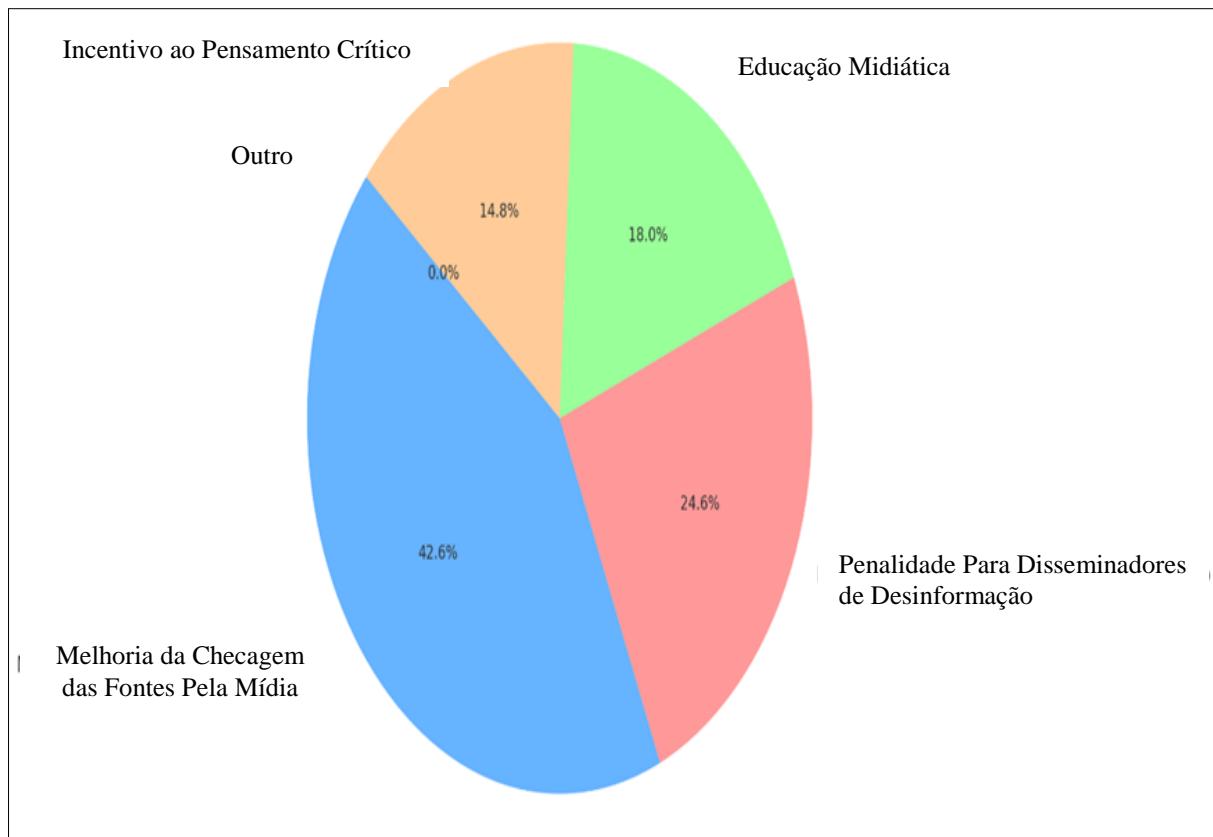
disseminação das *fake news*. Por fim, e de forma interessante, 10% dos pesquisados do 1º ano entende que há outros fatores sem, no entanto, indicar quais, enquanto os 2º e 3º anos não discorreram sobre esse item (00%).

Nessa mesma linha, podemos entender a partir dos dados que o compartilhamento nas redes é emocional, relacional e impulsivo, pouco ou nada ligado à veracidade ou relevância social do conteúdo: a lógica do “curtir e se divertir” predomina sobre a da “formação e conscientização”.

É importante destacar que existem outros fatores que podem ser relevantes para a disseminação das *fake news* tais como os psicológicos que, conforme Rocha *et. al* (2021), são baseados nos impactos emocionais sobre os jovens que as emoções causam. Dessa forma, o sensacionalismo poderia causar essa condição para que o sujeito reproduzisse a desinformação. Essa visão é corroborada por Pennycook e Rand (2020, s.p) quando afirmam que os chamados vieses cognitivos, como o da confirmação, tem o poder de moldar as pessoas e suas formas como interagem com as notícias falsas, tendo em vista serem mais inclinados a espalhar tais informações por estas serem alinhadas com suas crenças pré-existentes.

Assim, ao lado de fatores técnicos e objetivos, podemos ver como alguns fatores subjetivos podem exercer poder no processo de disseminação da desinformação, influenciando não somente na propagação das notícias falsas, mas criando no subjetivo dos indivíduos uma falsa sensação de segurança nas fontes.

Figura 8: Medidas Para Minimizar a Disseminação da Desinformação



Fonte: pesquisa direta, 2025.

A medida mais destacada como meio para minimizar a incidência da propagação das *fake news* foi a melhoria da checagem de fatos pela mídia, o que indica uma alta confiança nas instituições jornalísticas. Assim, podemos ver que os dados chegam próximo da unanimidade, pois tanto o 2º quanto o 3º anos tiveram 90% de apelo a esse item, mas o 1º ano, com 80% dos pesquisados, também entendeu como importante a checagem dos dados pela mídia. Em seguida, destaca-se a aplicação das Penalidades para disseminadores de desinformação com todas as séries apresentando o percentual de 50% de marcação neste item, o que não chega a ser estranho, pois a sociedade brasileira tende a ver na lei e na punição penal a solução para a diminuição das práticas ilegais.

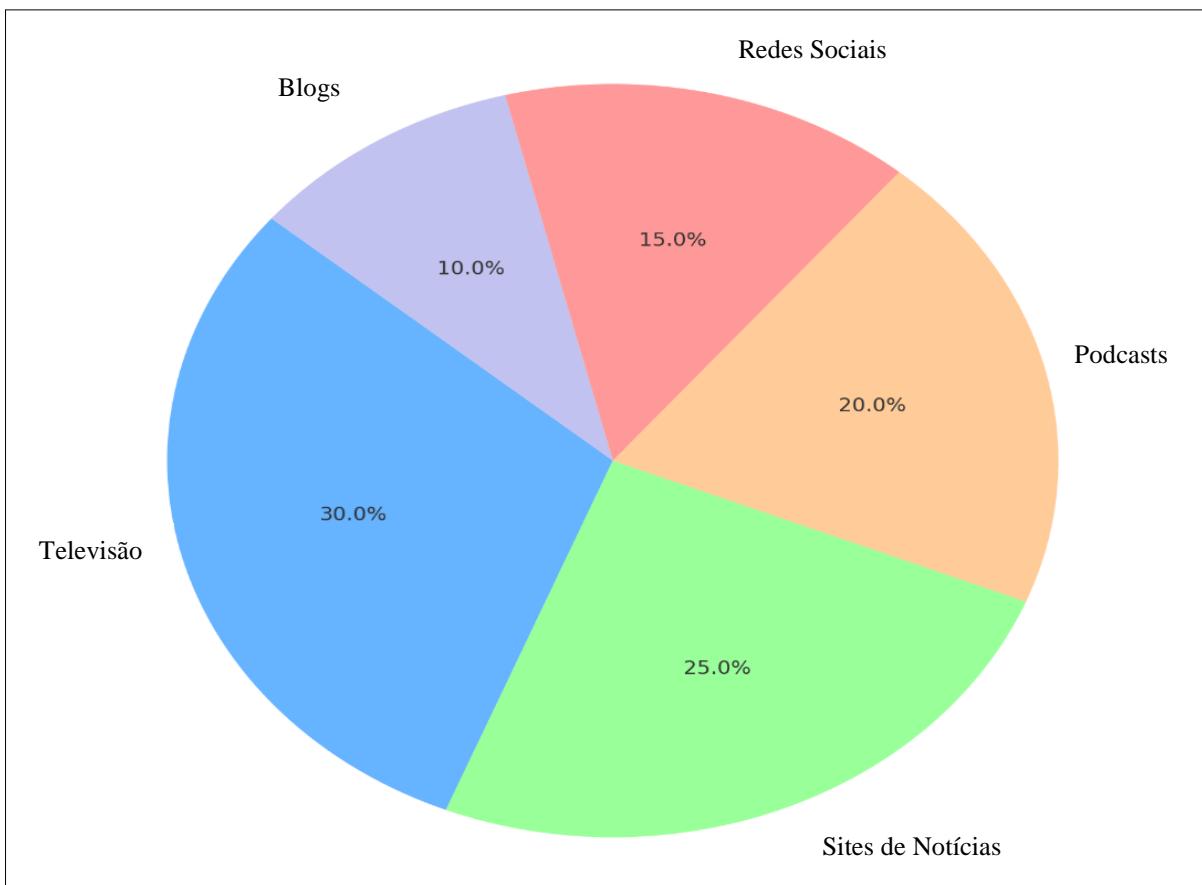
No entanto, a Educação midiática (1º ano com 40%, 2º ano com 30% e 3º ano com 40%) e o incentivo ao pensamento crítico (com menor adesão: 20%, 30% e 40%, no 1º, 2º e 3º anos, nessa ordem), aparecem logo após as penalidades, o que nos induz entender que os processos educacionais na construção da criticidade são desvalorizados em favor de elementos externos aos sujeitos, como controle da propagação da desinformação pela mídia e a punição estatal aos disseminadores. Assim, a maioria dos participantes reconhece que o problema exige ações combinadas, isso revela uma visão que confia em

ações externas (punição, mídia, lei) e menos em formação interna e autonomia crítica. Apesar de a educação aparecer como solução, não apresenta profundidade conceitual — sugerida mais como ideia genérica do que como projeto transformador. Por fim, o item outros teve 0% de indicação por todos os pesquisados.

Não há como parar definitivamente a disseminação de notícias falsas, pois está entranhada na própria forma de ser dos instrumentos digitais de comunicação, principalmente porque tais instrumentos foram apoderados por extremistas para disseminarem sua visão ideológica em detrimento da verdade científica. No entanto, várias formas de combater essa “praga” pós-moderna tem sido implementada, como assinalado por Furnival e Santos (2019, p 103-104) em entrevista para o artigo Desinformação e as *Fake News*: Apontamentos Sobre Seu Surgimento, Detecção e Formas de Combate

Ângela Pimenta, coordenadora do Projeto Credibilidade no Brasil, destacou que, para o combate ao problema, são necessárias três soluções, que acabam por formar um tripé, a saber: 1) Trabalho dos jornalistas: Princípio editorial de qualidade, ético e de tecnologia, a partir de iniciativas, como os indicadores, que estão sendo criados e aprimorados (por meio, por exemplo, do The Trust Project e que explicaremos adiante). 2) Verificação, checagem e retirada do ar, nas plataformas de mídias. Isto é, propor a retirada do ar a notícia deliberadamente falsa. No entanto, ainda seria necessária muita discussão da sociedade e iniciativas do governo. Mas a ideia é também identificar e “asfixiar” o compartilhamento.

Figura 9: Avaliação de Confiança nos Meios de Informação



Fonte: pesquisa direta, 2025.

Para esse item, foram dadas uma pontuação de 1 (baixa confiança), 2, 3 e 4 (confiança moderada-média) e 5 (confiança alta) para que os pesquisados avaliassem seu grau de confiança nos meios de comunicação que acessam em busca de informação.

É surpreendente como ao identificar os principais meios pelos quais os alunos buscam informações, os pesquisados nos informaram que o Instagram se configura como esse instrumento. No entanto, no que se refere à confiabilidade a Televisão e os jornais impressos tiveram uma variação de nível entre 3 a 5 o que representa uma confiança de média a alta, com distribuição ampla, tendência positiva, apesar de uso reduzido. Em seguida aparecem os sites de notícias, cujos níveis em sua maioria atingiram o 3, inferindo-se assim uma confiança média e moderada. Por outro lado, como fontes com baixa confiança se destacaram as redes sociais cujos níveis variaram de 1 a 3 (baixa a moderada confiança), os blogs, com níveis variando de 1 a 2, o que indica uma baixa confiança e, por fim, os podcasts com níveis 2 a 3, indicando pouca confiança ainda. O que é mais interessante nessa relação com os meios virtuais de comunicação é que essa

desconfiança não impede o uso constante de tais meios, apesar de apontar para um consumo mais crítico ou ambivalente.

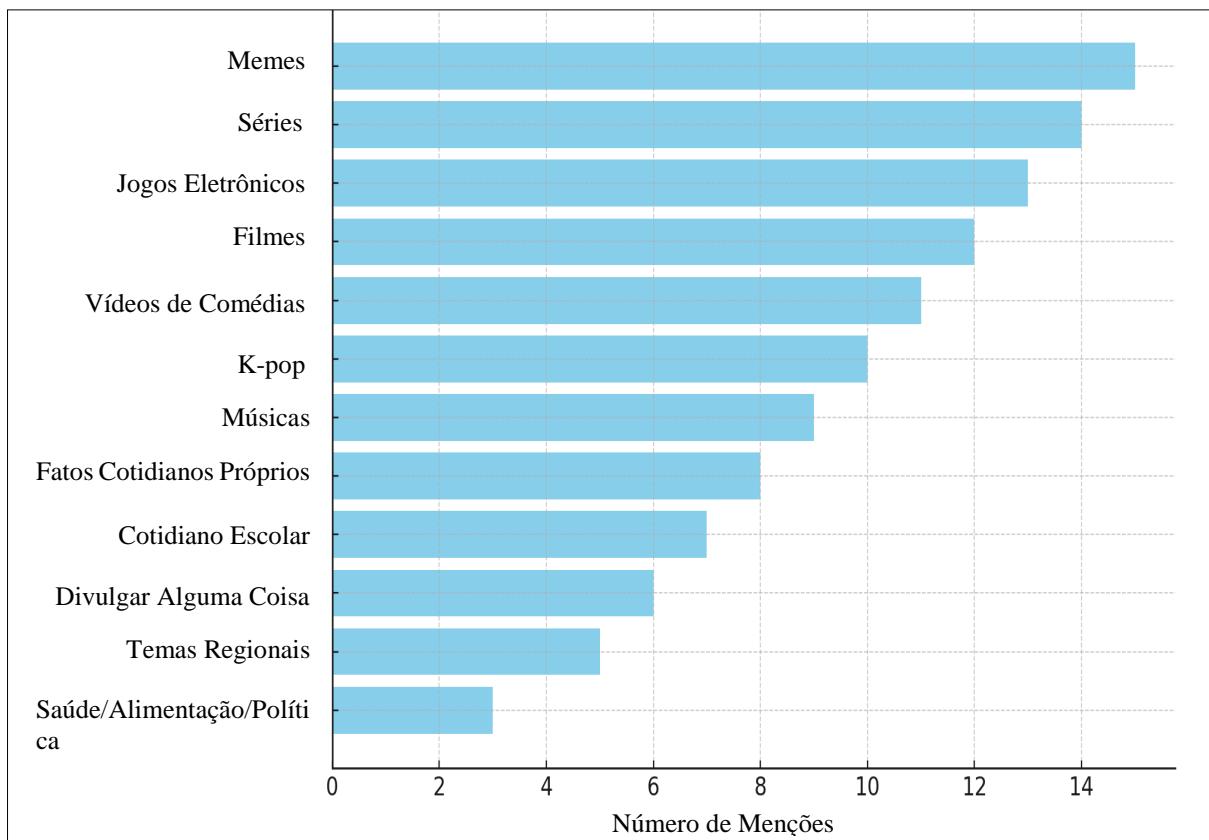
Observe-se que a confiança nos meios tradicionais de informações apresentadas pelos voluntários está de acordo com a média nacional de confiança nestes mesmos meios, apesar de este panorama estar paulatinamente se modificando, provavelmente devido à massificação das redes sociais. Dados fornecidos pela pesquisa intitulada “Como o Brasileiro se Informa, da instituição Fundamento Análises, unidade da Fundamento especializada em *Bussiness Intelligence*, realizada no ano de 2024 indicaram que

9% dos respondentes têm como principal meio de informação sites de jornais, revistas, rádios ou canais de TV. Os portais de notícias são a escolha principal de meio de informação por 24% dos entrevistados. As redes sociais surgem em terceiro lugar, com 21%. Os brasileiros hoje não se restringem apenas aos maiores ou tradicionais veículos de imprensa como fonte preferencial de informação. O levantamento também mostrou que 42% dos entrevistados afirmam já ter recebido fake news manipulada por Inteligência Artificial.

Depois de propor questões objetivas aos pesquisados, foram propostas 05 questões subjetivas, pelas quais responderam livremente aos questionamentos, sendo que em uma delas foi dada a liberdade de propor considerações finais sobre o tema. Tais questões visaram analisar a capacidade do entrevistado de reconhecer sinais de falsidade da informação, assim como para averiguar quais os alunos pesquisados creem que as informações falsas podem prejudicá-los no rendimento escolar. Por fim, as questões objetivas também tiveram como meta analisar os temas mais compartilhados e o motivos que levam a tais compartilhamentos. O objetivo principal ao aplicar as questões abertas foi o de analisar o grau de consciência dos pesquisados a respeito dos impactos da desinformação em seu cotidiano a partir do conteúdos das trocas de compartilhamento.

As respostas abertas revelam consciência parcial sobre os sinais de alerta de desinformação através de respostas relacionadas a manchetes sensacionalistas, falta de fontes, erros de linguagem, mas também revelaram desconhecimento de técnicas e ferramentas de verificação, tais como *fact-checking*, uso de URLs, data, autor. Os temas mais compartilhados estão ligados ao entretenimento (memes, vídeos, músicas) com baixa presença de conteúdos educacionais, científicos ou sociais.

Figura 10: Temas Mais Compartilhados Frequentemente



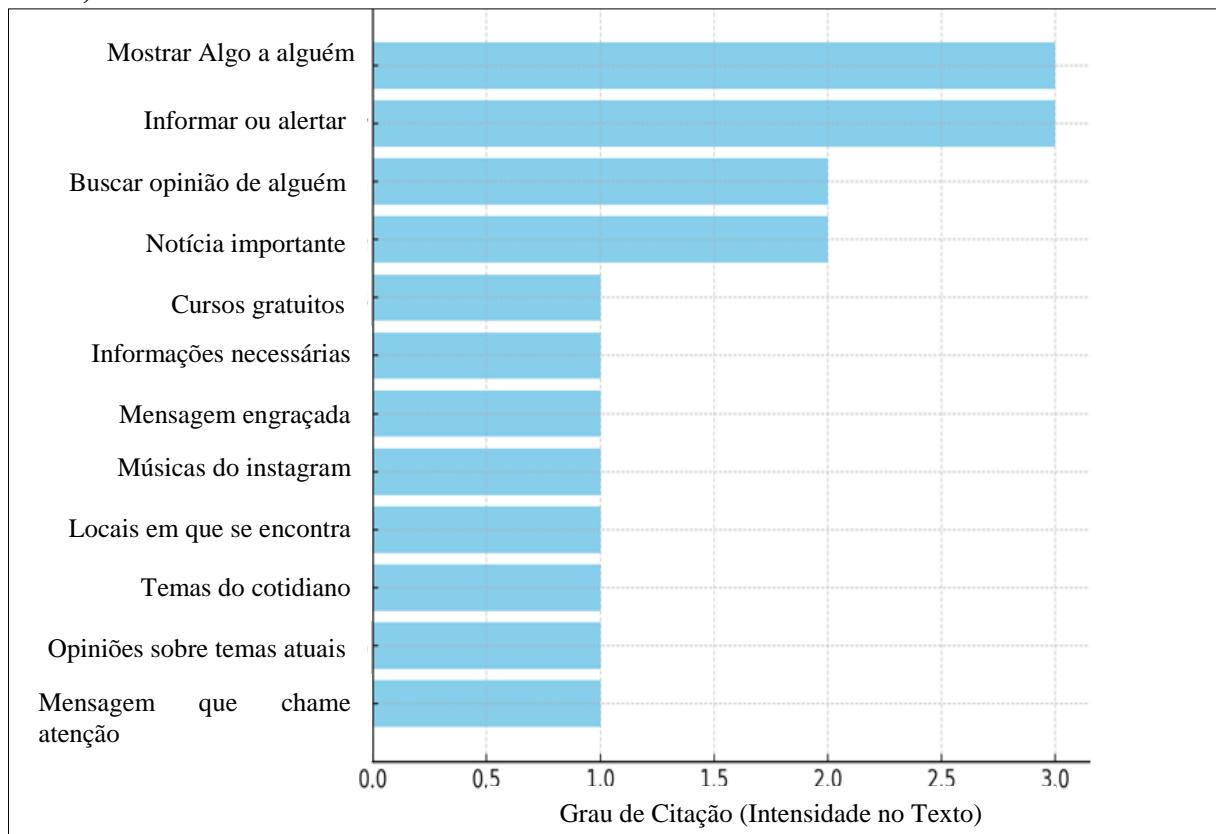
Fonte: pesquisa direta, 2025.

A questão sobre os temas mais compartilhados constantemente pelos pesquisados apresentou uma diversidade de interesses (Fatos sobre o próprio cotidiano, Jogos eletrônicos, Coisas do cotidiano do IFCE, Filmes, Música, Séries, Memes, Divulgar algo que conhece, K-pop, Esportes, Vídeos de comédia, Temas relacionados à saúde, alimentação, política, Temas regionais.). Essa variedade temática aponta para um grupo com interesses amplos, que vão desde o entretenimento (música, filmes, memes) até assuntos mais sérios e sociais (política, saúde, temas regionais), o que pode indicar que os pesquisados não estão restritos apenas a conteúdos de lazer. Assuntos como memes, séries, vídeos de comédia, k-pop, jogos eletrônicos e filmes dominam a lista, o que é esperado em um grupo jovem ou conectado às redes sociais, evidenciando também a forte presença do consumo de cultura digital e de lazer nas interações online. A presença de temas como "fatos sobre o próprio cotidiano" e "cotidiano escolar" demonstra que o grupo também utiliza as redes para expressão pessoal e compartilhamento de vivências diretas, o que é típico de ambientes digitais mais íntimos ou entre círculos próximos. A menção a "divulgar algo que conhece" sugere uma dimensão de influência ou de

compartilhamento de saberes. Pode indicar tentativas de ensinar, divulgar um projeto, ou até mesmo micro influência digital. Por outro lado, a baixa presença de temas sociais/políticos, apesar de citados temas como saúde, política e alimentação aparecem de forma genérica e agrupada, o que pode indicar baixo engajamento crítico ou seletivo com essas pautas, ou mesmo que não são prioridade no momento de compartilhar conteúdos. A inclusão de temas regionais é muito relevante e mostra uma conexão com a realidade local, pois de forma geral, conteúdos regionais são menos representados em análises amplas, então sua presença aqui merece destaque.

Assim, podemos analisar que os temas relativos a entretenimento aparecem com maior destaque em relação aos conteúdos de cunho sociais e ou políticos, seguindo a análise qualitativa.

Figura 11: Motivos para Compartilhamento nas Redes Sociais (Grau de Citação no Texto)



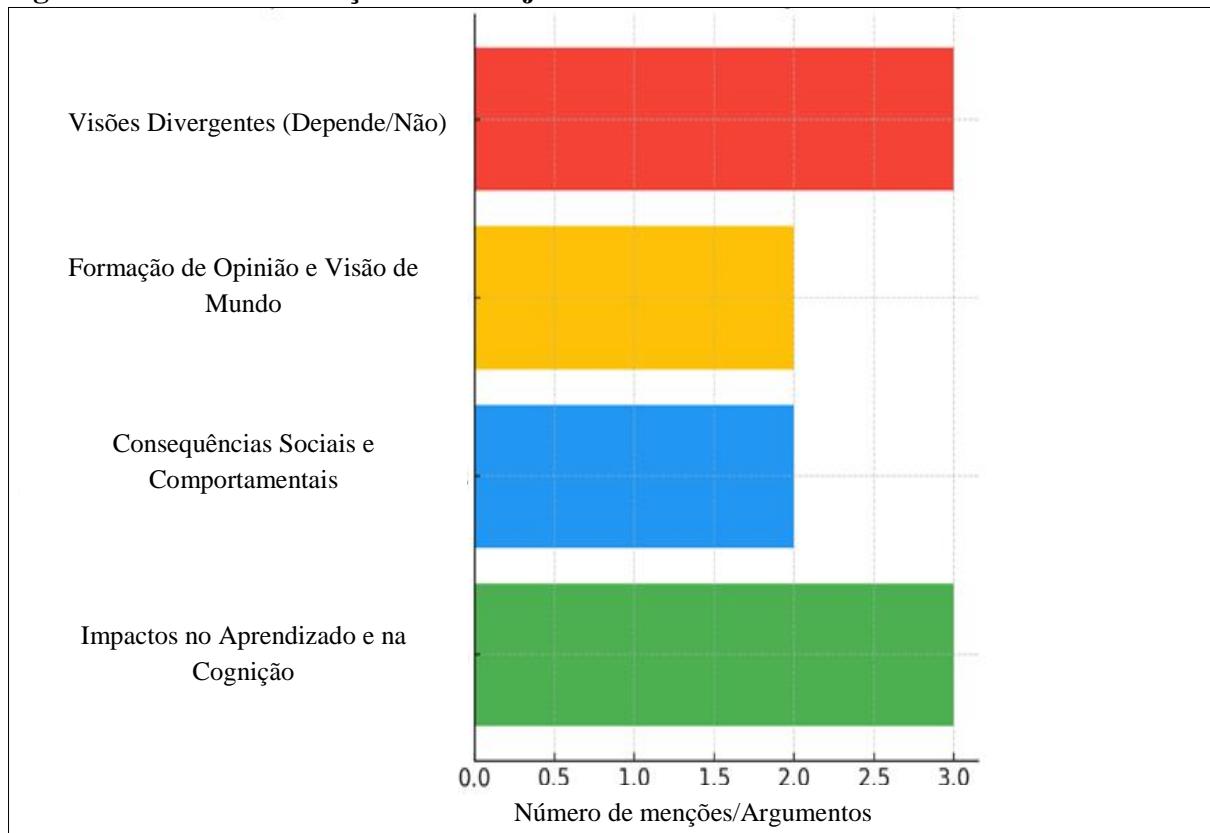
Fonte: pesquisa direta, 2025.

Outra questão buscou entender os motivos que levam os pesquisados a compartilhar em suas redes sociais os conteúdos. A variedade nas respostas indica que os usuários não compartilham conteúdo por um único motivo, mas por vários fatores

interligados, que vão desde o emocional (mostrar algo a alguém) até o informativo (alertar ou noticiar). Vários motivos apontam para o uso das redes como meio de comunicação interpessoal: desejo de mostrar algo a uma pessoa próxima, informar ou alertar alguém ou mesmo mostrar um fato para buscar a opinião. Assim, esses dados sugerem que o compartilhamento não é apenas voltado ao “público em geral”, mas tem destinatários específicos em mente, assim as redes sociais estão sendo usadas como canal pessoal de troca de ideias e sentimentos.

No entanto, motivos como notícia importante, cursos gratuitos ou comunicação e informações necessárias nos mostram que os participantes também veem valor em compartilhar conteúdos úteis, reforçando o papel das redes como ferramentas de informação e educação. Itens como mensagem engraçada, músicas do Instagram, locais em que se encontra ou mesmo temas sobre o cotidiano da pesquisa refletem um uso mais lúdico e auto expressivo das redes, voltado para o entretenimento e a construção da identidade digital. De outra forma, o compartilhamento de opiniões sobre assuntos do momento, mensagem que chame a atenção aponta para uma preocupação com engajamento social e visibilidade, características típicas da cultura digital contemporânea, em que estar "atualizado" e "visível" é importante. Por fim, os dados revelam que os compartilhamentos nas redes sociais ocorrem por uma combinação de necessidades interpessoais, informativas, lúdicas e expressivas.

Figura 12: A Desinformação Pode Prejudicar na Escola?



Fonte: pesquisa direta, 2025.

Sobre se a desinformação poderia prejudicá-lo na escola, a grande maioria dos respondentes (80%) acredita que a desinformação tem impacto negativo no ambiente estudantil, o que nos leva a inferir que há uma boa percepção coletiva dos riscos da desinformação, sobretudo em relação ao aprendizado e às relações interpessoais.

Para melhor compreender essa tendência, podemos agrupar as justificativas fornecidas em três categorias:

1^a Impactos no aprendizado e cognição: que apresentou como argumentos: “...aprendizado seria feito em bases mentirosas”, “...pode alterar a capacidade cognitiva do estudante” e “...desvirtua o conhecimento”, esses argumentos refletem preocupações com a integridade do processo de aprendizagem e com a formação crítica dos estudantes;

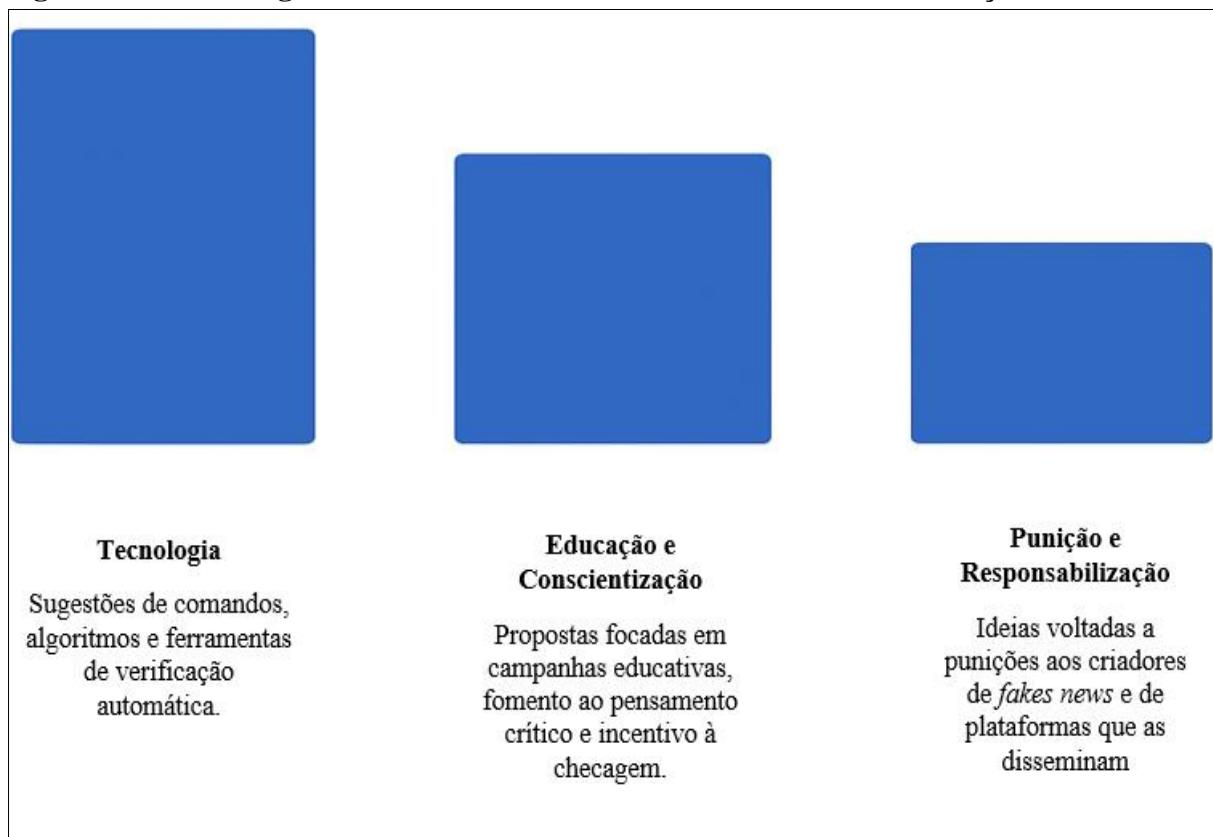
2^a Consequências sociais e comportamentais: “...pode criar fofocas e desentendimentos”, “...prejudica a relação de comunicação no cotidiano estudantil”, o que mostra que a desinformação também é percebida como um fator que afeta as interações e o ambiente escolar; **3^a Formação de opinião e visão de mundo:** que teve as seguintes falas “...pode desencaminhar as pessoas”, “...pode levar à mudança de visão sobre muitas coisas (dependendo do conteúdo)”, esses pontos tocam em uma questão

mais profunda: o potencial da desinformação em moldar (ou distorcer) a visão crítica e a autonomia intelectual.

Em relação aos discursos divergentes, 01 respondente diz que “depende”, especialmente quando se trata de conteúdos históricos — o que aponta para uma visão mais relativista, sugerindo que nem toda informação contestada seja necessariamente negativa. 02 disseram que “não”, com justificativas frágeis: 01 afirma que "a maioria dos jornais não [fala] sobre a desinformação", o que parece ser um desvio do foco da pergunta e o outro argumentou que “não tem tanta relevância”, sem sustentar o ponto com argumentos sólidos. Por fim, o conjunto das respostas mostra um alto grau de consciência sobre os riscos da desinformação, tanto no plano individual quanto coletivo. No entanto, a divergência entre alguns participantes revela a necessidade de aprofundar o debate sobre o tema na educação, promovendo: Leitura crítica da informação, Alfabetização midiática, Discussões éticas sobre o compartilhamento de conteúdo. As respostas distintas podem indicar falta de compreensão completa do problema ou desvalorização do tema, o que também é um dado relevante para análise educacional.

Nos comentários finais, os alunos estavam livres para analisar sob sua ótica aspectos sobre a desinformação e como combatê-la. A partir dessa opinião, dividimos esta em eixos, para melhor visualizar os resultados.

Figura 13: Eixos Sugeridos Pelos Alunos Para o Combate à Desinformação



Fonte: pesquisa direta, 2025.

Atente-se para o fato de que apenas 70% da amostra inicial respondeu e as respostas apresentaram ideias distintas, que podem ser agrupadas em três grandes eixos de ação:

1º Tecnologia: sugestões para desenvolver comandos e algoritmos capazes de verificar a veracidade da informação;

2º Educação e conscientização: foco na capacitação da população para identificar desinformações.

3º Punição e responsabilização: ideias de punições para criadores de *fake news* e plataformas que as disseminam.

Essa divisão mostra uma boa compreensão de que o combate à desinformação exige ações multifacetadas, não apenas técnicas, mas também sociais e legais. 20% das sugestões dão ênfase em soluções punitivas envolvendo diretamente a aplicação de punições às plataformas ou através de penalizações mais severas aos criadores de *fake news*. Essa ênfase sugere uma visão mais reativa do problema. No entanto, focar excessivamente em punições pode negligenciar o caráter educativo e preventivo da questão. Além disso, há implicações legais complexas, como a definição clara de *fake*

news e a garantia da liberdade de expressão. Por outro lado, houve propostas tecnológicas com a sugestão do desenvolvimento de comandos/algoritmos ou de mecanismos automáticos para verificar veracidade. Essas ideias mostram uma percepção moderna do papel da tecnologia. Contudo, os alunos talvez subestimem os desafios técnicos e éticos desses sistemas, como: a dificuldade de interpretar ironia, sarcasmo ou contexto; o risco de censura automatizada; a necessidade de atualizações constantes frente a novas formas de desinformação. 30% das propostas abordam a educação e conscientização da população, seja com a apelo a checagem de fato ou pela aferição da veracidade da mensagem. Essas são estratégias mais sustentáveis a longo prazo. Educar a população para que desenvolva pensamento crítico e habilidades de verificação é crucial, especialmente em tempos de excesso de informação. Entretanto, faltou detalhamento em como essa educação seria implementada: via escola? Campanhas públicas? Mídia? Por fim, a maioria das respostas demonstra consciência da gravidade da desinformação, o que é positivo, com uma tendência a soluções genéricas ou idealizadas, sem considerar as dificuldades de implementação.

Nesse sentido, quanto à qualidade reflexiva das respostas abertas, algumas demonstram capacidade crítica inicial e boa articulação sobre riscos da desinformação. Outras são superficiais ou reproduzem falas comuns, sem aprofundar causas ou consequências. Pouquíssimos mencionam educação como meio estrutural de enfrentamento ou o papel das plataformas e algoritmos. Assim, o repertório conceitual dos alunos é limitado, com pouca bagagem técnica ou teórica. Ainda assim, há potencial para aprofundamento e engajamento, especialmente quando orientados por ações educativas bem estruturadas.

Assim, a análise revela um grupo de estudantes conectados, digitalmente ativos e conscientes da existência da desinformação, mas com pouca formação crítica para enfrentá-la. Esse mesmo grupo se apresenta centrado no consumo de conteúdo leve e emocional, com baixa valorização de fontes confiáveis ou da diversidade informacional. Mesmo se demonstrando preocupado com o problema, ainda dependente de soluções externas, sem protagonismo individual ou coletivo no enfrentamento.

Por fim, a pesquisa diagnosticou hábitos reais de consumo de informação entre adolescentes e reforça a necessidade de políticas educacionais de educação midiática crítica. Também aborda o impacto da desinformação na formação do aluno dentro dos espaços educacionais, um tema ainda pouco discutido em tais ambientes. Dessa forma, a

pesquisa tem valor formativo e diagnóstico relevante, especialmente para a formulação de intervenções pedagógicas voltadas à formação crítica frente à desinformação.

6 PRODUTO EDUCACIONAL

Como consequência do estudo teórico e ao seu final, sustentados por uma rica construção bibliográfica e experimental, desenvolvemos como produto educacional um Guia Para Checagem e Controle da Desinformação para que os IFs (Institutos Federais) apresentem aos seus alunos com um instrumento proveniente dos resultados da pesquisa.

Atente-se para o fato de que a estrutura do produto acima analisado não se destina ou objetiva a validação pelo pesquisado – a amostra. Esse produto tem como destinatário o público de outros IFs, ou mesmo de outras instituições de ensino, sejam elas de nível superior ou não, desta feita a validação será feita por tais pessoas. Isso objetiva abranger o máximo possível o número de pessoas que poderão se apropriar da ideia do produto educacional como instrumento de combate à desinformação.

Outrossim, o Guia Para Checagem da Desinformação também abrange como destinatários Professores de todos os níveis da educação, assim como Gestores, pois estes em conjunto com os docentes e com os discentes poderão desenvolver estratégias para aplicação dos elementos indicados no Guia.

Importante destacar, por outro lado, que os requisitos presentes no Guia não são definitivos e provém dos resultados da pesquisa. Dessa forma, atuam como instrumentos de orientação para a ação, ou seja, tem como prioridade nortear seus leitores para as consequências da disseminação da desinformação, assim como desenvolver meios para auxiliar na percepção da qualidade da informação.

Por fim, como um guia para ação, o produto em destaque não se torna um fim em si mesmo, podendo ser reformulado de acordo com as características de cada localidade em que se pretende ser aplicado, principalmente quanto ao público que terá acesso ao produto tendo em vista as características individuais de cada público.

- 1. Introdução**
- 2. Histórico da Desinformação**
- 3. Espécies de Desinformação**
- 4. Meios de Propagação**
- 5. Medidas de Prevenção e Combate** (*opcional, mas recomendada*)
- 6. Referências e Fontes Confiáveis**

2. Requisitos de Conteúdo

2.1 Introdução

- a) Apresentar o conceito de desinformação de forma acessível e adaptada ao contexto escolar.
- b) Destacar a importância do tema para o cotidiano e para a cidadania digital.
- c) Mencionar brevemente o impacto da desinformação na sociedade, na seara da política, na ciência e na educação.
- d) Objetivo do manual: promover senso crítico e responsabilidade no consumo e compartilhamento de informações.

2.2 Histórico da Desinformação

- a) Breve panorama histórico:
 - Exemplos na Antiguidade (propagandas de guerra, boatos populares).
 - Desinformação em momentos históricos relevantes (Guerras Mundiais, Guerra Fria, ditaduras).
 - Era digital e redes sociais como aceleradores da desinformação.
- b) Linha do tempo simplificada para facilitar a compreensão dos alunos

2.3 Espécies de Desinformação

Explicar, com exemplos práticos, os tipos mais comuns:

- **Fake news** (notícias falsas deliberadas).
- **Misinformation** (informação incorreta sem intenção de enganar).
- **Disinformation** (informação falsa com intenção de manipulação).
- **Malinformation** (informação verdadeira usada de forma distorcida ou fora de contexto).
- Memes e conteúdos visuais manipulados.
- Clickbait e manchetes sensacionalistas.

2.4 Meios de Propagação

Apresentar os canais e formatos mais frequentes:

- Redes sociais (Instagram, TikTok, X/Twitter, Facebook).

- Aplicativos de mensagens privadas (WhatsApp, Telegram).
- Sites e blogs sem verificação editorial.
- Vídeos e transmissões ao vivo.
- E-mails e newsletters fraudulentas.
- Boca a boca e transmissão oral de boatos.

3. Requisitos Didáticos

- Linguagem clara, simples e sem excesso de termos técnicos.
- Inclusão de quadros ilustrativos, infográficos e exemplos reais adaptados ao público escolar.
- Atividades práticas no final de cada capítulo, como:
 - Exercícios de análise crítica de notícias.
 - Comparação entre fontes confiáveis e não confiáveis.
 - Produção de um checklist de verificação de informações.
- Glossário de termos-chave no final do manual.

4. Requisitos Gráficos

- Uso de layout limpo com cores contrastantes para destacar exemplos e alertas.
- Imagens, ícones e símbolos que facilitam a memorização (ex.: lupa para “checagem de fatos”).
- Formatação com títulos, subtítulos e destaque para conceitos-chave.

5. Requisitos de Credibilidade

- Uso exclusivo de fontes verificáveis e confiáveis.
- Citações e referências bibliográficas no padrão escolar/ABNT.
- Inclusão de links para agências de checagem (ex.: Lupa, Aos Fatos, Comprova).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidenciou que a desinformação não é um fenômeno recente, tampouco isolado, mas um processo historicamente construído e potencializado pelas transformações tecnológicas e comunicacionais da contemporaneidade. A conversão da informação em mercadoria, impulsionada pela lógica de mercado e pela atuação das *big techs*, representa um marco crucial no enfraquecimento da verdade científica como valor estruturante do discurso. A informação, cada vez mais personalizada e “pessoalizada” perdeu seu vínculo com a veracidade metodológica e passou a responder prioritariamente às expectativas subjetivas dos indivíduos e aos interesses de consumo.

Nesse sentido, na sociedade contemporânea, marcada pela virtualização das relações sociais e pela supremacia dos fluxos digitais, a informação desenvolveu um papel ambíguo: por um lado, tornou-se essencial para a formação da consciência crítica; por outro, passou a ser instrumentalizada como mecanismo de controle e alienação. Nesse contexto, a era da pós-verdade, marcada pelo colapso da confiança nas instituições e pela supremacia das emoções sobre os fatos, consolidou um cenário de crise epistemológica. As mídias digitais, ao promoverem uma sociabilidade filtrada por algoritmos e fundada no viés de confirmação, criam ambientes propícios à disseminação de conteúdos deliberadamente falsos e imprecisos. O conhecimento científico, relativizado e muitas vezes substituído por crenças pessoais ou carismas digitais, perdeu espaço para discursos que se afirmam pela aparência de legitimidade e pelo alcance de popularidade nas redes.

A pesquisa ainda fez uma abordagem sobre a formação histórica da desinformação, relacionando-a com fenômenos sociais, tecnológicos e educacionais. Dentre os diversos aspectos discutidos, destacou-se a forma como a desinformação impacta diretamente o ambiente escolar, o processo de ensino-aprendizagem e a formação cidadã dos estudantes. Nesse sentido, observou-se que a desinformação não se constitui apenas pela circulação de falsidades, mas como um processo social e ideológico que se estrutura na relativização da ciência, fomentado por mecanismos como o viés de confirmação e o colapso da confiança nas instituições tradicionais, como a escola. Esse colapso caracteriza a era da pós-verdade e permite que narrativas ideológicas se sobreponham aos fatos, enfraquecendo o papel da educação científica.

Nesse sentido, o texto indicou que apesar do avanço das tecnologias e do crescimento da influência de *influencers* e das mídias sociais, os professores ainda são

vistos como fontes confiáveis de informação. Contudo, essa confiança convive com desafios significativos: a dificuldade de muitos docentes em lidar com as novas mídias e a ausência de uma abordagem crítica e sistemática sobre o uso da tecnologia na prática pedagógica.

Além disso, a desinformação atua como obstáculo à formação do pensamento e da leitura crítica, dificultando a interpretação dos conteúdos e o desenvolvimento do pensamento autônomo. Os estudantes, como aponta a pesquisa, podem até identificar uma informação falsa, mas carecem de discernimento sobre suas consequências. Isso se relaciona à ausência de debates estruturados sobre liberdade de expressão, cidadania e ética informacional nos modelos de ensino, os quais ainda permanecem, em muitos casos, centrados em práticas tradicionais e conteudistas.

No sentido acima apresentado, a desinformação impacta negativamente a formação técnica e profissional ao descredibilizar as fontes científicas e os saberes técnicos — professores e conteúdos práticos passam a ser questionados, o que reduz a eficácia do ensino e empobrece a aprendizagem de competências essenciais tanto para o cotidiano quanto para o mercado de trabalho. O estudo apresentado nesta pesquisa evidenciou, dentre outras, que a falta de criticidade informacional torna os estudantes mais vulneráveis a conteúdos falsos e dificulta a apropriação crítica de informações técnicas e científicas.

Isso revela que a fragmentação informacional e o consumo voltado ao entretenimento reduzem o contato com saberes técnicos e dificultam o desenvolvimento de competências de pensamento crítico, essenciais à EPT. Isso se deve ao fato de que os alunos do curso técnico pesquisado, que consomem majoritariamente conteúdos de redes sociais, apresentam maior vulnerabilidade à desinformação científica, especialmente em tema como sustentabilidade, inovação e segurança digital.

Do ponto de vista pedagógico, a circulação de fake news leva ao desvio de tempo em sala (verificação, debates emergenciais, retratação de equívocos) e pode introduzir conteúdos errados em práticas laboratoriais, de saúde e segurança do trabalho — com risco real para a formação prática e para a empregabilidade dos estudantes. A necessidade de ensinar “higiene informacional” e checagem de fontes aparece com destaque nas agendas públicas e acadêmicas. Essa característica do ecossistema informacional exige estratégias específicas para EPT.

Assim, a análise do texto evidencia que a desinformação, ao corroer a confiança na ciência e nos espaços formais de aprendizagem, ameaça diretamente a missão social

da Educação Profissional e Tecnológica: formar sujeitos críticos, técnicos e cidadãos. Isso corrobora pesquisas atuais que reforçam o diagnóstico apresentado no documento: é urgente integrar educação midiática crítica e letramento digital aos currículos da EPT, fortalecendo o papel dos docentes e das instituições como antídotos pedagógicos contra a desinformação.

A EPT, por seu caráter interdisciplinar e comunitário, tem potencial estratégico para liderar essa transformação, articulando saberes técnicos, científicos e éticos em prol de uma formação que une competência profissional e consciência crítica — condição indispensável para uma sociedade informada, democrática e justa.

Outro ponto de destaque é a relação entre desinformação e alienação. Guiada pelo viés ideológico e emocional, a desinformação bloqueia o senso crítico e transforma o sujeito em mero reproduutor de narrativas alheias. Na formação educacional isso significa um estudante menos apto a questionar, refletir e se posicionar diante do mundo, o que compromete os objetivos democráticos da educação.

Assim, foi possível diagnosticar, a partir dos instrumentais aplicados aos alunos pesquisados que as redes sociais são a principal e, em muitos casos, a única fonte de informação para esses jovens, predominando o uso de plataformas como Instagram, YouTube e TikTok em detrimento de meios tradicionais como rádio, jornais impressos e, em menor grau, a televisão. Este padrão revela um consumo informativo fragmentado e voltado ao entretenimento, reforçando bolhas informacionais e reduzindo o contato com visões divergentes. Eis uma das principais causas para a propagação da desinformação, a formação de padrões de consumo de informações.

Nesse sentido, ainda se constatou que, embora todos os participantes afirmem ter se deparado com *fake news* e reconheçam os impactos sociais e educacionais da desinformação, o hábito de checagem antes do compartilhamento é inconsistente, sendo frequente apenas em parte do grupo, com destaque para o 1º e 2º anos. De modo preocupante o 3º ano, que se esperava apresentar maior criticidade, mostrou índices reduzidos de verificação sistemática, revelando uma vulnerabilidade que favorece a propagação de informações falsas no ambiente escolar e nas redes. Nesse sentido, a falta de habitualidade ou mesmo de uma cultura de checagem se constitui como o segundo motivo para a propagação da desinformação.

Como terceiro fator para a disseminação da desinformação, os dados também indicaram que o compartilhamento de conteúdos ocorre, majoritariamente, por motivações emocionais, humorísticas e de engajamento, com menor ênfase em aspectos

educativos ou sociais. Esse comportamento impulsivo e emocional, aliado ao consumo informativo superficial, contribuem para a fluidez da desinformação, agravado pelo viés de confirmação e pelo sensacionalismo.

Em relação às percepções sobre os impactos da desinformação, a maioria dos pesquisados reconhece que ela prejudica tanto a sociedade quanto o ambiente escolar, destacando preocupações com o aprendizado, a cognição e as relações interpessoais. Entretanto, as soluções indicadas pelos estudantes para o enfrentamento do fenômeno concentram-se em medidas externas como a checagem de fatos pela mídia e a punição dos disseminadores, sendo a educação midiática e o incentivo ao pensamento crítico pouco destacados, o que demonstra uma tendência de responsabilização externa em detrimento do protagonismo individual.

Por outro lado, as respostas abertas demonstraram consciência inicial sobre sinais de alerta para a desinformação, mas também evidenciaram desconhecimento de ferramentas e práticas eficazes de verificação. Além disso, os temas mais compartilhados continuam sendo, em sua maioria, voltados ao entretenimento, o que reflete a cultura digital de consumo rápido e a busca por pertencimento nas redes.

Dessa forma, a pesquisa revela um cenário em que os estudantes possuem consciência sobre a existência e os impactos da desinformação, mas ainda carecem de formação crítica, metodológica e técnica para enfrentá-la de forma eficaz. Este diagnóstico reforça a necessidade urgente de políticas educacionais que incluam a educação midiática crítica e o letramento digital como parte do currículo escolar, capacitando os jovens para o uso responsável das mídias e para a construção de uma cidadania informacional sólida em um ambiente em que a desinformação se apresenta como um dos maiores desafios para a sociedade contemporânea e para o espaço escolar.

Em contraponto, o estudo trouxe alento à contenção do processo desinformacional ao elencar experiências positivas, como os projetos desenvolvidos em alguns Institutos Federais (IFs) que propõem práticas educativas voltadas ao letramento digital e à verificação de informações. Essas iniciativas mostram que é possível enfrentar a desinformação por meio da educação crítica, da articulação com a comunidade e da promoção do protagonismo estudantil.

A Base Nacional Comum Curricular é mencionada como um importante marco legal ao reconhecer que a compreensão crítica das tecnologias digitais deve fazer parte da formação do estudante. No entanto, o texto aponta que a regulamentação, embora

positiva, ainda não alcançou a efetividade necessária nas práticas escolares, muitas vezes reduzida a uma "matéria" sem impacto transformador.

Assim, o estudo evidenciou que o impacto da desinformação na educação é profundo e estrutural o que compromete a confiança nas instituições de ensino, relativiza o conhecimento científico, confunde os estudantes e enfraquece o papel formador dos educadores. Entretanto, também revela caminhos para a resistência, a partir da valorização dos espaços educacionais como local de diálogo, da formação crítica, da inserção responsável das tecnologias e da construção coletiva de saberes.

As instituições oficiais de educação e, agora, o pensamento científico-metodológico, nesse panorama, permanecem como espaços de disputa simbólica e de construção de sentidos. Ainda reconhecida por parte significativa da juventude como fonte confiável de informação, ela – a escola – guarda um potencial estratégico na formação de uma cultura crítica e reflexiva. No entanto, para que esse papel seja exercido de modo efetivo é imprescindível que a educação ultrapasse práticas pedagógicas tradicionais e abrace, de forma estruturada, a alfabetização midiática e o letramento digital, conforme orientam diretrizes como a Base Nacional Comum Curricular.

O combate à desinformação demanda mais do que a transmissão de conteúdos: exige o desenvolvimento do pensamento crítico, da competência argumentativa e da consciência ética diante do uso da informação. Projetos educativos que envolvam estudantes, professores e comunidade na identificação e no enfrentamento das *fake news* mostram-se caminhos promissores para minimizar o avanço da desinformação, desde que estejam articulados a uma proposta pedagógica engajada e dialógica.

Nesse cenário, a luta contra a desinformação não se resume à identificação de notícias falsas, mas exige uma transformação pedagógica que coloque o sujeito no centro do processo educativo, capaz de discernir, interpretar e agir eticamente em um mundo cada vez mais mediado pela informação. Antes de tudo, se faz coerente identificar as fontes de onde são geradas ou mesmo disseminadas as falsas informações. De forma mais direta, podemos encontrar tais fontes nas redes sociais, blogs e sites de notícias, sendo os instrumentos mais comuns na difusão de desinformação. Por outro lado, não podemos descartar que os professores também podem propagar informações incorretas, seja por falta de atenção na composição do conteúdo da aula, seja porque aderem a determinadas vertentes ideológico-políticas e que fazem das salas de aulas locais de difusão das pseudociências.

Como todo instrumento desenvolvido a partir de relações sociais, é possível fomentar a criação de contra-instrumentos de contenção da disseminação da desinformação, assim como para minimizar os impactos provocados pelas fake news na sociedade. Uma ferramenta estratégica é o uso das estruturas educacionais para disseminar a informação, tais como: oficinas de prevenção e detecção de notícias falsas, rodas de conversas com a comunidade e com os pais, entre outros. Assim, as instituições como um todo e a comunidade podem diminuir as distâncias e desenvolver “gatilhos” positivos nos indivíduos que vise a deixar mais difícil o compartilhamento das notícias falsas.

Dentre estes gatilhos podemos incluir a educação para mídia no currículo, sendo este um instrumento fundamental para educar as pessoas no sentido de reconhecer as informações falsas. Os estudantes precisam aprender a identificar notícias falsas, verificar fontes e desenvolver pensamento crítico em relação às informações que encontram online e, por conta disso, levar para a comunidade esse sistema de combate à desinformação.

Por outro lado, no momento em que o estudante desconfia de que está diante de uma informação de fonte insegura, pode investigar as fontes que fundamentam o conteúdo da informação. Educadores devem promover o uso de fontes confiáveis e ensinar os estudantes a diferenciá-las de fontes duvidosas através da recomendação de referências sérias e conhecidas, assim como pode se utilizar da demonstração de métodos de verificação de informações.

Dessa forma, o estímulo a buscar fontes confiáveis não só se consubstancia como uma forma de enfrentar as notícias falsas como também estimula o aluno a pesquisar e, por via de consequência, ao produzir um texto se socorre de materiais de qualidade, sendo um fomento à leitura fora do mundo virtual.

Outro instrumento relevante para o combate a disseminação de informações falsas é a aproximação entre alunos, professores e corpo administrativo das escolas. Essa proximidade pode gerar laços de confiança, o que contribui essencialmente para garantir o diálogo. Isso ocorre porque os professores ainda têm a credibilidade do corpo discente, o que gera impactos na mediação para a construção do senso crítico a partir do diálogo com os estudantes.

Pelo lado institucional, as instituições de ensino podem estabelecer parcerias com veículos de mídia sérios para promover a disseminação de informações precisas e a promoção do jornalismo de qualidade. Isso pode ocorrer a partir da criação de parcerias com rádios locais com projetos que visem a levar a informação para a população. Também

podem ser desenvolvidas estratégias de intercâmbio com a população por meio das várias instituições profissionais da região, tais como órgãos de classe, lojistas, sindicatos e quantos mais puderem mediar as estratégias de combate às notícias falsas.

Por fim, reconhecer a desinformação como uma prática que articula poder, ideologia e discurso é o primeiro passo para enfrentá-la com responsabilidade. Nesse sentido, a educação, quando comprometida com a formação cidadã, crítica e democrática, constitui-se como o antídoto mais eficaz contra os perigos da alienação, do negacionismo e da manipulação ideológica que ameaçam a coesão e a pluralidade nas sociedades contemporâneas. Assim, a pesquisa sugere que a desinformação afeta não apenas o conteúdo a ser aprendido, mas todo o imaginário educacional, desestruturando a relação entre verdade, ciência e instituições de ensino. A desinformação, ao minar a credibilidade da educação formal, fragiliza os laços entre IFS, neste caso, família e comunidade, afetando também os projetos de vida dos estudantes.

Esta pesquisa apresenta relevante valor social na medida em que evidenciou, de forma contextualizada, as percepções, hábitos informacionais e vulnerabilidades de estudantes do Ensino Médio frente ao fenômeno da desinformação. Ao mapear práticas de consumo e compartilhamento de informações, a pesquisa fornece subsídios para que gestores educacionais, professores e formuladores de políticas públicas compreendam as lacunas existentes no letramento digital e na educação midiática dos jovens. Nesse sentido, os resultados contribuem para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas voltadas ao fortalecimento da cidadania crítica e informacional, imprescindível em uma sociedade impactada pelas rápidas transformações tecnológicas e pela disseminação de conteúdos falsos.

Nesse sentido, propomos como Produto Educacional um Guia Para a Checagem e Controle da Desinformação para que os IFs (Institutos Federais) apresentem aos seus alunos com um instrumento proveniente dos resultados da pesquisa, pois esta se insere como instrumento de apoio ao planejamento de ações educativas, potencializando o papel dos IFs como espaço de formação para o uso consciente e responsável das mídias, fortalecendo a construção de uma sociedade mais informada, crítica e democrática.

Dessa forma, conclui-se que, embora os estudantes apresentem percepção sobre a existência e os impactos da desinformação, carecem de formação crítica e metodológica para enfrentá-la de forma sistemática. A partir dos dados levantados, torna-se evidente a necessidade de inserir práticas de educação midiática no contexto educacional,

possibilitando que os jovens desenvolvam competências para analisar criticamente as informações, reconhecer fontes confiáveis e atuar de forma ética no ambiente digital.

Espera-se que esta pesquisa possa servir de subsídio para futuras investigações e intervenções pedagógicas, incentivando o desenvolvimento de projetos de educação para a mídia, de modo a preparar os estudantes para os desafios impostos pela sociedade contemporânea. Contribui-se, assim, para o fortalecimento do papel social das instituições de ensino como espaço de formação cidadã e de promoção do pensamento crítico, essenciais para a construção de um futuro em que a informação seja instrumento de transformação e de fortalecimento da democracia.

8 REFERÊNCIAS

ALESSI, Gil; HOFMEISTER, Naira. **Sites neonazistas crescem no Brasil espelhados no discurso de Bolsonaro, aponta ONG. Número de páginas na Internet que pregam a supremacia branca cresceram desde 2019 e se alimentam de discursos e de gestos do presidente e de outros apoiaadores, dizem estudiosos.** 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-10/sites-neonazistas-crescem-no-brasil-espelhados-no-discurso-de-bolsonaro-aponta-ong.html>. Acesso em 12 dez. 2024.

ALTARES, Guillermo. **A longa história das notícias falsas: Utilização política das mentiras começou muito antes das redes sociais, e a construção de outras realidades era uma constante na Grécia antiga.** 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.htmlhttps://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html. Acesso em 24 de fev. 2024.

AMARAL, Gustavo Rick. **Editorial.** TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 25, n. 25, jan./jun. 2022, p.5-7.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos.** Folha de Rosto: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 3, n. 1, p. 68-79, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/193/150> Acesso em: 23 de maio de 2023.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é Ciência da Informação.** Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARAÚJO, C. A. Á. **Novos desafios epistemológicos para a ciência da informação.** Palavra clave, La Plata, v. 10, n. 2, abr./set. 2021. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/119516>. Acesso em: 07 nov. 2024.

ÁVILA ARAÚJO, Carlos Alberto. **O fenômeno da pós-verdade: uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências.** ALCEU: Revista de Comunicação Cultural e Política. Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Volume 20, nº 41. Jul-set, 2020.

AZEVEDO, Luís Gustavo. www.clp.org.br/fake-news-o-caminho-da-educacao-na-desinformacao/2020. Acesso em 11 de junho de 2023.

BARROSO, Roberto. **Repercussão Geral no Recurso Extraordinário nº 888.815 Rio Grande do Sul,** 2015. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=8678529>. Acesso em: 10 de ago. 2024.

BASTOS, CARDOSO e SABBATINI. **Uma visão geral da educação à distância.** <http://www.edumed.net/cursos/edu002>. Acesso em 20 de jul. 2024.

BAUDRILLARD, J. **For a critique of the political economy of the Sign.** St Louis: Telos, 1981.

BELKIN, Nicholas. **Information concepts for information science.** Journal of Documentation, Bingley, v. 34, n. 1, p. 55-85, 1978. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/eb026653/full/html>. Acesso em: 03 de nov. 2024

BEZERRA, A. C. **Contribuição da Teoria Crítica aos estudos sobre regime de informação e competência crítica em informação.** Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, n. XIX ENANCIB, 2018. (Gt-1 – Estudo Histórico e Epistemológico da Ciência da Informação - Comunicação Oral) 2018. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/view/1354>. Acesso em: 06 abr. 2023.

BRASIL. **ADPF 572 MC-DF, Supremo Tribunal Federal (STF).** Relator: Edson Fachin, Julgamento: 17 de junho de 2020, Publicação: 13 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/resumo-voto-fachin.pdf> . Acesso em 27 nov. 2024.

BRASIL. Decreto Nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm. Acesso em 24 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base.** Brasília: MEC. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 out. 2022.

BRASILINO, Carlos Estênio. **Michelle Bachelet, ex-presidente do Chile, alerta para “recessão democrática” na política global.** Revista Institucional da AGU, 2ª edição | setembro/outubro 2024.

BRISOLA, A. C.; ROMEIRO, N. L. **A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade.** Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, n. 3, v. 14, p. 68-87, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/BRAPCI/100164> . Acesso em: 09 de maio de 2023.

BUCKLAND, Michael Keeble. **Information as thing. Journal of the American Society for Information Science,** Hoboken, v. 42, n. 5, 1991. Disponível em: <http://ppggoc.eci.ufmg.br/downloads/bibliografia/Buckland1991.pdf> . Acesso em: 20 dez. 2024.

CAPURRO, R. **On the genealogy of information.** In KORNWACHS, K., JACOBY, K. (Ed.). **Information-. New questions to a multidisciplinary concept.** Berlin:Akademie, 1996. Disponível em <http://www.capurro.de/cottinf.htm>. Acesso em 18 dez. 2001. Tradução feita por Ana Maria Pereira Cardoso, Maria da Glória Ferreira e Marco Antônio de Azevedo.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. **O conceito de informação. Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54/47>. Acesso em: 03 nov. 2024.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social.** Rev. Bras. Educ. Educ., n. 22, 2003.

COROMINA, Óscar; PADILLA, Adrián. **Analysis of desinformation regarding the referendum on 1 October detected by ‘MalditoBulo’.** Quadernsdel CAC, Barcelona: Conselho do Audiovisual da Catalunha, v. XXI, n. 44, jul. 2018.

COUTINHO, Emílio. **O que significa imprensa amarela ou marrom?** Casa dos Focas, São Paulo, Focabulário, 19 fev. 2015. Disponível em: <http://www.casadosfocas.com.br/o-que-significa-imprensa-amarela-ou-marrom/> Acesso em: 12 de nov. 2024.

DARNTON, Robert. A verdadeira história das notícias falsas. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html. Acesso em 12 de nov. 2024.

D'ANCONA, Matthew (Tradução: Carlos Szlak). **Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news.** Faro Editoria, 1ª Edição, Barueri, 2018.

DOURADO, Tatiana. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil**, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31967/1/Tese_Tatiana%20Dourado.pdf .Acesso em: 29/07/2024.

EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução.** São Paulo: Boitempo, 1997.

ESCOBAR, Herton. **Armas de desinformação em massa.** Jornal da USP, 14 de jul. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/actualidades/armas-de-desinformacao-em-massa/> Acesso em 02 de dezembro de 2024.

Fake news x desinformação: entenda qual é a diferença entre os termos. Conteúdos mentirosos têm 70% mais chance de serem compartilhados do que os verdadeiros, segundo estudo feito por pesquisadores do MIT. <https://www.tre-go.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Agosto/fake-news-x-desinformacao-entenda-qual-e-a-diferenca-entre-os-termos>. Acesso em 23 de agos. 2023

FARIA, José Eduardo. **Fake news e liberdade de expressão.** Jornal da USP, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/jose-eduardo-campos-faria/fake-news-e-liberdade-de-expressao/> . Acesso em 09 dez. 2024.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. **Uma nova Biblioteconomia para a sociedade contemporânea.** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 50-61, dez./mar., 2018/2019.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **Um Agudo Diagnóstico do Jornalismo: entre o desenvolvimento e a inovação.** In: SILVA, Fernando F.; SOUSA, Joana B.; NUNES, Pedro. Escutas sobre o Jornalismo.2017, p. 85-87. E-book. Postado em Ancora - Revista Latino-Americana de Jornalismo, João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, v. 4, n. 2, 2017. Disponível em:
<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/40091/20127> . Acesso em: 28 abril 2023.

GANZERT AFONSO, J. O American Way of Life na reconstrução da Europa no Pós-Guerra. Revista Relações Internacionais no Mundo Atual, n. 20, v. 1, 2015.

GARCÍA, Jorge G. ‘**Fake news seguem padrões concretos. E os algoritmos já conseguem rastreá-los. A inteligência artificial melhora sua precisão na hora de detectar notícias falsas, embora a sofisticação desse conteúdo dificulte seu trabalho.** Tecnología. *El País*. 11 jun. 2020. <https://brasil.elpais.com/tecnologia/2020-06-11/fake-news-seguem-padroes-concretos-e-os-algoritmos-ja-conseguem-rastrear-los.html> Acessado 02 dez.2024.

GEERTZ, C. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, A .C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAGNANI, Juliana. Pesquisa inédita identifica grupos de família como principal vetor de notícias falsas no WhatsApp. BBC Brasil. Londres, 20 abr. 2018. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-43797257> . Acesso em: 4 jun. 2024.

GUIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W; FREIRE, Cláudia (Tradutora). Conceitos essenciais da Sociologia. Editora Unesp, Edição 1ª. março 2016. São Paulo.

HOLLAUER, Henrique Von Pressentin. Desmistificando fake news: usando tecnologia educacional envolvendo conteúdos interdisciplinares acerca da COVID-19. Niterói, 2022. Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Química

IAMARINO, A. Educação para o Futuro | Atila Iamarino | TEDxUSP, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=B_x8EccxJjU . Acesso em: 30 de novembro de 2024.

JARDIM, H. I. R.; ZAIDAN, P. D. S. Controle de Informação: uma análise sobre o papel da censura e da fake news na história brasileira. Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, n. Especial, [?????]. (Gt1 - Aspecto Constituinte da Ciência da Informação no Brasil) 2018. Disponível em:
<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/3768/2159> .Acesso em: 02 maio 2023.

JAWSNICKER, Claudia. Educomunicação: reflexões sobre teoria e prática. A experiência do Jornal do Santa Cruz. 2008. Disponível em:

https://midialogos.infonauta.com.br/ed_01/01_artigos.php. Acesso em: 10 de junho de 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LANKES, R. David. The Library: the system of systems. 25 out. 2017. Disponível em: <https://davidlankes.org/the-library-the-system-of-systems/>. Acesso em: 23 de maio de 2023.

LUCKMAN, Ana Paula; D`AQUINO, Sabrina. **Combater desinformação também é tarefa das instituições de ciência e tecnologia**. Joinville, Santa Catarina, 18 abr 2023. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/web/noticias/w/combater-desinformacao-tambem-e-tarefa-das-instituicoes-de-ciencia-e-tecnologia>. Acesso em 16 de maio de 2025.

McGARRY, K. **O conceito dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MACHLUP, F., MANSFIELD, U. (Ed.). **The study of information- Interdisciplinary messages**. New York, NY: Wiley, 1983. Tradução feita por Ana Maria Pereira Cardoso, Maria da Glória Ferreira e Marco Antônio de Azevedo.

MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1988.

MARCHIORATO, H. B. **Educação ambiental: a tecnologia a favor da natureza**. Kínesis, v. X, n° 23 (Edição Especial), p. 85 99, 2018.

MASSARANI, L.; CASTEALFRANCHI, Y.; FAGUNDES, V.; MOREIRA, I.; MENDES, I. **O que jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia?** Resumo executivo. INCT-CPCT, 2019.

MENEZES, Pedro. **Alienação na Sociologia e Filosofia**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/alienacao-na-sociologia-e-filosofia/#:~:text=A%20ideia%2Dchave%20no%20conceito,acarreta%20uma%20mistifica%C3%A7%C3%A3o%20da%20realidade>. Acesso nov, 2023

PEREIRA, Renato Lopes. **Conceito de Comunicação**. E-Com, revista científica de comunicação social do centro universitário de Belo Horizonte (UNIBH), v. 16. <https://revistas.unibh.br/ecom/index>. Disponível em: <https://revistas.unibh.br/ecom/article/view/1059/642>. Acesso em: 03 de ago.2024.

PINHEIRO, M.M.; BRITO, V.P. **Em busca do significado de desinformação**. Data Gramma Zero, João Pessoa, v. 15, n. 6, dez. 2014. Disponível em: <http://www.brappci.inf.br/index.php/article/view/0000016135/2a5a3314a0b9fb786fedf46238b80461/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

PENNYCOOK G, RAND DG. **O Efeito da Verdade Implícita: anexar avisos a um subconjunto de notícias falsas aumenta a precisão percebida de notícias sem avisos**. Ciência da Administração, 2020, vol. 66, n.º 11.

PREVIDELLI, Fábio. **Segunda Guerra: Participação dos Pracinhas foi considerada 'dor de cabeça' pelos Aliados. Tropas brasileiras que participaram da Segunda**

Guerra Mundial foram tratadas de forma estereotipada pelos Aliados e pelas forças do Eixo. 2024. Disponível em:
<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/segunda-guerra-participacao-dos-pracinhas-foi-considera-dor-de-cabeca-pelos-aliados.phtml> . Acesso em 06 de dez. 2024.

PRIMACK BA, SHENSA A, SIDANI JE, WHAITE EO, LIN L YI, ROSEN D, *et al.* **Social Media Use and Perceived Social Isolation Among Young Adults in the U.S.** Am J Prev Med. [Internet]. 2017 [cited Aug 29 2019];53(1):1-8. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0749379717300168> . Acesso em 07 dez. 2024.

GONÇALVES GOMES, Reginaldo. **O impacto da desinformação e das notícias falsas na democracia.** Administração de Empresas em revista unicuritiba. Vol.4, n.37, outubro/dezembro 2024.

ROCHA YM, DE MOURA GA, DESIDÉRIO GA, DE OLIVEIRA CH, LOURENÇO FD, DE FIGUEIREDO NICOLETE LD. **O impacto das notícias falsas nas redes sociais e sua influência na saúde durante a pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática.** J Saúde Pública, 09 de out. de 2021.

SANTOS, Wérleson Alexandre de Lima; PAJEÚ, Hélio Márcio. **Entendendo a desinformação: algumas determinações e uma proposta de conceituação.** Encontros Bibli, Florianópolis, v. 29, 2024: e95042. Universidade Federal de Santa Catarina.

SANTIN, Janaina Rigo; DAI PRA, Marlon. **Relações de poder e democracia: como regular a desinformação no ecossistema das big-techs.** Revista Pensar Jurídico, Fortaleza-CE. v. 27, n. 2, abr./jun. 2022.

SERRANO, Luiz Roberto. **A democratização do acesso à informação abriu caminho para a manipulação e o engodo.** Jornal da USP. 22 de set. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/a-democratizacao-do-acesso-a-informacao-abriu-caminho-para-a-manipulacao-e-o-engodo/>. Acesso em 23 de jan. 2024.

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. **A pós-verdade como acontecimento discursivo.** Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, maio/ago. 2020.

SILVA, Jonathas Carvalho. **Pós-Verdade e Informação: múltiplas concepções e configurações.** Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação, ANCIB, v. 11, n. 2. 2018.

SILVA, Jonathas Carvalho; GOMES, Henriette Ferreira. **Conceitos de informação na Ciência da informação: percepções analíticas, proposições e categorizações.** Informação & Sociedade: estudos. João Pessoa, v. 25, n. 1, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/145>. Acesso em: 02 nov. 2024.

SILVA, Osni Oliveira Noberto da; RAMOS, M. D. P.; SANTOS JÚNIOR, P. A; Santos, K. A. **Dificuldades e possibilidades da educação crítica em tempos de fake**

- news: uma revisão sistemática.** ReDoc – Revista Docênciа e Cibercultura, Vol. 7, Nº 2, Jan-Abr 2023.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **As fontes históricas e o ensino da História.** In: SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004.p.89-110.
- SUNDAR, S. S. et al. **Sharing without clicking on news in social media.** 19 de novembro, 2024. Disponível em: <https://www.tempo.com/noticias/ciencia/surpresa-75-do-conteudo-compartilhado-nas-redes-sociais-e-fiado-sem-leitura-previa-do-seu-conteudo.html>. Acesso em 08 dez. 2024.
- SUNSTEIN, Cass. **A era do radicalismo: entenda por que as pessoas se tornam extremistas.** Trad. Lucienne Scalzo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- SANTOSH, Vijaykumar; JIN, Yan; VANDERSLOTT, Samantha. **Desinformação sobre a covid-19: impactos, desafios e respostas para a saúde pública.** LEIASS – Linha Editorial Internacional de Apoio aos Sistemas de Saúde. Disponível em: <https://www.conass.org.br/biblioteca/wp-content/uploads/2021/02/L6-cap12.pdf> . Acesso 09 dez. 2024.
- VALOIS CARDOSO. **O impacto das “fake news” na educação dos jovens do Brasil.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação-REASE. São Paulo, v.7.n.6. jun.2021.
- WEIZSACKER.C.F. von. **Die Eiheit der Natur (The unity of nature).** Munich. Deutscher Taschenbuch. 1974.
- WALTON, Douglas. **Lógica informal: manual de argumentação crítica.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making.** Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-forresearch-andpolicy-making.html>. Acesso em: 03 dez 2024.
- WOIDA, Luana Maia; ASSIS SILVA, Amanda Vitória de. **A desinformação e seus efeitos no ambiente organizacional.** In: https://convibra.org/congresso/res/uploads/pdf/artigo_pafejUELH22.09.2022_07.39.16.pdf. Acesso: 25 de maio de 2023 .
- Julgamento do conspiracionista Alex Jones revela lucrativo negócio da desinformação.** Site: <https://www.bol.uol.com.br>, 2022. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2022/12/03/julgamento-do-conspiracionista-alex-jones-revela-lucrativo-negocio-da-desinformacao.htm>.Acesso em: 15 de maio de 2023.

APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista

Questionário de Pesquisa: Fatores que Contribuem com a Disseminação da Desinformação

Instruções:

Este questionário visa entender os principais fatores que contribuem para a disseminação da desinformação. Suas respostas são anônimas e serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa. Agradecemos sua colaboração.

Parte 1: Dados Demográficos

1. Idade:

- () Menos de 18 anos
- () 18-24 anos
- () 25-34 anos
- () 35-44 anos
- () 45-54 anos
- () 55-64 anos
- () 65 anos ou mais

2. Gênero:

- () Masculino
- () Feminino
- () Outro
- () Prefiro não responder

3. Nível de Escolaridade:

- () Ensino Fundamental incompleto
- () Ensino Fundamental completo
- () Ensino Médio incompleto
- () Ensino Médio completo
- () Ensino Superior incompleto
- () Ensino Superior completo
- () Pós-graduação
- () Outros

Parte 2: Uso de Mídias e Fontes de Informação

4. Quais meios você utiliza com mais frequência para se informar? (marque todas as opções que se aplicam)

- () Televisão
- () Rádio
- () Jornais impressos
- () Sites de notícias
- () Redes sociais
- () Blogs
- () Podcasts
- () Outros: _____

5. Qual rede social você mais utiliza para se informar?

- Facebook
- Twitter
- Instagram
- WhatsApp
- YouTube
- TikTok
- Outros: _____

Parte 3: Percepção sobre Desinformação**6. Você já se deparou com notícias falsas ou desinformação nas redes sociais?**

- Sim
- Não
- Não sei

7. Com que frequência você verifica a veracidade das informações antes de compartilhá-las?

- Sempre
- Frequentemente
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

8. Em sua opinião, quais são os principais fatores que contribuem para a disseminação da desinformação? (marque todas as opções que se aplicam)

- Falta de checagem de fatos
- Sensacionalismo na mídia
- Algoritmos de redes sociais
- Falta de educação midiática
- Pressa em compartilhar informações
- Confiança em fontes não confiáveis
- Outros: _____

Parte 4: Impacto e Soluções**9. Você acredita que a desinformação tem um impacto significativo na sociedade?**

- Sim
- Não
- Não sei

10. Quais medidas você acredita que poderiam ajudar a reduzir a disseminação da desinformação? (marque todas as opções que se aplicam)

- Educação midiática nas escolas
- Melhorias nos algoritmos de redes sociais
- Penalidades para quem dissemina desinformação
- Melhoria na checagem de fatos por parte da mídia
- Incentivo ao pensamento crítico
- Outros: _____

11. Qual é o seu nível de confiança nas seguintes fontes de informação? (Avalie de 1 a 5, sendo 1 "Nenhuma confiança" e 5 "Muita confiança")

Televisão: 1 2 3 4 5

Rádio: 1 2 3 4 5

Jornais impressos: 1 2 3 4 5

Sites de notícias: 1 2 3 4 5

Redes sociais: 1 2 3 4 5

Blogs: 1 2 3 4 5

Podcasts: 1 2 3 4 5

12. Quais são os principais sinais de alerta que indicam que uma informação pode ser falsa?

13. Quais os temas que você compartilha com maior frequência ?

14. Quais são os motivos que levam você a compartilhar uma mensagem em suas redes sociais?

**15. Você acredita que a desinformação pode prejudicar seu aprendizado escolar?
Por quê?**

Parte 5: Comentários Finais

Por favor, compartilhe quaisquer comentários ou sugestões adicionais sobre a desinformação e como combatê-la

Agradecemos por sua participação!

Fonte: autoria própria, 2025.

**APÊNDICE B – Registro de Assentimento Livre e Esclarecido
Para Adultos Não Alfabetizados, Crianças, Adolescentes e Pessoas Legalmente
Incapazes (Resolução Nº 466/12 CNS; resolução nº 510/16 CNS)**

O que é assentimento?

O assentimento significa que você concorda em participar de uma pesquisa, na qual serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações necessárias para compreender a importância de sua participação.

Convidamos você para participar, como voluntário (a), da pesquisa: **Não sei, só sei que foi assim: análise crítica sobre os fatores que contribuem com a disseminação da desinformação entre os alunos do IFCE Crato/CE**, que está sob a orientação da Professora Doutora Cristiane Ayala de Oliveira, telefone nº (87) 9 8138-9381 e do orientando Cristóvão Maia Filho, telefone nº (88) 9 88090814, e-mail: cristovaomaia72@gmail.com.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa tem como objetivos analisar quais os fatores que mais influenciam na disseminação da Desinformação entre os alunos do IFCE-Crato. Para isso, buscamos apresentar a evolução histórica e conceitual da Desinformação entre os alunos do IFCE-Crato, pesquisar os fatores que influenciam na disseminação da Desinformação, categorizar os principais fatores influenciadores na disseminação da Desinformação e, após isso, desenvolver o produto educativo a partir das experiências teórico-práticas vivenciadas na construção do texto final.

O público participante da pesquisa será composto pelos alunos do curso de Técnico em Informática para a Internet, independentemente da faixa-etária de idade, emancipados ou não. O requisito é ser aluno regularmente matriculado e presente no momento da aplicação do questionário.

Os dados serão colhidos por meio de questionário aplicados de forma presencial, no Campus Crato do Instituto Federal do Ceará e o recrutamento de alunos se dará de forma a não fazer diferenças de gênero, raça ou de credo religioso, levando-se em conta a disponibilidade dos alunos em compor o elemento subjetivo da pesquisa. Nesse sentido, poderemos criar um canal de comunicação com pais e alunos com o intuito de atualizar as informações sobre o procedimento.

Os alunos poderão participar da pesquisa durante a aplicação do questionário, que se pretende ser feito em apenas uma visita ao IFCE Campus Crato. A pesquisa consiste na aplicação de um formulário com perguntas e respostas diretas, sem que o pesquisado seja exposto, inclusive após a finalização do procedimento. Assim, a coleta de material não é de cunho biológico, sendo apenas intelectual e de opinião do entrevistado, portanto, não há coleta de material genético do pesquisado.

Serão explicadas as regras para o procedimento antes do início das respostas (tempo, estilo da escrita) e todos aquelas dúvidas necessárias e que possam ser perguntados pelos pesquisados.

Benefícios e riscos decorrentes da Participação na pesquisa:

A pesquisa gerará um debate em torno dos principais fatores que geram a disseminação da desinformação entre os alunos do IFCE-Crato. Diante disso, será possível orientar os alunos do Instituto a respeito dos cuidados que devem ter ao receber e repassar uma informação que lhes seja dirigida pelos meios virtuais. Dessa forma, também poderá ser desenvolvida uma rede de combate a tal compartilhamento dentro do próprio campus e se estender à comunidade por meio dos estudantes junto a seus familiares e amigos.

Ao participar da pesquisa, se você se sentir constrangido ou aborrecido em ter que fornecer informações de cunho pessoal ou profissional, como forma de mitigar tal impacto psicológico, poderá escusar-se de assim o fazer, ou mesmo declinar em não participar desse item da pesquisa; também poderá solicitar para se retirar do ambiente de aplicação do questionário. Caso queira, ainda terá a opção de escolher um local isolado para proceder a respostas do questionário.

ASSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO COMO VOLUNTÁRIO (A)

As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a participação dos voluntários, a menos que seja autorizado pelo participante da pesquisa.

Os dados coletados nesta pesquisa por meio da respostas aos quesitos do questionário presencial e escrito em folha de papel com 16 perguntas, versam sobre as

seguintes informações: dados demográfico – idade, gênero, nível de escolaridade; acesso às mídias sociais e a outras fontes de informação; percepção sobre a desinformação; impactos e soluções e comentários finais), ficarão armazenados (pastas de arquivo, computador pessoal), sob a responsabilidade do pesquisador ou da Orientadora da pesquisa, pelo período mínimo de 05 anos.

O (A) voluntário (a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas ou resarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Caso tenha alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entregando o questionário, seus pais e/ou seu responsável legal para que esteja bem esclarecido (a) sobre sua participação na pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar em fazer parte do estudo, assine este documento que será rubricado e assinado também por seus pais ou seu responsável legal, que está em duas vias, uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Se você não quiser participar da pesquisa, não será prejudicado (a) de forma alguma e tem o direito de desistir da participação na pesquisa em qualquer momento.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IF SertãoPE, Reitoria – Rua Aristarco Lopes, 240, Centro, CEP 56.302-100, Petrolina-PE, Telefone: (87) 2101-2350 / Ramal 2364, <http://www.ifsertao-pe.edu.br/index.php/comite-de-etica-em-pesquisa>, cep@ifsertao-pe.edu.br; ou poderá consultar a Comissão nacional de Ética em Pesquisa, Telefone (61)3315-5878, conepe@saude.gov.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, objetivando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Por isso, o cep estará a disposição caso você deseje maiores informações.

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Assinatura do (a) Voluntário (a)

Assinatura do (a) Responsável Legal ou Pais

**ASSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DO SUJEITO COMO VOLUNTÁRIO
(A)**

Eu, _____, _____, portador(a) do documento de Identidade: _____ CPF _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara/ detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável legal poderá modificar a decisão de minha participação se assim o desejar, mesmo já tendo assinado o consentimento/ assentimento.

Declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Impressão
digital
(opcional)

Local e data _____ ,

_____.

Assinatura do (da) Participante/ Voluntário (a)

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Para Maiores de 18 Anos ou Emancipados)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa **Não sei, só sei que foi assim: análise crítica sobre os fatores que contribuem com a disseminação da desinformação entre os alunos do IFCE Crato/CE**, que está sob a responsabilidade do pesquisador Cristóvão Maia Filho, tendo como instituição proponente o Instituto Federal de Educação Profissional (IF-SERTÃO Pernambuco), Campus Salgueiro-PE, localizado à BR-232, Km 508, s/n – Zona Rural, Salgueiro - PE, CEP 56000-000, e está sob a orientação da Professora Doutora Cristiane Ayala de Oliveira. Ao ler este documento, caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entregando, para que você esteja bem esclarecido (a) sobre tudo que está respondendo. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite em fazer parte do estudo, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de retirar o consentimento da sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA: Essa pesquisa tem como objetivo geral: Analisar quais os fatores que mais influenciam na disseminação da Desinformação entre os alunos do IFCE-Crato São objetivos específicos: Apresentar a evolução histórica e conceitual da Desinformação entre os alunos do IFCE-Crato; Pesquisar os fatores que influenciam na disseminação da Desinformação; Categorizar os principais fatores influenciadores na disseminação da Desinformação; Desenvolver o produto educativo a partir das experiências teórico-práticas vivenciadas na construção do texto final.

Enquanto aluno, sua participação na pesquisa se dará através de respostas presencial ao questionário.

LOCAL DA PESQUISA: Instituto Federal do Ceará – Campus Crato-CE, Curso Técnico em Informática para Internet.

Benefícios e riscos decorrentes da Participação na pesquisa: A pesquisa gerará um debate em torno dos principais fatores que geram a disseminação da desinformação entre os alunos do IFCE-Crato. Diante disso, será possível orientar os alunos do Instituto a respeito dos cuidados que devem ter ao receber e repassar uma informação que lhes seja

dirigida pelos meios virtuais. Dessa forma, também poderá ser desenvolvida uma rede de combate a tal compartilhamento dentro do próprio campus e se estender à comunidade por meio dos estudantes junto a seus familiares e amigos.

Ao participar da pesquisa, se você se sentir constrangido ou aborrecido em ter que fornecer informações de cunho pessoal ou profissional, como forma de mitigar tal impacto psicológico, poderá escusar-se de assim o fazer, ou mesmo declinar em não participar desse item da pesquisa; também poderá solicitar para se retirar do ambiente de aplicação do questionário. Caso queira, ainda terá a opção de escolher um local isolado para proceder a respostas do questionário.

AUTONOMIA E SIGILO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA: Enquanto participante da pesquisa você possui plena autonomia para não responder quaisquer perguntas que de algum modo possa lhe constranger, causar-lhe desconforto ou que possa expô-lo de forma indevida, se assim você considerar; ou de não se submeter a qualquer procedimento da pesquisa que considere invasivo ou lhe cause desconforto, todas as informações por você prestadas serão mantidas sob sigilo, divulgando-as apenas para os fins da pesquisa sem haver possibilidade de sua identificação individual, exceto quando consentida essa identificação por você. Os dados coletados nesta pesquisa questionários e respondidos ficarão armazenados em pastas de arquivo no computador pessoal do pesquisador, sob a responsabilidade dele, pelo período de no mínimo 05 anos. O(a) senhor(a) não pagará nada para participar desta pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do IF SERTÃO-PE no endereço: Reitoria – Rua Aristarco Lopes, 240, Centro, CEP 56.302-100, Petrolina-PE, Telefone: (87) 2101-2350 / Ramal 2364, <http://www.ifsertao-pe.edu.br/index.php/comitede-etica-em-pesquisa>, cep@ifsertao-pe.edu.br; ou poderá consultar a Comissão nacional de Ética em Pesquisa, Telefone (61)3315-5878, conepe@saude.gov.br. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Cristóvão Maia Filho

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO

(A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo, assinado, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo, **Não sei, só sei que foi assim: análise crítica sobre os fatores que contribuem com a disseminação da desinformação entre os alunos do IFCE Crato/CE**, como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido(a) pelo(a) pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Crato ____/____/2024.

Assinatura do (a) participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

NOME: _____

ASSINATURA: _____

NOME: _____

ASSINATURA: _____

Assinatura do (a) Responsável Legal ou Pais

Presenciamos a realização de esclarecimentos sobre a pesquisa, aceite do sujeito em participar da pesquisa, bem como o assentimento do responsável legal ou pais do voluntário (a).

NOME COMPLETO:	NOME COMPLETO:
ASSINATURA:	ASSINATURA:

Obs. 02 Testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores.

APÊNDICE D - Termo De Consentimento Livre e Esclarecido Para Pais ou Responsáveis Legais de adultos não alfabetizados ou juridicamente incapazes - resolução nº 466/12 CNS e resolução nº 510 CNS.

Convidamos o (a) Sr.(a) para permitir que a pessoa, a qual esteja sob sua responsabilidade, participe como voluntário (a), da pesquisa **Não sei, só sei que foi assim: análise crítica sobre os fatores que contribuem com a disseminação da desinformação entre os alunos do IFCE Crato/CE**, que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) orientador (a) Cristiane Ayala de Oliveira, cujo endereço profissional é Instituto Federal de Educação Profissional (IF-SERTÃO Pernambuco), Campus Salgueiro-PE, localizado à BR-232, Km 508, s/n – Zona Rural, Salgueiro - PE, CEP 56000-000, com o e-mail cristiane.ayala@ifsertao-pe.edu.br, celular nº (87) 9 8138-9381. Também participa da pesquisa o orientando Cristóvão Maia Filho, residente e domiciliado na Rua Professor Teófilo Cavalcante, nº 199, Zacarias Gonçalves, Crato-CE, cujo e-mail é cristovaomaia72@gmail.com, e telefone (88) 9 8809-0814, vinculado ao Programa de Mestrado do Instituto Federal de Educação Profissional (IF-SERTÃO Pernambuco), Campus Salgueiro-PE, localizado à BR-232, Km 508, s/n – Zona Rural, Salgueiro - PE, CEP 56000-000.

Este Termo de Consentimento pode conter informações que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa que está lhe entregando o termo para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre essa pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de permitir a participação na pesquisa, rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o/a senhor/a não será penalizado (a) de forma alguma. O (a) Senhor (a) tem o direito de retirar sua permissão sobre participação na pesquisa referente à pessoa que está sob sua responsabilidade em qualquer tempo, sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Essa pesquisa tem como objetivo geral: Analisar quais os fatores que mais influenciam na disseminação da Desinformação entre os alunos do IFCE-Crato São objetivos específicos: Apresentar a evolução histórica e conceitual da Desinformação entre os alunos do IFCE-Crato; Pesquisar os fatores que influenciam na disseminação da Desinformação; Categorizar os principais fatores influenciadores na disseminação da Desinformação; Desenvolver o produto educativo a partir das experiências teórico-práticas vivenciadas na construção do texto final.

Será realizada no Instituto Federal do Ceará – Campus Crato-CE, Curso Técnico em Informática para Internet.

Enquanto aluno, a participação na pesquisa se dará através de respostas presencial ao questionário.

Benefícios e riscos decorrentes da Participação na pesquisa: A pesquisa gerará um debate em torno dos principais fatores que geram a disseminação da desinformação entre os alunos do IFCE-Crato. Diante disso, será possível orientar os alunos do Instituto a respeito dos cuidados que devem ter ao receber e repassar uma informação que lhes seja dirigida pelos meios virtuais. Dessa forma, também poderá

ser desenvolvida uma rede de combate a tal compartilhamento dentro do próprio campus e se estender à comunidade por meio dos estudantes junto a seus familiares e amigos.

Ao permitir a participação na pesquisa do aluno, que esteja sob seus cuidados, o aluno poderá se sentir constrangido ou aborrecido em ter que fornecer informações de cunho pessoal ou profissional. Como forma de mitigar tal impacto psicológico, poderá escusar-se de assim o fazer, ou mesmo declinar em não participar desse item da pesquisa; também poderá solicitar para se retirar do ambiente de aplicação do questionário. Caso queira, ainda terá a opção de escolher um local isolado para proceder a respostas do questionário.

Os dados coletados nesta pesquisa (respostas aos quesitos do questionário presencial e escrito em folha de papel com 16 perguntas que versam sobre as seguintes informações: dados demográficos – idade, gênero, nível de escolaridade; acesso às mídias e a outras fontes de informação; percepção sobre a Desinformação; impactos e soluções e comentários finais), ficarão armazenados em pastas de arquivo ou computador pessoal e em nuvem, sob a responsabilidade do pesquisador e da Orientadora no endereço Rua Professor Teófilo Cavalcante, nº 199, Zacarias Gonçalves, Crato, Ceará, CEP 63110-090, pelo período de no mínimo 05 anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada para permitir a participação nessa pesquisa. Se houver necessidade, as despesas para a participação do aluno na pesquisa serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do IF SertãoPE no endereço: Reitoria – Rua Aristarco Lopes, 240, Centro, CEP 56.302-100, Petrolina-PE, Telefone: (87) 2101-2350, Ramal 2364, <http://www.ifsertao-pe.edu.br/index.php/comite-de-etica-em-pesquisa>, cep@ifsertao-pe.edu.br ou poderá consultar a Comissão nacional de Ética em Pesquisa, Telefone (61)3315-5878, conep.cep@sauda.gov.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Assinatura do pesquisador (a)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado pelo meu representante legal, após a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar e esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo **Não sei, só sei que foi assim: análise crítica sobre os fatores que contribuem com a disseminação da desinformação entre os alunos do IFCE Crato/CE** como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha

participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

A rogo de _____, que é menor de idade e incapaz, eu _____ assino o presente documento que autoriza a sua participação neste estudo.

Impressão
digital
(opcional)

Local e data _____

Assinatura do (da) responsável: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

NOME:	NOME:
ASSINATURA:	ASSINATURA:

APÊNDICE E – Produto Educacional

**Na Dúvida,
Pesquise!**

**GUIA PARA CHECAGEM E CONTROLE DA
DESINFORMAÇÃO**

A seguir, apresentamos um conjunto de orientações para o a checagem e controle da desinformação com o objetivo de orientar os Institutos Federais (IFs) a se protegerem dos efeitos da notícias falsas no processo pedagógico.

AUTORIA: CRISTÓVÃO MAIA FILHO
ORIENTADORA: DRA. CRISTIANE AYALA DE OLIVEIRA

A desinformação é um fenômeno complexo que afeta diretamente a formação cidadã e o processo educativo, especialmente em tempos de intensa circulação de conteúdos nas mídias digitais. Nesse contexto, as instituições educacionais, e em especial os Institutos Federais, têm o desafio de promover uma cultura informacional crítica, baseada na ética, na veracidade e no pensamento reflexivo.

Com o objetivo de contribuir para essa missão, este guia apresenta um conjunto de requisitos educacionais, metodológicos e comunicacionais para a identificação de desinformação. Trata-se de um material de apoio destinado a educadores, pesquisadores e gestores interessados em desenvolver instrumentos pedagógicos capazes de traduzir, de forma acessível e atrativa, os resultados de pesquisas sobre o tema.

O guia propõe diretrizes que orientam desde a concepção e estruturação do conteúdo até aspectos de linguagem, design e acessibilidade, enfatizando o papel da educação como mediadora na construção de sujeitos críticos e conscientes diante do fluxo informacional contemporâneo.

1. REQUISITOS DE CONTEÚDO

O Guia enfatiza a necessidade de os alunos, professores e demais membros da IES atentarem para os principais pontos que favorecem a identificação de fakes news, devendo haver uma diálogo simples, claro e educativo, capaz de orientar o leitor sobre o fenômeno e suas formas de enfrentamento. Devendo conter os seguintes tópicos:

- **Introdução** – apresentação do tema, objetivos e relevância educativa.
- **Histórico da Desinformação** – origem, evolução e contexto atual do fenômeno.
- **Espécies de Desinformação** – classificação e exemplos práticos (fake news, misinformation, malinformation).
- **Meios de Propagação** – principais canais e mecanismos de disseminação.
- **Medidas de Prevenção e Combate** – estratégias educativas e ações de enfrentamento.
- **Referências e Fontes Confiáveis** – bases teóricas, sites de verificação e orientações de checagem.





1.1 Introdução

A introdução do Guia deve apresentar o conceito de desinformação de forma acessível e adaptada ao contexto escolar, permitindo que os estudantes compreendam o fenômeno de maneira clara e próxima à sua realidade. É importante destacar a relevância do tema para o cotidiano e para a construção da cidadania digital, evidenciando como a circulação de informações falsas interfere nas relações sociais, nas decisões individuais e coletivas.

Deve-se ainda mencionar brevemente o impacto da desinformação na sociedade, especialmente em áreas sensíveis como a política, a ciência e a educação, ressaltando suas consequências éticas e sociais. Por fim, a introdução deve explicitar o objetivo do guia, que é promover o desenvolvimento do senso crítico e da responsabilidade no consumo e no compartilhamento de informações, fortalecendo o papel educativo dos Institutos Federais no combate à desinformação.

1.2 Histórico da Desinformação

A seção dedicada ao histórico da desinformação deve apresentar um breve panorama evolutivo do fenômeno, destacando sua presença em diferentes períodos da história. É importante incluir exemplos da Antiguidade, como práticas de manipulação e propagandas de guerra, além dos boatos populares que influenciavam opiniões e decisões sociais.

Deve-se também abordar a desinformação em momentos históricos relevantes, como durante as Guerras Mundiais, a Guerra Fria e os períodos de ditadura, evidenciando como o controle e a distorção de informações foram utilizados como instrumentos de poder político e ideológico.



Por fim, é fundamental apresentar a era digital e o papel das redes sociais como aceleradores da desinformação, demonstrando como as novas tecnologias intensificaram a velocidade e o alcance das informações falsas. Recomenda-se ainda incluir uma linha do tempo simplificada, com marcos ilustrativos, para facilitar a compreensão dos estudantes e tornar o conteúdo mais dinâmico e visual.

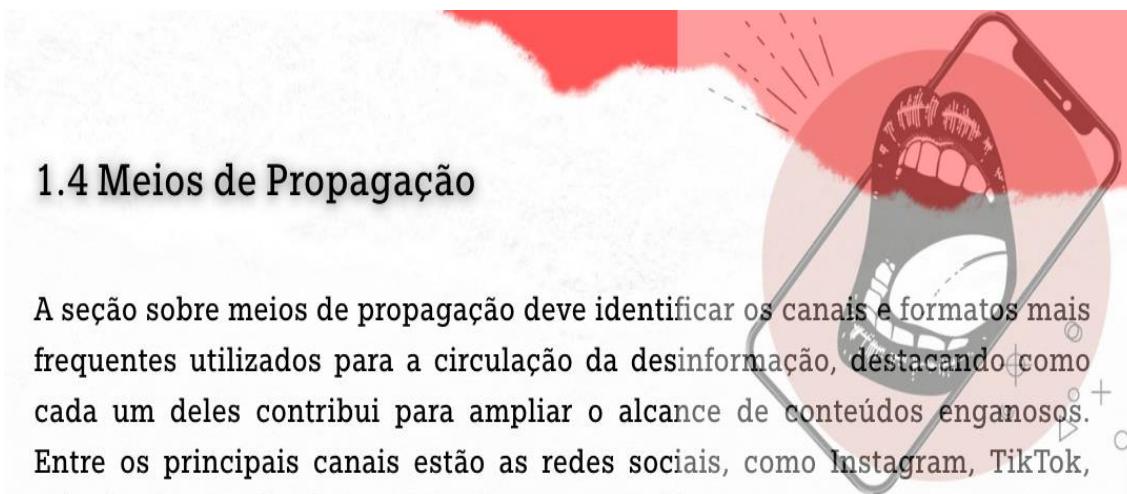
1.3 Espécies de Desinformação

Essa seção deve explicar, de forma clara e com exemplos práticos, os tipos mais comuns de conteúdos enganosos que circulam no cotidiano escolar e digital. Entre eles, destacam-se as fake news, que são notícias completamente falsas criadas deliberadamente para enganar; a misinformation, que consiste em informações incorretas compartilhadas sem intenção de manipulação; e a disinformation, que se refere a conteúdos falsos produzidos com o objetivo consciente de manipular opiniões ou comportamentos.

Também deve ser abordada a malinformation, que ocorre quando informações verdadeiras são usadas de maneira distorcida ou fora de contexto, alterando seu significado original. Além disso, é importante incluir memes e conteúdos visuais manipulados, que podem reforçar estereótipos ou transmitir mensagens enganosas, e o clickbait, caracterizado por manchetes sensacionalistas criadas apenas para gerar cliques, muitas vezes distorcendo o conteúdo real da notícia.

Ressalta-se que, a apresentação desses tipos de desinformação deve ser acompanhada de exemplos concretos, preferencialmente relacionados ao universo dos estudantes, para facilitar a identificação e o desenvolvimento do pensamento crítico em relação às informações consumidas e compartilhadas.

1.4 Meios de Propagação



A seção sobre meios de propagação deve identificar os canais e formatos mais frequentes utilizados para a circulação da desinformação, destacando como cada um deles contribui para ampliar o alcance de conteúdos enganosos. Entre os principais canais estão as redes sociais, como Instagram, TikTok, X/Twitter e Facebook, que permitem compartilhamentos rápidos e amplos; e os aplicativos de mensagens privadas, como WhatsApp e Telegram, que facilitam a disseminação de informações em grupos fechados.

Também devem ser considerados sites e blogs sem verificação editorial, que publicam conteúdos sem checagem adequada, e os vídeos e transmissões ao vivo, que muitas vezes são manipulados ou descontextualizados. Além disso, é importante mencionar os e-mails e newsletters fraudulentas, utilizados para enganar ou induzir cliques, bem como a transmissão oral de boatos, que continua sendo um meio tradicional de espalhar informações falsas.

Essa abordagem permite que os estudantes reconheçam os principais veículos da desinformação, entendam seus riscos e aprendam a adotar uma postura crítica diante de diferentes formatos e fontes de informação.

2. REQUISITOS DE CONTEÚDO

O Guia traz requisitos didáticos que facilitem a compreensão e estimulem a participação ativa dos estudantes. É essencial utilizar uma linguagem clara, simples e sem excesso de termos técnicos, garantindo que os conceitos sobre desinformação sejam acessíveis a todos os públicos escolares.

Além disso, recomenda-se a inclusão de quadros ilustrativos, infográficos e exemplos reais, adaptados ao contexto e à realidade dos alunos, tornando o conteúdo mais visual e atrativo.



Cada capítulo pode ser complementado com atividades práticas, como exercícios de análise crítica de notícias, comparação entre fontes confiáveis e não confiáveis, e a elaboração de um checklist para verificação de informações, promovendo a aplicação concreta do conhecimento adquirido. Por fim, é importante inserir um glossário de termos-chave no final do manual, permitindo que os estudantes consultem rapidamente conceitos essenciais e consolidem a compreensão dos conteúdos abordados.

3 REQUISITOS GRÁFICOS

Deve atender a requisitos gráficos que reforcem a clareza, a organização e a atração visual do conteúdo. É recomendado utilizar cores contrastantes e consistentes, que ajudem a diferenciar seções, destacar exemplos e alertas, e guiar a leitura do estudante.

Além das cores, é importante incorporar imagens, ícones e símbolos que facilitem a compreensão e memorização de conceitos, como ícones de lupa para “checagem de fatos” ou sinais de atenção para alertas, tornando o aprendizado mais intuitivo.

A formatação do texto deve contemplar títulos, subtítulos, destaque e boxes para informações-chave, permitindo uma leitura dinâmica e a rápida identificação de conteúdos relevantes. Esses elementos gráficos devem ser integrados de maneira harmoniosa, mantendo um layout limpo, organizado e acessível, que valorize tanto a estética quanto a função pedagógica da cartilha.

4. REQUISITOS DE CREDIBILIDADE

O Guia deve obedecer a requisitos de credibilidade que garantam a confiabilidade das informações apresentadas. É fundamental que todo o conteúdo utilize fontes verificáveis e confiáveis, evitando a circulação de dados imprecisos ou não comprovados.

As informações devem ser devidamente citadas e referenciadas, seguindo o padrão escolar ou as normas da ABNT, assegurando transparência e possibilitando a verificação das fontes pelos leitores.

Além disso, recomenda-se a inclusão de links e indicações de agências de checagem de fatos, como Lupa, Aos Fatos e Comprova, oferecendo aos estudantes ferramentas práticas para confirmar informações e desenvolver o hábito da verificação crítica.



Verifique antes de **compartilhar**



Esse Guia Para a Chechagem e Controle da Desinformação consiste na elaboração de um produto informacional que sirva como instrumento pedagógico e educativo, cumprindo as exigências do Mestrado Profissional em Ensino Profissional e Tecnológico (EPT) do IF SertãoPE.

